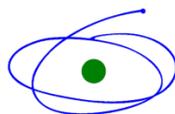




**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA**  
**MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA APLICADA**

**IGOR AUGUSTO DE AQUINO PEREIRA**

**A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA NO CONTEÚDO EMOCIONAL DA EXPRESSÃO  
ESCRITA DE FALANTES DE PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO L1 E  
INGLÊS COMO L2: UMA ABORDAGEM BASEADA NO SISTEMA DE  
AVALIATIVIDADE**



**C A P E S**

**FORTALEZA – CEARÁ**

**2017**

IGOR AUGUSTO DE AQUINO PEREIRA

A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA NO CONTEÚDO EMOCIONAL DA EXPRESSÃO  
ESCRITA DE FALANTES DE PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO L1 E INGLÊS  
COMO L2: UMA ABORDAGEM BASEADA NO SISTEMA DE AVALIATIVIDADE.

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Linguística Aplicada  
como requisito parcial para obtenção do  
grau de mestre em Linguística Aplicada.  
Área de concentração: Multilinguagem,  
cognição e interação.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Henrique  
Lima Praxedes Filho.

FORTALEZA – CEARÁ

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Pereira, Igor Augusto de Aquino Pereira.

A influência da língua no conteúdo emocional da expressão de falantes de português brasileiro como L1 e inglês como L2: uma abordagem baseada no Sistema de Avaliatividade [recurso eletrônico] /

Igor Augusto de Aquino Pereira Pereira. - 2017.

1 CD-ROM: il.; 4 1/2 pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 120 folhas, acondicionado em caixa de DVD Elim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2017.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Orientação: Prof. Ph.D. Pedro Henrique Lima Praxedes Filho.

1. Emoções. 2. Linguística Sistêmico-Funcional. 3. Sistema de Avaliatividade. 4. Psicologia Comportamental. 5. Bilinguismo. I. Título.

IGOR AUGUSTO DE AQUINO PEREIRA

A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA NO CONTEÚDO EMOCIONAL DA EXPRESSÃO ESCRITA DE FALANTES DE PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO L1 E INGLÊS COMO L2: UMA ABORDAGEM BASEADA NO SISTEMA DE AVALIATIVIDADE.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Linguística Aplicada. Área de concentração: Multilinguagem, cognição e interação.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Henrique Lima Praxedes Filho.

Aprovada em: 26/01/2017

BANCA EXAMINADORA



---

Prof. Dr. Pedro Henrique Lima Praxedes Filho (orientador)

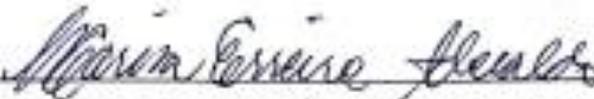
Universidade Estadual do Ceará – UECE



---

Prof. Dr. João Ilo Coelho Barbosa

Universidade Federal do Ceará – UFC



---

Prof. Dr. Marisa Ferreira Aderaldo

Universidade Estadual do Ceará – UECE

Aos que a mim dedicaram todas as  
noites em claro: Maria Scheila de  
Aquino (mãe) e Gilson Carlos Cabral  
Pereira (pai).

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Scheila e Gilson, pelos exemplos de responsabilidade e serenidade, pelos inúmeros sacrifícios feitos e nunca cobrados, pelas histórias e conselhos que fizeram de mim quem sou e, acima de tudo, pelo amor do qual nunca duvidarei.

Aos meus irmãos, Felipe e Hugo, pelas experiências de vida, pelo respeito e pelo apoio. A minhas amigas e amigos, Alíria, Amanda, Demetrius, Darelli, Ítalo, Marla, Rafael, por estarem comigo sempre que precisei, mesmo quando não sabiam disso.

Ao meu orientador, Pedro Henrique Lima Praxedes Filho, pela paciência, profissionalismo e exemplo de apuro pela produção acadêmica.

À Profa. Dra. Antônia Dilamar Araújo e ao Prof. Dr. João Ilo, pelas contribuições relevantes por ocasião da Qualificação deste projeto.

À coordenação e equipe do PosLA, especialmente à secretária Jamille Azevedo, pelo atendimento sempre gentil e prestativo.

À CAPES, pelo apoio financeiro que viabilizou a realização desta pesquisa.

## RESUMO

Estudos na área da Psicologia e da Linguística Aplicada têm investigado as variações nos comportamentos das pessoas de acordo com a língua na qual são inseridas. Como exemplo em Psicologia, afirma-se que pessoas bilíngues, quando em situações de dilemas morais, tendem a posicionar-se utilitariamente quando expostas a tais dilemas em língua diversa de sua língua materna, o que levou à hipótese de que tal fenômeno ocorre devido a uma menor carga emocional eliciada pelo contato com uma língua estrangeira. Por utilitarismo, os autores se referem à defesa do bem coletivo em detrimento da defesa de bens individuais. Por sua vez, em Linguística Aplicada, identificam-se, com base na fundamentação teórica da Linguística Sistêmico-Funcional hallidayana (LSF) e do Sistema de Avaliatividade (SA), variações entre as formas de comunicação realizadas por pessoas bilíngues, que acabam por resultar em uma identidade discursiva indeterminada quando expressa via língua diversa da materna. Partindo desses resultados, esta pesquisa visou a dialogar com os referidos estudos, investigando a emotividade do discurso em línguas diferentes quando em situações de dilemas morais, tendo como fundamentação teórica a LSF e o SA, dentro do qual estão os termos ‘atitude’ e ‘afeto’, relativos à realização de avaliações de caráter emocional. Objetivei 1) verificar se há correlação entre a variação entre línguas e a quantidade e tipologia de manifestações avaliativas de ‘atitude’-‘afeto’ sob a perspectiva do SA; 2) verificar se há correlação entre a variação entre posicionamentos e a quantidade e tipologia de manifestações avaliativas de ‘atitude’ -‘afeto’ sob a perspectiva do SA; 3) examinar a variação entre a quantidade e tipologia de ‘atitude’-‘afeto’ em língua materna e em língua estrangeira e a ocorrência de posicionamentos utilitários. Para tal, utilizei como metodologia a aplicação de questionários para 11 professores brasileiros de língua inglesa, nos quais os referidos participantes precisaram posicionar-se sobre um dilema moral em português e outro dilema moral em inglês. Cada posicionamento foi descrito pelos participantes em um texto escrito. Os textos formaram o *corpus* desta pesquisa, no qual as ocorrências emotivas foram identificadas (através da adequação aos conceitos dos termos de ‘atitude’-‘afeto’), quantificadas e analisadas tipologicamente. As correlações quantitativas entre língua e emotividade e posicionamentos e emotividade foram verificadas através de teste estatístico *T-student*, enquanto as variações tipológicas foram verificadas a partir do aporte conceitual do SA. Como resultados, a análise quantitativa indicou não haver variação significativa entre as

quantidades de realizações de ‘atitude’-‘afeto’ entre línguas ou entre posicionamentos. As variações tipológicas, por sua vez, indicaram variações em estratégias avaliativas tanto entre línguas quanto entre posicionamentos, apresentando variações em aspectos como precisão lexical, maior em língua materna, foco avaliativo, mais positivo em língua estrangeira. Tais resultados foram discutidos tanto com base na LSF como com base na Psicologia Comportamental skinneriana.

**Palavras-chave:** Emoções. Linguística Sistêmico-Funcional. Sistema de Avaliatividade. Psicologia Comportamental. Bilinguismo.

## ABSTRACT

Studies in Psychology and Applied Linguistics have been investigating the variation on people's behavior according to the language they are inserted in. As an example in Psychology, studies state that bilingual people, when in situations with moral dilemmas, tend to take a utilitarian position when exposed to such dilemmas in a language that is different from their mother tongue, proposing that such a phenomenon occurs due to a decreased emotional charge elicited by the exposition to a foreign language. By utilitarianism, the authors refer to the defense of the collective welfare instead of individual rights. In Applied Linguistics, it is identified, based on the theoretical foundation of Halliday's Systemic-Functional Linguistics (SFL) and Appraisal System (AS), that there are variations on the communicative forms realized by bilingual people, which end up resulting in an undetermined discursive identity when expressed in a foreign language. From these results, this research aimed at dialoguing with the referred to studies, investigating emotion in discourse produced in different languages when speakers face moral dilemmas and having as theoretical foundation SFL and the AS, in which the terms 'attitude' and 'affect' are presented as concepts related to emotional appraisal in discourse. I had as objectives 1) to verify if there is correlation between the variation in languages and the quantity and typology of the manifestations of 'attitude'- 'affect', according to the AS; 2) to verify if there is correlation between the variation in moral positioning and the quantity and typology of the manifestations of 'attitude'- 'affect', according to the AS; 3) to examine if there is variation in the quantity and typology of 'attitude'- 'affect' in one's native language and foreign language in utilitarian positioning. To achieve such objectives, the methodology was based on the application of questionnaires to 11 Brazilian English teachers, in which they had to position themselves about a moral dilemma in Portuguese and another one in English. Each positioning was described by the participants in a written text. The texts formed the *corpus* of this research, in which the emotive occurrences were identified (based on the concepts of the AS), quantified and analyzed typologically. The quantitative correlations were verified with the T-student statistic test, while the typological variations were verified through the theoretical foundation of the AS. On the results, the statistical analysis showed no significant variation between the quantities of 'attitude'- 'affect' occurrences in different languages nor in different positionings. The typological variations, on the other hand, indicated variation in appraisal strategies both in

languages and positionings, presenting variation in aspects such as lexical precision, which was greater in the native language, evaluative focus, more positive in the foreign language. Such results were discussed on the basis of both SFL and Skinnerian Behavioral Psychology.

**Key-words:** Emotions. Systemic-Functional Linguistics. Appraisal System. Behavioral Psychology. Bilingualism.

## LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 – Rede de sistemas até o terceiro nível de delicadeza.....	31
Quadro 1 - Conceitos das categorias de ‘atitude’-‘afeto’.....	53
Quadro 2 - Realizações de ‘atitude’-‘afeto’ em textos em L1.....	62
Quadro 3 - Realizações de ‘atitude’-‘afeto’ em textos em L2.....	64
Quadro 4 - Realizações de ‘atitude’-‘afeto’ em textos de descrevem escolha por posicionamento utilitário.....	66
Quadro 5 - Realizações de ‘atitude’-‘afeto’ em textos que descrevem a escolha por posicionamento de defesa de bens individuais.....	68
Quadro 6 - Realizações de ‘atitude’-‘afeto’ em textos que descrevem a escolha de posicionamento utilitário em L1.....	70
Quadro 7 - Realizações de ‘atitude’-‘afeto’ em textos de descrevem escolha de posicionamento utilitário em L2.....	70
Quadro 8 - Itens avaliados pelas realizações inscritas em L1.....	80
Quadro 9 - Itens avaliados pela realizações inscritas em L2.....	81
Quadro 10 - Itens avaliados pelas realizações evocadas em L1.....	84
Quadro 11 - Itens avaliados pelas realizações evocadas em L2.....	86

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Somas dos IFSs de cada texto divididas por língua.....	56
Tabela 2 - Tabela 2 Resultado do teste <i>T-student</i> para variação de ‘atitude’-‘afeto’ entre línguas.....	56
Tabela 3 - Distribuição de ocorrências de ‘atitude’-‘afeto’ entre posicionamentos utilitários entre línguas.....	58
Tabela 4 - Resultado do teste <i>T-student</i> para variação de ‘atitude’-‘afeto’ entre posicionamentos.....	60

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

L1	Primeira Língua
L2	Língua Estrangeira ou Segunda Língua
SA	Sistema de Avaliatividade
LSF	Linguística Sistêmico-Funcional
IFS	Índice de Frequência Simples
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
2	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	22
2.1	LSF E O SA .....	22
2.2	A COMUNIDADE VERBAL E O DESENVOLVIMENTO DISCURSIVO DAS EMOÇÕES .....	34
2.3	ESTUDOS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA E SUBJETIVIDADE .....	39
3	<b>METODOLOGIA</b> .....	46
3.1	TIPO DE PESQUISA .....	46
3.2	PARTICIPANTES.....	46
3.3	<i>CORPUS</i> .....	47
3.4	INSTRUMENTO.....	48
3.5	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS .....	50
3.6	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS .....	50
4	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	56
4.1	RESULTADOS DA ANÁLISE QUANTITATIVA DAS REALIZAÇÕES DE 'ATITUDE' - 'AFETO' .....	56
4.1.1	<b>Variações quantitativas entre línguas</b> .....	56
4.1.2	<b>Variação quantitativa entre posicionamentos</b> .....	59
4.1.3	<b>Variação quantitativa entre línguas em posicionamentos utilitários</b> .....	62
4.2.1	<b>Variações qualitativas entre línguas</b> .....	63
4.2.2	<b>Variações qualitativas entre posicionamentos</b> .....	67
4.2.3	<b>Variações qualitativas entre línguas em descrições de posicionamentos utilitários</b> .....	70
4.3	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	72
4.3.1	<b>Sobre a variação quantitativa entre línguas</b> .....	74
4.3.1.1	Variação estatística.....	74
4.3.1.2	Contraste individual de emotividade entre línguas.....	76
4.3.1.3	Convergências e divergências com Costa <i>et al.</i> (2014) e Lopes (2008).....	78
4.3.2	<b>Sobre a variação tipológica entre línguas</b> .....	80
4.3.3	<b>Sobre a variação tipológica entre posicionamentos</b> .....	90
4.3.4	<b>Variações entre línguas em posicionamentos utilitários</b> .....	92
4.3.5	<b>Discussão dos resultados a partir da Psicologia Comportamental</b> .....	93
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	97
	APÊNDICES .....	102
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE PESQUISA .....	103
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	106
	APÊNDICE C – EXCERTOS DE OCORRÊNCIAS DE 'ATITUDE' - 'AFETO'. .....	108
	ANEXOS.....	115

ANEXO A – REDE DE SISTEMAS DE AVALIATIVIDADE ATÉ O SEXTO NÍVEL DE DELICADEZA.....	116
ANEXO B – TEXTOS DO <i>CORPUS</i> DIGITADOS.....	117

## 1 INTRODUÇÃO

Através das diversas linguagens, o ser humano sistematiza e comunica suas experiências em relação ao ambiente externo e interno (TOURINHO, TEXEIRA, MACIEL, 2000). Sendo uma dessas linguagens, a língua viabiliza a forma de comunicação na modalidade verbal entre usuários de um mesmo sistema linguístico. Esta investigação estuda como a mudança entre línguas – primeira língua (L1) e língua estrangeira (L2)<sup>1</sup> pode demonstrar-se como influente no comportamento de pessoas que falam duas línguas<sup>2</sup>, representando variável controladora, juntamente com outras, do modo como decidem seus posicionamentos frente a questões de moralidade.

A comunicação verbal, como todos os aspectos do cotidiano das pessoas no século XXI, está situada em um contexto de globalização tanto no que toca a difusão de línguas diferentes para várias partes do mundo, como, e não poderia ser diferente numa sociedade capitalista, a dominação entre línguas (RAJAGOPALAN, 2013). A língua inglesa, nessa dinâmica, se apresenta como língua global por uma série de motivos histórica, política, e economicamente justificados, desde a hegemonia econômica inglesa ao longo do século XIX, aos dias atuais, com a soberania político-militar dos EUA.

Além da maior facilidade existente hoje para deslocar-se para outros países, dada a popularização da viagem internacional, ambientes de interação viabilizados através da *internet* (independentemente dos fins de dada interação) têm como característica para os usuários uma necessidade crescente de inserir-se em contextos de uso de língua inglesa. Nesses ambientes, é possível observar que a principal fronteira enfrentada pelas pessoas não é mais espacial, mas linguística e cultural, justificando a demanda pelo aprendizado de novas línguas, em especial o inglês, o que contribui para o fortalecimento do mercado de ensino desta língua e aumento no número de falantes. Tal aumento leva a língua a contextos diversos daqueles dos países em que é

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, as abreviaturas L1 e L2 seguem, como forma de simplificação, a proposta de Praxedes Filho (2007), que opta por expressar na abreviatura L2 tanto o que se entende por SL (Segunda Língua, aquela aprendida em ambiente onde a língua alvo é utilizada pela maior parte da população, seja a aprendizagem em sala de aula ou não), quanto o que se entende por LE (Língua Estrangeira, aquela aprendida em sala de aula, fora de um país em que há uso da língua alvo), de modo que tanto LE como SL estão sempre sob a abreviatura L2; tal simplificação se dá por não haver foco, neste estudo, em diferenciar Segunda Língua de Língua Estrangeira já que os estudos que menciono adiante, assim como este, não consideram a variação SL/LE em suas discussões.

<sup>2</sup> Refiro-me a indivíduos bilíngues consecutivos, com base em Marcelino (2009), sendo estes os que desenvolvem duas línguas em estágios diferentes, diferenciando-se dos bilíngues simultâneos, que desenvolvem duas línguas ao mesmo tempo.

considerada oficial, provocando variações em seus usos, de modo que o termo *World Englishes* existe para abarcar as variações diversas no modo como a língua inglesa é falada ao redor do mundo.

Observa-se, na dinâmica descrita acima, uma nova situação a ser vivenciada no cotidiano daqueles atingidos pela globalização. É possível observar o falante/escritor de duas línguas como alguém cada vez mais presente nas práticas sociais em escala global, podendo-se, inclusive, a título de previsão, indicar que esse será um aspecto predominante na pós-modernidade, se já não o é. Cria-se, principalmente no âmbito das ciências humanas, a necessidade de compreensão desse sujeito em seu aspecto linguístico: em que extensão a inserção numa realidade multilíngue tende a influenciar na condição do ser humano?

Estudos em Psicologia (área com a qual esta pesquisa dialoga) já investigam o papel que uma L2 desempenha na identidade de pessoas bilíngues. Bullio (2010) indica que crianças submetidas a um processo de socialização bilíngue tendem a alterar seu comportamento de acordo com as regras sociais construídas dentro do sistema linguístico do qual se utilizam. Serrani-Infante (1997), em estudo fundamentado em psicanálise e análise do discurso, argumenta a favor de a L1 ser a língua de estruturação do inconsciente, de modo que o uso de uma L2 promove, em alguma medida, uma desestabilização de identidade, dada a alteração nas relações de preponderância da discursividade entre línguas. Tendo como L2 a língua de sinais, Gesueli (2006) estuda o papel desta língua no desenvolvimento de uma identidade pessoal e de uma cultura surda, concluindo que o desenvolvimento tardio da língua de sinais pode operar um distanciamento do processo de significação do mundo, quando as pessoas surdas são inseridas exclusivamente em práticas significativas a partir da interação com a comunidade ouvinte não falante de língua de sinais.

Especificamente nesta investigação, dialogo com o estudo de Costa *et al.*(2014). Os referidos autores questionam se as pessoas podem ser influenciadas em alguma medida a posicionar-se acerca de uma determinada situação de modo diferente dependendo da língua na qual uma situação se apresenta. Essa preocupação tem sua relevância dado o já referido contexto de crescente número de pessoas inseridas em ambientes bilíngues ou mesmo cotidianos em que precisem fazer uso exclusivo de uma L2, além de situações em que o inglês aparece como língua mediadora entre pessoas de várias nacionalidades (como reuniões de chefes de Estado).

O estudo de Costa *et al.*(2014) relata evidências estatísticas de que, ao serem expostas a dilemas morais em L2, pessoas bilíngues tendem a posicionar-se de modo referido pelos autores como ‘utilitário’. Um posicionamento utilitário é aquele que prioriza o bem-estar de um número maior de pessoas em detrimento dos direitos de uma (COSTA *et al.*, 2014). Um posicionamento utilitário está, portanto, em oposição a um posicionamento de defesa de bens individuais, que prioriza a defesa de direitos pessoais inalienáveis, como o direito à vida. Inicialmente, os autores discutem a perspectiva que parte do senso comum: posicionamentos morais acerca do que é ‘certo’ ou ‘errado’ (ou moralmente permissível ou não) resultam apenas de reflexões conscientes e princípios não relacionados a aspectos irrelevantes ao dilema (COSTA *et al.*,2014). A língua na qual essa reflexão é feita seria um desses aspectos irrelevantes, porém, a investigação que cito parte do princípio de que outras variáveis, como a língua, podem influenciar no resultado desses posicionamentos.

Os autores tiveram o intuito de verificar a que tipo de posicionamento moral o uso de uma L2 estaria mais relacionado, refletindo sobre duas hipóteses, sendo a segunda a que defendem: 1) o uso de uma L2 leva a uma ‘sobrecarga cognitiva’, o que diminui a capacidade de elaborar um pensamento racional, resultando em menos posicionamentos utilitários; 2) o uso de uma L2 apresenta reações menos emotivas, o que contribui para uma reflexão mais racional, relacionando L2 a posicionamentos utilitários. Para a elaboração da segunda hipótese, os autores basearam-se nos resultados de estudos conduzidos por Dewaele (2004 *apud* COSTA *et al.*, 2014) e Pavlenko (2005 *apud* COSTA *et al.*, 2014). Em seus resultados, Costa *et al.*(2014) apontam para uma maior ocorrência de posicionamentos utilitários tomados por aqueles que foram apresentados ao problema em L2. Os autores teorizam que isso possivelmente se dá como resultado de uma menor presença de reações emocionais quando em face de situações em L2, o que leva a uma reflexão mais racional acerca do problema apresentado.

Ao colocar as línguas em uma posição não costumeiramente pensada pelo senso comum, estudos como esse desnaturalizam o que costumeiramente se pensa acerca do papel delas em nosso cotidiano. Desse modo, dialogam com estudos em Linguística Aplicada (LA) que se debruçam sobre tais questões e possíveis problemáticas por elas gerados. Se utilizar um sistema linguístico diverso daquele que

desenvolvemos primeiro é fator de controle que age a forma de expressão e conteúdo de nossos posicionamentos, é necessário que sejam investigados aspectos desse processo.

Em LA, a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), como vista em Halliday (1994) bem como em Halliday e Mathiessen (2004), surge como possibilidade de construir uma caracterização compreensiva da pessoa bilíngue<sup>3</sup>, abrangendo, inclusive, a dinâmica descrita em parágrafos anteriores. Partindo desse quadro teórico, o Sistema de Avaliatividade (SA), como apresentado em Martin e White (2005) enseja a possibilidade de análise de textos falados ou escritos da perspectiva dos sistemas semânticos utilizados pelos indivíduos para se posicionarem avaliativamente/interpretativamente em suas representações subjetivas das experiências humanas cotidianas, o que é particularmente útil na análise de conteúdos emocionais explícitos ou implícitos no discurso dos falantes/escritores.

Um exemplo de estudo nesse sentido foi produzido no Brasil, por Lopes (2008), em pesquisa, com a qual também dialogo, preocupada em discutir como se dá a construção da identidade dos sujeitos quando se faz necessário o uso da língua inglesa. A autora parte da perspectiva da teoria da interlíngua (língua do aprendiz de L2) para defender que, por estar a língua do aprendiz inserida numa zona afastada tanto da L1 quanto da L2, o indivíduo tem suas possibilidades de construção da própria identidade via ação verbal, na realidade, indeterminadas. A autora realiza uma análise via SA da questão sobre a identidade construída por falantes bilíngues a partir do pressuposto de que, quando se comportando em L2, eles lidam com um hiato entre aquilo que querem dizer e o que seu domínio dos sistemas da L2 permite, esta análise contribui para desenvolver o conhecimento sobre o indivíduo bilíngue. A pesquisadora chega a resultados que apontam para o que ela conceitua como indeterminação (LOPES, 2008) da identidade daqueles que tentam expressar-se avaliativamente fora de sua L1, observando a diminuição na ocorrência de várias categorias de avaliatividade nos textos produzidos em inglês.

Em especial no âmbito da Análise do Discurso, as pesquisas em Linguística Aplicada têm muito a oferecer (além do que se discute acerca do ensino e da aprendizagem de línguas) para outros campos das ciências humanas, particularmente

---

<sup>3</sup> Uma das aplicações da LSF é “entender os vários aspectos do papel da língua na comunidade e no indivíduo: multilinguismo, socialização, ideologia, propaganda etc.” (HALLIDAY, 1994, p. xxix). Texto-fonte: “to understand many aspects of the role of language in the community and the individual: multilingualism, socialization, ideology, propaganda, etc.” Esta tradução e as demais doravante são de minha autoria.

por já dialogar com esses campos no momento em que são produzidas, devido a sua natureza transdisciplinar (MOITA LOPES, 1998). No caso deste estudo, estabeleço uma interface entre a Psicologia do Comportamento, especialmente o quadro teórico relativo ao comportamento verbal como socializador das emoções, e a teorização subjacente ao SA desenvolvido por Martin e White (2005) a partir da LSF hallidayana, de modo a viabilizar a investigação acerca da relação entre língua e posicionamento moral. A escolha de tal abordagem dentre as possibilidades pertencentes à área da Psicologia se dá por afinidade deste pesquisador, estudante de Psicologia, e pelas aproximações entre as concepções skinnerianas acerca do funcionamento do comportamento verbal em relação ao ambiente e a arquitetura inerente à LSF, que aborda o contexto de situação (ambiente) como parte do fenômeno linguístico.

No arcabouço da LSF, o SA tem se apresentado como interessante ferramenta para a produção de análises linguísticas de significados interpessoais da comunicação verbal por meio da categorização de suas realizações no estrato lexicogramatical da língua. No quadro teórico da LSF, a semântica se constitui de três funções universais: a metafunção ideacional, a metafunção interpessoal e a metafunção textual. A primeira possibilita as representações, que são subjetivas, do mundo experiencial cotidiano e o sequenciamento dessas representações; a segunda viabiliza tanto as trocas de informações e bens-e-serviços entre os participantes da interação em seu contexto quanto a construção de suas identidades a partir de como avaliam, e a terceira permite a estruturação interna do texto, seus aspectos de coesão e coerência (PRAXEDES FILHO; MAGALHÃES, 2015).

Mais especificamente, o SA, no estrato da semântica e relacionado à metafunção interpessoal, opera com a ideia de sistemas inter-relacionados cuja ligação se dá por níveis de delicadeza numa rede de sistemas, cada sistema sendo formado por um conjunto de termos “mutuamente excludentes/não simultâneos ou simultâneos dentre os quais o falante/escritor faz escolhas” (PRAXEDES FILHO; MAGALHÃES, 2015, p. 108). Cada termo que escolhemos em sistema de um dado nível é condição para a entrada em sistema de um nível mais refinado no qual fazemos outra escolha. Inicialmente, após a entrada no SA, as escolhas dividem-se nas categorias de ‘atitude’, em que se avaliam sentimentos, de ‘engajamento’, que apresenta os marcadores de diálogo avaliativo do falante/escritor com seu próprio texto e seus interlocutores e de ‘gradação’, pela qual as avaliações são acentuadas ou mitigadas (LOPES, 2008). Essas

categorias são os termos do sistema de primeiro nível de delicadeza: TIPOS DE AVALIATIVIDADE. Passando desse nível, chega-se ao sistema TIPOS DE ATITUDE, em que um dos termos é ‘afeto’, particularmente importante para esta investigação porque se relaciona às avaliações de sentimentos emotivos, foco deste estudo. A lógica desse sistema nos permite observar componentes avaliativos de textos realizados em situações cotidianas. Portanto, trabalhamos aqui com a temática específica da avaliatividade via SA (com foco no sistema TIPOS DE ATITUDE e, neste, o termo ‘afeto’) e sua variação entre línguas, discutindo as consequências dos resultados observados para os significados que são produzidos por falantes/escritores bilíngues em questionamentos sobre a moralidade.

A pesquisa que apresento objetivou investigar a relação entre a tomada de uma decisão de posicionamento moral feita por pessoas brasileiras bilíngues (de português como L1 e inglês como L2) e a língua em que a decisão é tomada. Para viabilizar essa investigação, objetivamos especificamente:

- 1) Verificar se há correlação entre a variação entre línguas e a quantidade e tipologia de manifestações avaliativas de ‘atitude’-‘afeto’ sob a perspectiva do SA.
- 2) Verificar se há correlação entre a variação entre posicionamentos e a quantidade e tipologia de manifestações avaliativas de ‘atitude’-‘afeto’ sob a perspectiva do SA.
- 3) Examinar a variação entre a quantidade e tipologia de ‘atitude’-‘afeto’ em L1 e em L2 e a ocorrência de posicionamentos utilitários.

As perguntas que mobilizaram a realização da investigação aqui relatada são:

- 1) Existe variação quantitativa e tipológica quanto às manifestações avaliativas de ‘atitude’-‘afeto’ em brasileiros bilíngues de acordo com a língua em que se expressam, se em L1 ou L2?
- 2) Existe variação quantitativa e tipológica quanto às manifestações avaliativas de ‘atitude’-‘afeto’ em brasileiros bilíngues de acordo com o posicionamento que assinalam, se utilitário ou de defesa de bens individuais?

- 3) Como variam quantitativa e tipologicamente as manifestações avaliativas de ‘atitude’-‘afeto’ em L1 e L2 em textos sobre posicionamentos utilitários?

A lacuna investigada a partir do estudo de Costa *et al.* (2014) é o estabelecimento efetivo da relação entre categorias emocionais e o posicionamento indicado pelos sujeitos analisados, através de experimento que investigue a manifestação de avaliações emocionais e a tomada de posicionamentos ao mesmo tempo. O preenchimento desta lacuna pode apontar para a confirmação da hipótese formulada na pesquisa que cito, abrindo caminho para um novo olhar sobre as consequências da inserção em contextos bilíngues para a identidade daqueles submetidos a essa possibilidade, o que justifica a investigação.

A partir do estudo de Lopes (2008), a pesquisa que descrevo se justifica por representar um aumento no número de sujeitos pesquisados sob a perspectiva por ela proposta, restringindo a análise a um termo específico da avaliatividade, já que a autora trabalha com o sistema TIPOS DE ATITUDE de modo geral. Além disso, a partir da discussão dos resultados, relaciono as formulações sobre identidade trazidas pela autora a formulações da Psicologia do Comportamento acerca do mesmo tema.

Para além desta introdução, as seções seguintes deste trabalho se dividem em três capítulos. Na fundamentação teórica, Capítulo 2, discorro sobre os pontos relevantes da LSF e do SA que estruturam a análise dos textos que compõem o *corpus* desta investigação; além disso, também descrevo aspectos da Psicologia do Comportamento skinneriana que ajudaram na discussão dos resultados observados neste estudo e, por fim, aprofundo os estudos de Costa *et al.* (2014) e Lopes (2008), no sentido de localizar a presente investigação entre os resultados obtidos pelo primeiro e o aporte teórico da outra.

A metodologia, Capítulo 3, consiste na descrição dos procedimentos realizados na construção e análise do *corpus*, desde a aproximação dos participantes até a categorização dos dados. No Capítulo 4, apresento e discuto os resultados observados a partir das bases teóricas descritas no Capítulo 2.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Apresento aqui uma exposição do aporte teórico que sustenta este estudo. Como já foi referido, investigo a relação entre o uso de uma L2 e a variação na forma de expressão das emoções por sujeitos bilíngues brasileiros que utilizam o inglês no Brasil como L2 e posicionamentos morais; procuro estabelecer uma interface entre os resultados de experimento feito em Psicologia, que indica uma maior propensão à tomada de decisões enviesadas para a defesa da coletividade em detrimento do individual quando posta uma situação em L2, e a maneira como as emoções são expressas diversamente, ou não, entre línguas. Para tanto, apresento um diálogo entre o que se diz sobre o desenvolvimento das emoções em sociedade, como discutido por Skinner (2003) em suas elaborações sobre o comportamento verbal, e os resultados apresentados na análise do *corpus* desta pesquisa via Sistemas de Avaliatividade, em acordo com a proposta de Martin e White (2005). Também serão considerados, posteriormente, os achados teóricos e suas implicações para a explicação do fenômeno observado no experimento de Costa *et al.* (2014) e sua relação com os resultados apresentados em Lopes (2008).

Inicialmente, para apresentar de modo satisfatório o SA, é invariavelmente necessário que seja construído um entendimento sobre a LSF, como apresentada em Halliday e Matthiessen (2004), por ser ela a origem do SA, elaborado por Martin e White (2005). Após essa exposição, segue, na mesma seção, a resenha sobre o SA em si. Na seção seguinte, trato da perspectiva de Skinner (2003) sobre o comportamento verbal e a construção social das emoções, considerando a relação entre essas teorias e suas consequências para o que se observa no comportamento de indivíduos bilíngues. Por fim, dedico uma seção para o detalhamento dos estudos de Costa *et al.* (2014) e Lopes (2008).

### 2.1 LSF E O SA

Em sua exposição sobre os conceitos básicos para o estudo da língua, Halliday e Matthiessen (2004) deixam clara a perspectiva sob a qual pretendem estabelecer sua teoria. Partindo de uma perspectiva funcionalista, os autores se propõem a estudar a língua “a partir do ponto de vista de como ela cria e expressa significado”<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup>Texto-fonte: “[...] from the standpoint of how it creates and expresses meaning”. Esta tradução e as demais doravante são de minha autoria.

(HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 21). Disso podemos compreender que a abordagem funcionalista da teoria com a qual trabalho não se propõe a observar a língua apenas para compreender sua lógica interna, mas opera com a língua criando e expressando significados dentro de um quadro comunicativo maior, tendo a consciência que a organização interna de uma língua se presta à função que se pretende desempenhar através dela em sociedade. A língua é vista aqui também como um sistema considerado em seu ponto de vista holístico, em que cada aspecto deve ser compreendido em referência e contribuição ao quadro geral, não apenas como um encaixe de partes separadas, tal como uma compreensão estruturalista formalista de termos fixos desligados de seu contexto.

Irei deter-me aqui na sistematização que os autores elaboram sobre a arquitetura da língua de um modo geral para que se possa compreender onde está situada a avaliabilidade. Praxedes Filho e Magalhães (2015) resumem o arcabouço da LSF, partindo do estrato extralinguístico dos contextos de cultura e de situação. A cultura se refere ao contexto geral e abrangente da sociedade, no qual se localiza todo o potencial linguístico, ou a língua em sua inteireza; a situação representa o contexto imediato de instanciação de parte restrita do sistema linguístico, sendo o *locus* da enunciação, ou melhor, o lugar social onde os textos falados ou sinalizados e escritos são construídos. O contexto de situação é definido por três variáveis que pretendem abarcar os elementos constituintes do evento comunicativo. São eles: o campo do discurso, as relações do discurso e o modo do discurso.

O ‘campo’ do discurso é a variável em que se observa a ação social em andamento, assuntos e objetivos comunicativos relacionados à prática discursiva dentro de uma atividade social específica (PRAXEDES FILHO; MAGALHÃES, 2015, p. 106). Os participantes de determinada ação social e o modo como desempenham seus papéis estão na variável ‘relações’ do discurso, que se preocupa com a maneira pela qual diferentes atores sociais e as relações entre eles promovem a realização de diversos aspectos do sistema linguístico (PRAXEDES FILHO; MAGALHÃES, 2015, p. 107). O ‘modo’ do discurso, por fim, é a variável que abarca as diversas formas em que a língua pode se realizar textualmente; estão aqui variações de meio (escrito, falado ou sinalizado), canal (gráfico ou fônico) e modo retórico (narração, descrição, dissertação etc.) (PRAXEDES FILHO; MAGALHÃES, 2015, p. 108).

A partir de cada uma das variáveis descritas acima, existe um tipo de

significado ou metafunção que é ativada no estrato da semântica no sistema linguístico<sup>5</sup>. A variável ‘campo’ ativa os significados ideacionais, que podem ser experienciais (metafunção ideacional-experiencial) ou lógicos (metafunção ideacional-lógica). Os significados ideacionais-experienciais são aqueles através dos quais os indivíduos representam, a partir de suas subjetividades e de modo ideologicamente situado, suas experiências cotidianas (internas e externas). Por sua vez, os significados ideacionais-lógicos são aqueles através dos quais as representações das experiências são combinadas em complexos experienciais (PRAXEDES FILHO; MAGALHÃES, 2015, p. 106). A variável ‘relações’ ativa os significados interpessoais de negociação (metafunção interpessoal-negociação) e avaliatividade (metafunção interpessoal-avaliatividade). Os participantes de um contexto de situação interagem, trocando experiências subjetivamente representadas em complexos experienciais através da metafunção interpessoal-negociação, e construindo identidades a partir da expressão de posicionamentos e avaliações, o que lhes é viabilizado por meio da metafunção interpessoal-avaliatividade (PRAXEDES FILHO; MAGALHÃES, 2015, p. 107). Finalmente, a variável ‘modo’ ativa os significados textuais, que desempenham a metafunção textual de compor a materialização de nossos discursos em textos de forma a viabilizar a realização das outras duas metafunções (PRAXEDES FILHO; MAGALHÃES, 2015, p. 108).

O SA, construto que é utilizado neste estudo, está situado no estrato da semântica e, nela, na metafunção interpessoal. Cabe, agora, dizer que a realização lexicogramatical dos significados avaliativos se dá por meio do sistema de modalidade e vários outros recursos tanto lexicais quanto estruturais. Quanto à realização lexicogramatical dos diversos tipos de significados, Praxedes Filho e Magalhães (2015) informam

que os significados ideacionais-experienciais ativam e são realizados pela lexicogramática de transitividade, os significados ideacionais-lógicos, pela lexicogramática de relações tácticas e lógico-semânticas, os significados interpessoais relativos à negociação, pela lexicogramática de modo, **os significados interpessoais relativos à avaliatividade, pela lexicogramática de modalidade (modalização de declarações e perguntas e modulação de ofertas e comandos), bem como pelos [demais] recursos lexicogramaticais avaliativos** e os significados textuais, pelas lexicogramáticas de tema e informação. (PRAXEDES FILHO; MAGALHÃES, 2015, p. 107, ênfases minhas)

---

<sup>5</sup> Se são três as variáveis que caracterizam o contexto de situação, são três as metafunções. As metafunções ou tipos de significados são as funções universais da linguagem verbal.

A análise do *corpus* do estudo aqui proposto não irá, no entanto, ter foco específico na observação da lexicogramática de modalidade, mas nos demais recursos lexicogramaticais avaliativos, visto ser nestes que se realizam os tipos de significados aqui investigados dentro do SA, enquanto a lexicogramática de modalidade realiza significados avaliativos que dizem respeito à subrede de ‘engajamento’, fora do escopo desta pesquisa.

Também chamo atenção aqui para a realização dos significados ideacionais-experienciais via lexicogramática de transitividade. Embora fora do que é realizado pela metafunção interpessoal, o conteúdo experiencial representado nas orações de um texto é uma das maneiras pelas quais avaliações de sentimentos emotivos podem estar implícitas num texto. No escopo da lexicogramática de transitividade, a estrutura da hierarquia lexicogramatical ‘oração’ é esta: Participante→grupo nominal + Processo→grupo verbal + (Participante→grupo nominal) + (Circunstância→grupo adverbial ou frase preposicionada). Os Processos podem ser materiais (fazer / acontecer), mentais (sentir), relacionais (ser / estar / ter), verbais (dizer), existenciais (existir) ou comportamentais (expressar comportamento). Partindo do Processo realizado na oração, Participantes e Circunstâncias são classificados de acordo com a relação que estabelecem com tais Processos. Em Processos materiais, os Participantes possíveis podem ser Atores e Metas; em Processos mentais, Experienciadores e Fenômenos; em Processos relacionais, Portadores e Atributos ou Identificadores e Identificados; em Processos verbais, Dizentes e Verbiagens; em Processos existenciais, Existente e, por fim, em Processos comportamentais, o Participante é classificado como Comportante.

A oração construída por essa configuração (Processos + Participantes + Circunstâncias) se constitui por determinada situação do mundo experiencial que por ela é representada. O conteúdo experiencial representado na combinação desses constituintes oracionais pode conter avaliação implícita de sentimentos emotivos, sobre as quais comento adiante.

A LSF, então, teoriza o sistema linguístico do falante/escritor desde o processo semiótico de ativação dos significados pelo contexto de situação, passando pelo processo semiótico cognitivo de ativação das formas lexicogramaticais pela semântica até, finalmente, o processo semiótico físico de expressão fônica ou sinalizada e gráfica por meio do sistema de sons ou sinais (fonologia) ou de símbolos gráficos

(grafologia). O texto falado ou escrito, como se pode concluir, resulta de todo um processo dialógico entre o meio social e os sistemas de significados, de formas e de expressões intrínsecos à língua.

De acordo com Vian Jr. (2010), os mecanismos de avaliação que realizamos através da lexicogramática partem de uma vasta gama de possíveis escolhas baseadas no sistema da língua. Uma possível forma de classificar esses recursos pode ser encontrada no trabalho de Martin e White (2005), que, baseado na perspectiva da LSF, permite observar os mecanismos de avaliação e desenvolver metodologias de análise destes. A metodologia em questão estrutura-se na noção de sistemas interligados em redes nas quais o usuário da língua adentra para fazer escolhas semânticas ou lexicogramaticais. No desempenho da metafunção interpessoal-avaliatividade, o enunciador entra, então, no SA, que é uma rede semântica de sistemas para fazer escolhas dos significados que veicularão seus posicionamentos e avaliações, sendo as escolhas disponibilizadas em dado sistema chamadas de ‘termos do sistema’. Praxedes Filho e Magalhães (2015) assim definem uma rede de sistemas:

Uma rede de sistemas é um conjunto de sistemas inter-relacionados, cuja organização relacional dá-se por meio dos níveis de delicadeza da escala de delicadeza ou refinamento/detalhamento. Um sistema, por sua vez, é um conjunto de termos mutuamente excludentes/não simultâneos dentre os quais o falante/escritor faz escolhas. Cada rede de sistemas tem uma condição de entrada inicial que estabelece seu ambiente/escopo e enseja que sejam feitas escolhas dentre os termos dos sistemas no primeiro nível de delicadeza, os mais gerais. (PRAXEDES FILHO; MAGALHÃES, 2015, p. 108)

O/A enunciador/a inicia escolhendo o termo considerado condição de entrada – ‘avaliatividade’ –, pois ele/ela quer avaliar. Essa escolha lhe dá acesso ao primeiro grande sistema da rede de sistemas de avaliatividade: TIPOS DE AVALIATIVIDADE. Dentro desse sistema, podem ser observadas três áreas de significados avaliativos, que são os termos por ele disponibilizados para escolha (podem ser escolhidos isolada ou simultaneamente): ‘atitude’ (avaliação dos sentimentos emotivos, éticos e estéticos), ‘engajamento’ (avaliação por meio do diálogo entre a voz autoral e outras vozes avaliativas no universo da intertextualidade) e ‘gradação’ (avaliação por meio do aumento ou diminuição das avaliações por ‘atitude’ e ‘engajamento’). Cada um destes termos origina uma subrede com novos sistemas e seus respectivos termos para escolha, que se expande em diferentes níveis de delicadeza (refinamento/especificidade). Não nos deteremos, aqui, nas subredes ‘engajamento’ e ‘gradação’, já que o foco da análise, o conteúdo emocional, está no detalhamento da subrede ‘atitude’, onde está o sistema

TIPOS DE ATITUDE, mas continuarei a exposição das outras para que se possa ter uma melhor visualização da rede de modo geral.

O ‘engajamento’ lida com os recursos com os quais o falante/escritor pode posicionar-se em relação ao discurso de outros quando o apresenta em sua própria fala/escrita. No ‘engajamento’, são observados os momentos em que outras vozes são reportadas ou citadas no texto e como o autor se posiciona em relação a elas, de modo a reconhecer sua validade, contra-argumentar, afirmar ou negar etc. O ‘engajamento’ é regionalizado por duas categorias que se excluem entre si, a de ‘monoglossia’ (somente a voz avaliativa do próprio autor) e a de ‘heteroglossia’ (a voz avaliativa do autor em diálogo com outras vozes avaliativas). É através delas que o discurso apresenta posicionamentos que podem ou não ser somente do próprio autor (MARTIN; WHITE, 2005).

A ‘gradação’ debruça-se sobre o texto notando os recursos com os quais os falantes/escritores graduam suas avaliações, aumentando ou diminuindo um sentimento ou posicionamento dialógico através de duas categorias: a de força – por meio dela se intensifica ou se enfraquece um posicionamento através de intensificadores, repetições, quantificadores indefinidos, uso de comparativos e superlativos ou escolhas lexicais específicas – e a de foco, em que se pode ajustar o nível de prototipicidade de um posicionamento (MARTIN; WHITE, 2005).

Voltando nosso foco para a subrede ‘atitude’, Vian Jr. (2010) identifica, de acordo com os autores que desenvolveram o SA, três atitudes avaliativas, cada uma correspondente a um termo dentro do sistema TIPOS DE ATITUDE. São recursos para a expressão de sentimentos relativos: às emoções das pessoas, sob o termo ‘afeto’; à ética quanto ao comportamento das pessoas, sob o termo ‘julgamento’; e à estética quanto à aparência e valor das coisas, pessoas e fenômenos, sob o termo ‘apreciação’. Aqui, mais uma vez, limitamos nosso foco ao termo ‘afeto’, tendo em vista que é neste ponto do SA que podemos acessar o conteúdo emocional da produção verbal dos usuários da língua. Frisamos, no entanto, que Martin e White (2005, p. 45) descrevem as escolhas de ‘julgamento’ e ‘apreciação’ como formas institucionalizadas de expressão do que é abarcado no termo ‘afeto’, o que possibilitaria a inclusão desses tipos de ‘atitude’ em nossa análise. Contudo, optamos aqui pela análise apenas da variação ‘afeto’ como sendo a expressão mais nítida do que costumeiramente se entende por emoções. O ‘afeto’ trata dos recursos disponíveis para a construção das avaliações de

reações emocionais, como no exemplo abaixo, que se refere ao sentimento após os ataques de 11 de setembro de 2001, em língua inglesa:

The terrible events of the past week have left us with feelings – in order of occurrence – of **horror, worry, anger**, and now, just a **general gloom**. (Mourning 2001). (Ênfases dos autores) (MARTIN; WHITE, 2005, p. 35)<sup>6</sup>

Os autores indicam seis fatores em que se basearam para a classificação de ‘afeto’. São os seguintes (MARTIN; WHITE, 2005, p. 46-49):

1. As emoções expressas são culturalmente consideradas positivas ou negativas?
2. As emoções resultam numa manifestação comportamental paralinguística/extralinguística ou são uma experiência interna realizada por um processo mental em andamento?
3. As emoções são realizadas como direcionadas a/causadas por um determinado gatilho emocional ou representam um ‘estado de espírito’ sem razão específica?
4. Em uma escala contínua, as emoções são graduadas como expressando intensidade de nível mais alto ou mais baixo?
5. As emoções envolvem intenção relacionada a um estímulo real ou irreal?
6. As emoções estão relacionadas às variáveis de in/felicidade (“emoções relativas a ‘assuntos do coração’ – tristeza, ódio, felicidade e amor”), in/segurança (“emoções relativas ao bem-estar ecossocial – ansiedade, medo, confiança e segurança”) e/ou in/satisfação (“emoções relativas à ... consecução de objetivos – tédio, desgosto, curiosidade, respeito”)<sup>7</sup> (p. 49).

Essas variáveis constituem-se, na subrede ‘atitude’ da rede de sistemas de avaliatividade, nos termos à disposição para escolha no sistema TIPOS DE AFETO. Como já sinalizado no primeiro fator, os termos do sistema TIPOS DE ATITUDE, onde

<sup>6</sup> Tradução: Os eventos terríveis da semana passada nos deixaram com sentimentos – em ordem de ocorrência – de **horror, preocupação, raiva**, e agora, apenas uma **melancolia geral**. (Mourning 2001). (Ênfases dos autores) (MARTIN; WHITE, 2005, p. 35)

<sup>7</sup> Na fonte: “...emotions concerned with ‘affairs of the heart’ – sadness, hate, happiness and love ... emotions concerned with ecossocial well-being – anxiety, fear, confidence and trust ... emotions concerned with telos (the pursuit of goals) – ennui, displeasure, curiosity, respect”.

está o termo ‘afeto’, são escolhidos em simultaneidade com os termos do sistema POLARIDADE (‘positivo’, ‘negativo’ ou ‘ambíguo’<sup>8</sup>). Há, ainda, outro sistema simultâneo ao sistema TIPOS DE ATITUDE: TIPOS DE REALIZAÇÃO DE ATITUDE. Sobre os termos deste sistema, Praxedes Filho e Magalhães dizem que

[O]s termos/escolhas do segundo [sistema: TIPOS DE REALIZAÇÃO DE ATITUDE] são ‘**inscrita**’ (explicitamente realizada) ou ‘**evocada**’ (implicitamente realizada). Enquanto a realização inscrita dá-se por meio de itens lexicais e/ou estruturas que são declaradamente avaliativos (“Um menino corajoso de 5 anos salvou sua irmã de um incêndio”), a realização evocada acontece ou por provocação em meio ao uso de metáforas lexicais (menor nível de implicitude) (“Um menino de 5 anos agiu como adulto e retirou sua irmã de um incêndio”) ou por convite-sinalização por meio de avaliação de ‘gradação’ (dentre outros meios) (nível intermediário de implicitude) (“Um menino tentou muito retirar sua irmã de um incêndio”) ou por convite-propiciação por meio do conteúdo ideacional-experiencial representado na configuração Processo-Participantes-Circunstâncias (maior nível de implicitude) (“Um menino de 5 anos retirou sua irmã de um incêndio”). (ênfases dos autores) (PRAXEDES FILHO; MAGALHÃES, 2015, p. 109)

É a partir desse aporte teórico-metodológico que foi feita a análise do *corpus* aqui investigado, buscando identificar contrastes nas ocorrências das categorias apresentadas entre textos escritos em português e em inglês, bem como entre aqueles que justificam um posicionamento moral utilitário ou a proteção de um bem individual, como explicado a seguir.

Apesar de outros tipos de avaliação de sentimentos estarem fora do escopo da pesquisa que aqui relato, sigo com a apresentação de toda a subrede de ‘atitude’ no primeiro nível de delicadeza de modo breve.

O ‘juízo’ é relacionado aos recursos de avaliação de comportamento a partir de princípios normativos gerais que permeiam o evento discursivo. No exemplo abaixo, esse tipo de ‘atitude’ pode ser observado na crítica ao primeiro ministro australiano e seu governo:

Worse, this is a **mean** administration, a **miserly, mingy, minatory** bunch if ever there was one. [Carlton 2000: 38] (Ênfases dos autores) (MARTIN; WHITE, 2005, p. 36)<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Trata-se de termo acrescentado por Praxedes Filho e Magalhães (2013; 2015), seguindo Bednarek (2008; 2010). As emoções ambíguas são aquelas não claramente positivas ou negativas. Este termo, porém, não foi parte da categorização aqui efetuada, seguindo, nesse sentido, Martin e White (2005).

<sup>9</sup> Tradução: Pior, essa é uma administração cruel, um bando **mesquinho, avarento, ameaçador**, para dizer a verdade. [Carlton 2000: 38] (Ênfases dos autores) (MARTIN; WHITE, 2005, p. 36)

Para finalizar os tipos de ‘atitude’, a ‘apreciação’ opera com os recursos que são utilizados para a valoração dos objetos e eventos. Dessa vez, Martin e White (2005) nos apresentam o exemplo de uma avaliação de uma obra de Stevie Ray Vaughn, feita por fãs:

... and, as a bonus, a **very psychedelic, destructive** (literally!), **cathartic** and **liberatory** version of Jimi Hendrix’s ‘Third stone from the sun’. [Amazon.com online reviews] (Ênfases dos autores) (MARTIN; WHITE, 2005, p. 36).<sup>10</sup>

Reafirmo que a ferramenta de análise aqui utilizada foi o SA a partir das categorias de análise, já apresentadas, propostas por Martin e White (2005) e desenvolvidas em Bednarek (2008), Vian Jr *et al.* (2010), Lopes (2008), Praxedes Filho e Magalhães (2013) e Praxedes Filho e Magalhães (2015). Especificamente, foi a partir das propostas desses autores que desenvolvi a forma de identificação e categorização das realizações lexicogramaticais dos significados relacionados às avaliações dos sentimentos emotivos a partir do *corpus* desta investigação.

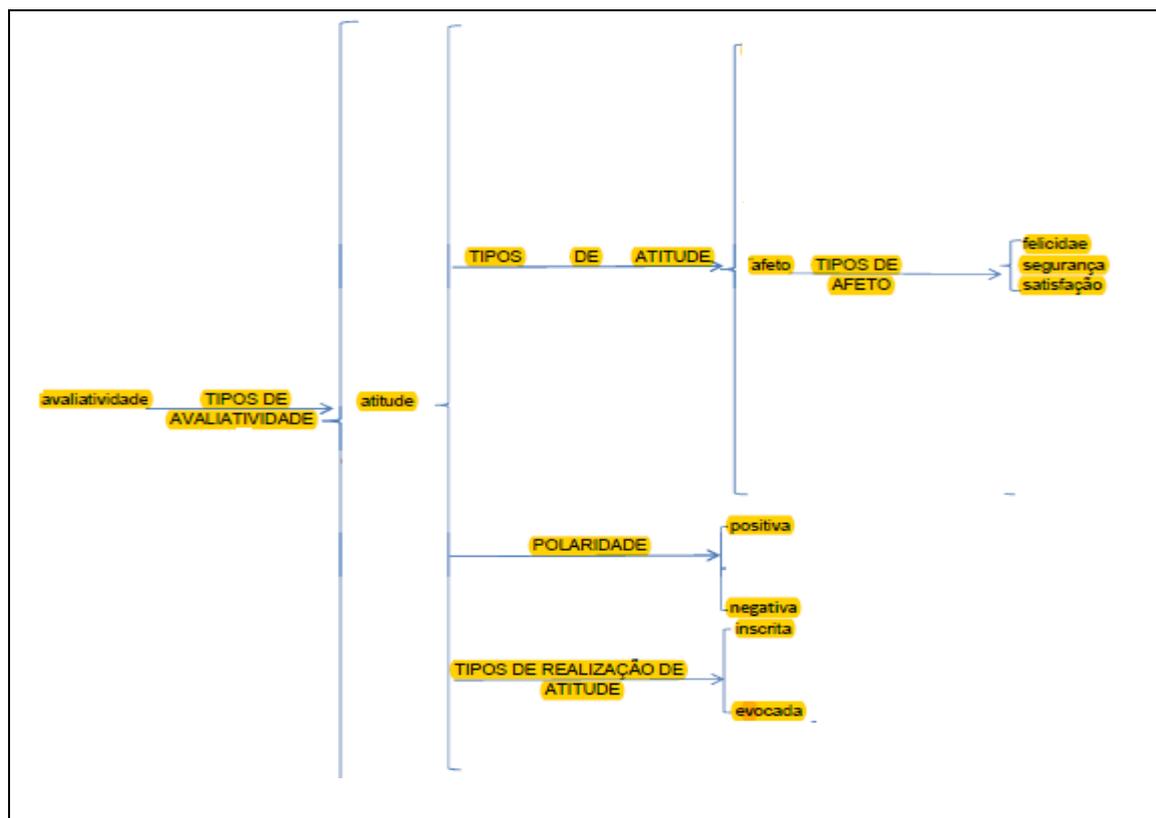
As realizações foram identificadas somente até o terceiro nível de delicadeza<sup>11</sup>, de modo a identificar apenas a existência de ‘afeto’, seguindo o percurso: escolha do termo ‘avaliatividade’, que leva ao sistema TIPOS DE AVALIATIVIDADE; nesse, escolha do termo ‘atitude’, que leva ao sistema TIPOS DE ATITUDE; nesse, escolha do termo ‘afeto’, que, por fim, leva ao sistema TIPOS DE AFETO, no qual estão os termos ‘felicidade’, ‘segurança’ e ‘satisfação’. Dentro do que é apresentado em Praxedes Filho e Magalhães (2015), a partir de adaptação para esta investigação, vê-se:

---

<sup>10</sup>Tradução:..e, como um bônus, uma versão **bastante psicodélica, destrutiva** (literalmente!), **catártica** e **libertadora** de ‘third stone from the sun’ de Jimi Hendrix. [Amazon.com online reviews] (Ênfases dos autores) (MARTIN; WHITE, 2005, p. 36).

<sup>11</sup>A rede completa está no ANEXO A

**Figura 1 - Rede de sistemas de avaliatividade até o terceiro nível de delicadeza.**



Fonte: Adaptada de Praxedes Filho e Magalhães (2015, p. 130)

Após a escolha do termo ‘atitude’ dentro do sistema TIPOS DE AVALIATIVIDADE, ocorre a entrada nos sistemas simultâneos TIPOS DE ATITUDE, POLARIDADE e TIPOS DE REALIZAÇÃO DE ATITUDE. Como ‘afeto’ é um dos termos do sistema TIPOS DE ATITUDE e como sua escolha leva ao sistema TIPOS DE AFETO, esse sistema é também simultâneo aos sistemas POLARIDADE e TIPOS DE REALIZAÇÃO DE ATITUDE. Assim sendo as combinações possíveis são: ‘felicidade’-‘positiva’-‘inscrita’ / ‘felicidade’-‘positiva’-‘evocada’ / ‘felicidade’-‘negativa’-‘inscrita’ / ‘felicidade’-‘negativa’-‘evocada’ / ‘segurança’-‘positiva’-‘inscrita’ / ‘segurança’-‘positiva’-‘evocada’ / ‘segurança’-‘negativa’-‘inscrita’ / ‘segurança’-‘negativa’-‘evocada’ / ‘satisfação’-‘positiva’-‘inscrita’ / ‘satisfação’-‘positiva’-‘evocada’ / ‘satisfação’-‘negativa’-‘inscrita’ / ‘satisfação’-‘negativa’-‘evocada’.

Martin e White (2005, p. 46) descrevem a realização do ‘afeto’ como sendo feita através de uma série de estruturas lexicogramaticais que modificam Participantes e Processos. Enquanto os Participantes podem ser modificados por Epítetos (grupos adjetivais que os descrevem) e Atributos (Participantes pós-Processo relacional que

caracterizam Participantes pré-Processo relacional), os Processos podem ser modificados por Circunstâncias. O ‘afeto’ ainda pode ser realizado por meio de Processos mentais afetivos<sup>12</sup> e comportamentais bem como por Adjuntos modais. Além destas realizações, citam também as nominalizações de qualidades e Processos.

- a) Epítetos – ex. *A sad captain.*
- b) Atributos – ex. *The captain was sad.*
- c) Circunstâncias – ex. *The captain left sadly.*
- d) Processos mentais – ex. *His departure upset him.*
- e) Processos comportamentais – ex. *The captain wept.*
- f) Adjuntos modais – ex. *Sadly, he had to go.*
- g) Nominalizações de qualidades e Processos, como alegre → alegria e entristecer → tristeza – ex. *joy, sadness, sorrow e grief, constriction in his throat*<sup>13</sup>. (Martin e White, 2005, p. 46)

Para além desses usos, presentes de forma inscrita (ou seja, explícita) no léxico atitudinal, também levei em consideração as realizações evocadas/implícitas de ‘atitude’-‘afeto’. Como já comentado, são aquelas realizadas via seleção de significados ideacionais que evocam avaliações de caráter emocional mas não fazem uso de um léxico direto para expressar algo que está sendo sentido. Chamo novamente atenção para esse aspecto de análise devido ao questionamento acerca do componente de subjetividade indesejada que é trazido para a análise. Sobre isso os autores afirmam:

O argumento geral aqui é que a seleção de significados ideacionais é suficiente para evocar avaliação, mesmo na ausência de léxico atitudinal que nos diga diretamente como nos sentimos. Em primeira impressão, pode parecer que analisar a avaliação evocada por seleções ideacionais introduz um elemento não desejado de subjetividade na análise. Por outro lado, evitar avaliação evocada desse tipo contribui com a sugestão de que significado ideacional é selecionado sem relação com as atitudes que ele causa – um posicionamento que consideramos insustentável. (MARTIN; WHITE, 2005, p. 62)<sup>14</sup>

<sup>12</sup>Além dos afetivos, há os mentais cognitivos e perceptivos (HALLIDAY, 1994).

<sup>13</sup>Em português: Um capitão triste; O capitão estava triste; O capitão partiu tristemente; Sua partida o incomodou; O capitão chorou; Tristemente, ele teve que ir; Alegria, tristeza, aflição, pesar, constrição em sua garganta.

<sup>14</sup>Texto fonte: The general point here is that the selection of ideational meanings is enough to invoke evaluation, even in the absence of attitudinal lexis that tells us directly how to feel. At first blush it might seem that analysing the evaluation invoked by ideational selections introduces an undesirable element of subjectivity into the analysis. On the other hand, avoiding invoked evaluation of this kind

Sobre essas realizações, destaco que são consideradas como tais aquelas que representem significado emotivo sem uso de léxico inerentemente emotivo. Isso significa dizer que Processos como amar, odiar, temer, sentir culpa etc. foram classificados como realizações inscritas, enquanto outros Processos como acreditar, (não) saber, pensar etc., juntamente com os outros elementos da figura experiencial representada (Participantes e Circunstâncias), foram categorizados como realizações evocadas.

Como apontam os autores, ainda que haja adição de elementos da subjetividade do analista na consideração de significados ideacionais como avaliação de atitude, ignorar sua participação na produção de tais avaliações inviabiliza uma análise compreensiva do carácter avaliativo do texto. Para explicitar a ação do analista em relação ao texto, recomendam:

Nesse contexto, é importante diferenciar entre subjetividade individual e social – entre leitores como respondentes idiossincráticos e comunidades de leitores posicionadas por configurações específicas de gênero, geração, classe, etnia e in/capacidade. Ao analisar avaliação evocada é certamente crítico especificar a posição do leitor o máximo possível no que diz respeito às variáveis anteriores; e também declarar se o analista lê o texto complacente, resistente ou taticamente. (MARTIN; WHITE, 2005, p. 62)<sup>15</sup>

Isso significa dizer que a posição social do analista deve estar explícita bem como a relação que este estabelece com o texto. No caso desta investigação, a análise, feita ao longo do ano de 2016, parte de um fortalezense, homem, heterossexual, pardo, graduado em Letras/Licenciatura com habilitação em língua inglesa, mestrando em Linguística Aplicada e graduando em Psicologia, tratando-se de uma análise de carácter tático por tratar-se de uma leitura cujo objetivo social difere daquele para o qual o texto foi escrito (MARTIN;WHITE, 2005): descrever a tomada de um posicionamento moral. Esse contexto deve ser levado em consideração na leitura da análise de realizações evocadas de ‘atitude’-‘afeto’.

---

amounts to a suggestion that ideational meaning is selected without regard to the attitudes it engenders – a position we find untenable. (MARTIN; WHITE, 2005, p. 62)

<sup>15</sup>Texto fonte: In this context it is important to distinguish between individual and social subjectivity – between readers as idiosyncratic respondents and communities of readers positioned by specific configurations of gender, generation, class, ethnicity and in/capacity. When analysing invoked evaluation it is certainly critical to specify one’s reading position as far as possible with respect to the latter variables; and also to declare whether one is reading a text compliantly, resistantly or tactically.

Acredito que, para uma discussão que se propõe trabalhar com emoções no âmbito da Linguística Aplicada, se faz necessário recorrer a outras áreas de conhecimento para que se possa produzir resultados mais abrangentes. O quadro teórico que exponho a seguir será de especial importância na discussão dos resultados da análise do *corpus*.

## 2.2 A COMUNIDADE VERBAL E O DESENVOLVIMENTO DISCURSIVO DAS EMOÇÕES

Sigo, nesta seção, com algumas elaborações da Psicologia comportamental skinneriana, com o objetivo de construir uma maior compreensão sobre o conceito de emoção, além da teoria já apresentada.

Fica muito claro, no uso cotidiano que fazemos de nossas línguas, quando estamos nos expressando emotivamente; costumamos atribuir às emoções que dizemos sentir os nossos comportamentos e ações, dizendo, por exemplo, que choramos porque estamos tristes ou que sorrimos porque estamos felizes. É necessário, no entanto, para que se possa refletir sobre a questão das emoções e suas implicações, que se defina o que elas são e como elas agem sobre o comportamento do indivíduo.

Skinner (2003) debruça-se sobre essa questão, em especial pelo viés epistemológico de sua teoria – dentro do qual é recusado o pensamento dualista que entende mente e corpo como entidades separadas –, de modo que a emoção humana não é entendida como uma força motivadora que surge na mente e faz com que o indivíduo realize uma ação<sup>16</sup>. A proposta skinneriana é de que – em concordância com a ‘teoria James-Lange’ –, perceber o estado emocional é um tipo de comportamento; desse modo, no repertório de comportamentos encapsulado no que chamados, por exemplo, de ‘entristecer-se’, percebemos a emoção tristeza. Nesses comportamentos, encontramos as alterações fisiológicas que costumamos atribuir às emoções que sentimos; inicialmente, a proposta de investigação consistiria em ligar as emoções reportadas pelos indivíduos às alterações fisiológicas relacionadas, mas logo o pesquisador percebeu que tais alterações não eram exclusivas das emoções, pois poderiam ocorrer em outras circunstâncias (Skinner exemplifica o estado de um organismo depois de um exercício pesado) ou mesmo ocorrer de modo não específico entre diferentes emoções.

---

<sup>16</sup> A atribuição ‘mental’ dos processos dentro da LSF deve ser vista apenas como categorização de um tipo de comportamento como interno, não como uma ação desempenhada pelo que o senso comum compreende como mente.

Além dessa problemática na definição de emoções, segundo Skinner (2003), há também a questão de que emoções são possíveis de serem emuladas (via ações como o sorrir, o grunhir, o chorar) via comportamento operante (aquele que opera sobre o ambiente e é afetado pelas alterações que provoca, tendo sua regulação influenciada pelas consequências dessa alteração), ou seja, esses comportamentos também não são suficientes para definir satisfatoriamente a diversidade de emoções reais.

O autor, então, vai além da relação entre emoções e seus componentes fisiológicos para observar que as emoções reportadas costumeiramente têm também uma ligação com o ambiente no qual ocorrem, com os comportamentos esperados do indivíduo nesses ambientes e com a propensão sentida pelo indivíduo a agir de determinada forma, como se vê nas passagens abaixo:

Alguém “que ama” mostra uma grande tendência para auxiliar, favorecer, estar com, e cuidar de, e uma pequena inclinação para ofender de qualquer maneira. No medo, o homem tende a reduzir ou evitar contato com estímulos muito específicos – correndo, escondendo-se, ou cobrindo os olhos e os ouvidos; [...] Os nomes das assim chamadas emoções servem para classificar o comportamento em relação a várias circunstâncias que afetam sua probabilidade. (SKINNER, 2003, p. 178)

A partir da passagem acima, podemos ver como Skinner (2003) concebe as emoções como predisposições a determinados comportamentos a partir da probabilidade que uma atitude tem para acontecer sob as influências exercidas pelo ambiente.

Além do entendimento já exposto sobre emoções dentro do escopo da análise do comportamento, também é interessante para o trabalho ora proposto, que se discuta outros dois aspectos presentes no arcabouço psicológico com o qual estou trabalhando aqui: a ideia de que o que nosso vocabulário define como uma emoção específica nem sempre se refere a uma mesma operação e àquilo que Skinner compreende como o uso prático das emoções. A raiva, por exemplo, quando em circunstâncias diferentes, varia de quantas formas forem essas circunstâncias:

Novamente, a interrupção de uma sequência estabelecida de respostas tem, em geral, um efeito emocional, mas quando alguém não pode escrever uma carta por não ter caneta, ou não pode abrir uma porta porque está trancada do outro lado, ou não pode conversar com alguém que é inteiramente surdo, ou não pode falar a mesma língua, os efeitos resultantes podem diferir em tantos modos quantas as diferentes circunstâncias. Agrupá-los todos juntos como “condições frustradoras” e descrever todas as mudanças no comportamento

como “raiva” é uma simplificação enganadora. (SKINNER, 2003, p. 181-182)

Isso é particularmente importante quando pensamos em termos de impossibilidade de construir, mesmo que através do sistema linguístico, formas de representar completamente nossas experiências subjetivas, conceituadas por Skinner (2003) como eventos privados. Sobre o uso prático das emoções, Skinner comenta sobre a possibilidade de estímulos verbais produzirem-nas, não através de uma simples demanda, mas através de um estímulo eliciador, seja ele condicionado ou incondicionado:

Os reflexos, como vimos, não podem ser executados segundo a demanda, como “comportamento voluntário”. O poeta que exclama: “Oh, chorai por Adonais!” não espera que o leitor realmente responda dessa maneira, segundo o pedido. Não há relação interpessoal que permita a uma pessoa evocar comportamento emocional em outra, de acordo com essa fórmula. A única possibilidade é usar um estímulo eliciador, seja ele condicionado ou incondicionado. O “dramalhão”, como já notamos, é um trabalho literário destinado a induzir secreção de lágrimas. Outros repertórios verbais destinam-se a evocar o riso. (SKINNER, 2003, p. 186)

Vejo especial importância nessa noção para esta investigação, por representar uma alternativa de explicação para a relação entre a possibilidade de expressar mais emoções em L1 e efetivamente ter essas emoções como fator preponderante no resultado de uma reflexão sobre uma situação que exija um posicionamento avaliativo de caráter moral, como, por exemplo, as situações propostas aos participantes da pesquisa de Costa *et al.*. (2014).

Dada uma visão geral sobre o entendimento a respeito das emoções, torna-se indispensável a compreensão do que é dito por Skinner (2003) sobre como a significação das emoções é aprendida socialmente via comunidade verbal. Em sua concepção sobre a língua e o comportamento verbal, o autor defende que o comportamento verbal, como comportamento, tem aspecto especial por ter seu reforço via efeito sobre as pessoas (inicialmente, outras, mas eventualmente o próprio falante). Outra noção importante é a de que a forma de comportamento verbal de um indivíduo depende das práticas da comunidade verbal a que pertence, sejam elas mais toscas ou mais elaboradas, de maior ou menor exigência de semelhança com as formas padronizadas e não dependem de suporte ambiental: usar um garfo demanda a presença efetiva do garfo, mas dizer ‘garfo’, não. Isso possibilita uma vasta abrangência de

possibilidades para que ocorra o comportamento verbal e requer especial atenção por possibilitar que o falante torne-se também ouvinte da própria fala, reforçando amplamente seu próprio comportamento.

A noção descrita acima contribui para este trabalho em dois aspectos, pois pode representar uma explicação para a relação entre línguas e posicionamentos, observada em Costa *et al.* (2014), tendo em vista que traz a possibilidade de influência do comportamento verbal sobre outros comportamentos, inclusive reflexos, como sentir fome ou medo. Além disso, oferece, como será exposto a seguir, uma noção sobre a construção social das emoções via comportamento verbal, o que tem relação direta com a discussão aqui proposta.

Skinner (1974, p. 80) defende que “diferentes comunidades verbais modelam e mantêm línguas diferentes no mesmo falante, o qual possui então repertórios diferentes que exercem efeitos semelhantes em ouvintes diferentes”. O desenvolvimento e uso dos repertórios verbais na perspectiva da análise do comportamento entende que foi a partir do desenvolvimento do comportamento verbal que os seres humanos passaram a ter a capacidade de relatar uns aos outros comportamentos privados, aqueles que não podem ser observados pela comunidade geral. É através do comportamento verbal que se ensina com relativa precisão os modos de referir-se a objetos e eventos exteriores, observáveis por todos, nomeados e entendidos pela semelhança que cada indivíduo identifica ao ter contato com algo nomeado por outros, como as cores, por exemplo. É de maior complexidade, no entanto, que se ensine aos indivíduos as formas adequadas de compartilhamento (via qualquer língua) de eventos privados como as sensações experienciadas por cada indivíduo em sua privacidade:

A comunidade não pode seguir a mesma prática [de elogio e correção] para ensiná-la [à criança] a descrever os estados de seu próprio corpo porque não dispõe das informações necessárias para poder elogiá-la ou corrigi-la. (SKINNER, 1974, p. 24)

Desse modo, temos que o problema da privacidade é resolvido através da referência a condições públicas correlatas, associando contingências externas semelhantes a sensações consequentes próprias. A tristeza, por exemplo, não representa com exatidão a mesma experiência de dois indivíduos, mas é ensinada pela comunidade verbal pela aproximação dos eventos que cercam o aprendiz, convencionados como sendo eventos produtores de uma emoção convencionada como tristeza. O falante, por

sua vez, aprende a relatar a tristeza a partir do evento privado que experienciou, sendo essa emoção eliciada pelos mesmos eventos sob os quais aprendeu a nomear tal sentimento ou não. Outra forma indicada por Skinner para o desenvolvimento de um repertório verbal referente a emoções é a referência a efeitos colaterais. Isso diz respeito à forma como a comunidade nomeia comportamentos observados no indivíduo: àquele que ingere líquidos com muita voracidade, por exemplo, é dito que está com sede, e essa passa a ser uma forma verbal de descrever a sensação privada que o levou àquele comportamento.

Ao relatarmos emoções, portanto, sob essa perspectiva, estamos utilizando um repertório verbal que representa uma experiência privada que não necessariamente está em concordância exata com a dos demais indivíduos da comunidade que nos cerca. No entanto, de modo privado, essa forma de representação pode estruturar nossas emoções de modo a eliciar comportamentos específicos a partir do que pensamos, fazendo uso do repertório do qual dispomos, especialmente quando lidamos com abstrações e emoções não imediatamente presentes, tendo ao nosso dispor a língua para materializar de alguma forma nossos estados físicos<sup>17</sup>.

A teoria descrita acima é de especial importância para a análise aqui proposta por operar sob a perspectiva de que o comportamento verbal elicia outros comportamentos não apenas nos interlocutores externos ao indivíduo, mas no próprio indivíduo. Esse ponto de vista sugere uma ponte entre o uso de um repertório verbal no que diz respeito ao relato de emoções e a sua influência sob outros comportamentos, em nosso caso, a tomada de uma decisão de tipo específico, que, no caso, tem a ver com questões morais.

É importante pontuar dois aspectos epistemológicos referentes à LSF e à Psicologia Comportamental que se tornam relevantes para as análises deste estudo. A LSF, ao referir-se à subjetividade das representações expressas via língua constrói, de modo análogo ao que é feito em Psicologia Comportamental, a ideia de nomear via língua um evento privado que, como defende Skinner (1974), pode ou não ser a mesma experiência para duas pessoas diferentes, havendo a possibilidade de, por vezes, experiências diversas serem verbalizadas através das mesmas escolhas

---

<sup>17</sup>Aqui se faz necessário deixar claro que, por não partir de uma diferenciação entre estados físicos e mentais do corpo, a análise do comportamento opera com a perspectiva que emoções não são 'estados mentais', mas sim estados corporais que se manifestam conjuntamente sob uma estrutura fisiológica específica.

lexicogramaticais; desse modo, duas pessoas que dizem sentir ‘paz’ em face de um belo por do sol, podem ou não estar experienciando o mesmo sentimento que representam sob a palavra ‘paz’. Essa possibilidade não afasta o contrário, já que, também via escolhas diferentes, a mesma experiência subjetiva possa ser representada. Além disso, friso que o termo ‘escolha’ utilizado em LSF não indica uma autonomia de uso da língua pelo falante em relação ao ambiente em que está inserido, mas o uso de um fraseado dentre outros que o substituiriam em ambientes com contingências diversas.

### 2.3 ESTUDOS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA E SUBJETIVIDADE

Comentei acerca dos estudos desenvolvidos pela Psicologia que concernem aos reflexos do uso de uma L2, que, inclusive, refletem a preocupação de outras áreas de conhecimento com a questão do bilinguismo na dinâmica da globalização. Os experimentos realizados por Costa *et al.* (2014), citados anteriormente, revisitam um dado levantado por pesquisadores da Linguística Aplicada para propor uma nova hipótese acerca da relação ‘língua’ x ‘moralidade’. Os autores baseiam-se em estudos da Linguística Aplicada como os de Pavlenko (2005) e Dewaele (2004), que retratam a ligação entre bilinguismo e emoções, relacionando a menor presença dessas em produções em L2 e a alteração em posicionamentos morais.

É importante para este trabalho uma melhor compreensão do estudo de Costa *et al.* (2014) para a construção da relação língua x moralidade. Os autores estudam, como apresentado no capítulo introdutório, a relação entre o uso de uma L2 e a tomada de uma decisão de natureza moral. Para isso, trabalham com dois tipos de decisão, retirados de conceitos da Psicologia, sendo eles o tipo de decisão produto de um julgamento deontológico (aquele construído a partir de regras de conduta pré-estabelecidas) e o tipo de decisão produto de um julgamento utilitário (aquele que resulta de uma reflexão que busca o bem maior) (COSTA *et al.*, 2014). A hipótese dos autores é de que quando em face de um dilema utilizando a L2, as pessoas tendem à tomada de uma decisão resultante de um posicionamento utilitário. Para verificar sua hipótese, os pesquisadores que aqui cito realizam um experimento que se propõe a comparar quantitativamente os posicionamentos utilitários tomados quando o dilema é apresentado em L1 e quando é apresentado em L2.

Seus experimentos consistiram na apresentação de uma narrativa na qual os sujeitos do experimento precisam imaginar-se observando um bonde em rota de colisão

com cinco indivíduos, colisão essa que pode ser evitada caso o observador empurre um indivíduo na frente do bonde, sacrificando-o para salvar os outros cinco. Os autores defendem que o sacrifício constitui um posicionamento utilitário, investido emocionalmente pelo ato de produzir a imagem de si matando outra pessoa, violando o direito individual à vida de um (fator relevante para um julgamento deontológico) em prol do bem maior, a manutenção da vida dos demais. A hipótese dos pesquisadores, de que o uso de uma L2 está relacionada a uma maior tendência ao posicionamento utilitário, se provaria correta caso a decisão pelo sacrifício se demonstrasse mais presente nos casos em que os sujeitos da experiência lidassem com uma L2.

Dois experimentos foram feitos para verificar a hipótese levantada: o primeiro experimento foi feito com 112 sujeitos falantes/escritores de inglês com espanhol como L2 nos Estados Unidos, 80 coreanos com inglês como L2 na Coreia, 107 falantes/escritores de francês com inglês como L2 na França e 18 falantes/escritores de inglês ou espanhol com hebraico como L2. Separados de forma aleatória, 158 sujeitos foram apresentados à narrativa em L1 e 159 em L2. Em ambos os casos, a narrativa foi acompanhada de uma imagem descrevendo a cena e questionário sobre o posicionamento escolhido.

Os resultados quantitativos apontaram uma média de 13% mais posicionamentos utilitários nos pesquisados que receberam as narrativas/questionários em L2. O segundo experimento, feito para compensar a possibilidade de existir uma aleatoriedade nas respostas, modifica a narrativa de modo que o sacrifício não seria mais feito ao empurrar um indivíduo para a morte, mas realizar um desvio, ao puxar uma alavanca, que ainda resultaria em sua morte, mas tendo carga emocional diminuída pela mudança da situação proposta. Caso haja aleatoriedade nas respostas dadas, segundo os autores, essa possibilidade representaria estatisticamente uma variação de 50% entre os novos resultados e os resultados do experimento 1. A diminuição do fator emocional incitada pela narrativa busca indicar, caso as decisões utilitárias aumentem de modo geral, que a hipótese da influência da carga emocional nesses posicionamentos está correta. Dessa vez, a amostra foi constituída de 725 participantes, 397 falantes/escritores de espanhol com inglês como L2 e 328 falantes/escritores de inglês com espanhol como L2. Os resultados do experimento 2 apontam que a possibilidade de aleatoriedade não é fator preponderante na análise, visto que a variação de 50% não foi verificada. Foi observado, como esperado, um aumento na porcentagem de

posicionamentos utilitários nas duas línguas, dessa vez com 26% a mais de decisões utilitárias em L2, confirmando a hipótese da influência emocional e, conseqüentemente, a da língua utilizada.

Dado o foco hipotético do estudo descrito acima no questionamento acerca das emoções e o objeto de estudo desta investigação sendo a realização discursiva destas, é importante estabelecer aqui algumas considerações sobre o que se conceitua como emoção que seja relevante para uma melhor compreensão do objeto estudado. Bednarek (2008) apresenta um levantamento do que se discute sobre emoções e sua relação com o discurso. A autora defende que a construção do conhecimento sobre emoções e, em particular, o discurso relacionado a elas constitui o estudo de uma das características humanas mais fundamentais. Descreve que, ainda que este campo tenha fundamental importância, o posicionamento que se tem acerca das emoções é pouco definido, oscilando entre conceituações positivas e negativas na cultura ocidental.

Chamo atenção para o que a autora traz à tona no tocante ao que se construiu historicamente na filosofia ocidental sobre emoções:

A visão das emoções como irracionais provavelmente remonta às observações de Platão e Darwin sobre emoções e expressões emocionais (Oatley *et al.* 2006:58). Suas concepções como perigosas e incontroláveis são refletidos em frequentes falas sobre controle emocional em entrevistas (Lutz 1990, Parrot 1995), e discurso psicológico (por exemplo Fiehler 1990:60, Ekman 1992:189). O aspecto do controle também é muito importante na construção metafórica das emoções, com foco na tentativa de ter controle, perda de controle ou falta de controle (Kovecses 2000: 43). Isso está materializado na metáfora ‘mestra’ para emoção: A EMOÇÃO É UMA FORÇA (Kovecses 2000: 17) [...]. (BEDNAREK, 2008, p. 3)<sup>18</sup>

É possível observar nessa descrição que as emoções têm sido culturalmente conceituadas a partir de um afastamento de uma racionalidade legitimada dentro da cultura ocidental, sendo compreendida como um fenômeno exterior que subjuga o indivíduo. No entanto, como já dito, conceituações sobre emoções não são bem elaboradas e as tentativas de estabelecê-las vêm desde a antiguidade. Os

---

<sup>18</sup>Texto fonte: The view of emotions as irrational probably goes back as far as Plato’s and Darwin’s observations on emotions and emotional expression (Oatley *et al.* 2006: 58). Their conception as dangerous and uncontrollable is reflected in frequent talk about emotional control in interviews (Lutz 1990, Parrott 1995), and psychological discourse (for example, Fiehler 1990: 60, Ekman 1992: 189). The aspect of control is also very important in the metaphorical construction of emotions, with a focus on attempt at control, loss of control and lack of control (Kövecses 2000: 43). It is embodied in the ‘master’ metaphor for emotion, EMOTION IS FORCE. (Kövecses 2000: 17)

questionamentos sobre emoções em especial nos âmbitos da sociologia, psicologia e linguística ainda buscam responder a alguns aspectos fundamentais, como:

O que é uma emoção? Como podemos definir emoções?  
 Qual é a estrutura das emoções?  
 Como as emoções podem ser diferenciadas umas das outras?  
 Como as emoções podem ser estudadas, mensuradas e descritas?  
 As emoções são inatas (biológicas) e universais ou adquiridas e culturalmente construídas?  
 Existem emoções básicas (inatas, universais, primárias, cognitivamente proeminentes) e quais são elas?  
**Qual é a relação entre os recursos linguísticos (produzir etiquetas para as emoções) e a experiência emocional?** (BEDNAREK, 2008, p. 5, ênfases minhas)<sup>19</sup>

O consenso estabelecido atualmente, no entanto, localiza a emoção em um espaço entre o cultural e o inato, relegando alguns aspectos do comportamento emocional ao âmbito biológico (como as ações do sistema nervoso autônomo, o sistema límbico, algumas expressões faciais etc.) enquanto outros são compreendidos como produtos da socialização. Estes últimos aspectos são estudados a partir da perspectiva de que os comportamentos humanos são influenciados por normas culturais e crenças sobre experiências e expressões emocionais. Isso implica dizer que a cultura dita regras de manifestação, correspondência e codificação acerca de quais emoções e como elas devem se apresentar em adequação com quais contextos sociais (BEDNAREK, 2008).

A autora comenta ainda sobre aspectos que podem influenciar a socialização das emoções, como a arte, a relação parental e outros contextos micro e macrosociais. A relação entre linguística e emoções como objeto de estudo ainda é, segundo a Bednarek (2008), recente e bastante difusa em várias abordagens que estabelecem interesse em diferentes aspectos do fenômeno. Dentre estas abordagens, está a abordagem sistêmico-funcional, interessada no afeto e sua ligação com o SA, relacionado à função interpessoal da língua. Essa é a abordagem presente nesta investigação.

---

<sup>19</sup> Texto fonte: What is an emotion? How can emotions be defined?

What is the structure of emotions?

How can emotions be distinguished from each other?

How can emotions be studied, measured, and described?

Are emotions innate (biological) and universal, or acquired and culturally construed?

Are there 'basic' (innate, universal, primary, cognitively salient) emotions and what are they?

What is the relation between linguistic resources (providing labels for emotions) and emotional experience?

Dialogando com a área de Linguística Aplicada em si, a pesquisa que relato aqui interage com o estudo de Lopes (2008), no qual a autora utiliza o SA para discutir a construção da identidade do falante/escritor bilíngue brasileiro quando utilizando a língua inglesa. Lopes (2008) debate a representação via L2 como um afastamento dos discursos familiares, investigando especificamente a indeterminação na produção discursiva em língua inglesa operando com a ideia de Vereza (2002) de que, nessa situação, existe um hiato de sentido entre aquilo que o falante gostaria de dizer e aquilo que ele efetivamente diz na sua produção em língua estrangeira (VEREZA, 2002). À pesquisadora interessa, em seu trabalho, discutir a seguinte indagação:

Se considerarmos o discurso como espaço de construção da identidade do falante/escritor e de sua representação para si e para o outro (RAJAGOPALAN, 2006), como é para o sujeito a situação de ter de construir discurso em L2 a partir de formas provisórias, escassas e imprecisas que nem sempre refletem o conteúdo da sua intenção? (LOPES, 2008, p. 2)

Lopes (2008) refere-se, em sua pesquisa, ao conceito de indeterminação em L2, presente em Vereza (2002), e ao SA (MARTIN; WHITE, 2005) como aporte teórico-metodológico para a avaliatividade. Parte da perspectiva de indeterminação, de natureza semântica, como o descompasso sentido pelo falante/escritor entre a forma expressa e o conteúdo que ele atribui a sua produção. Esse descompasso geraria um estranhamento (a autora cita Revuz, (2006)) proveniente da vivência com a própria língua materna e o ideal de falar a L2 como um nativo, sendo que este representa o objetivo a ser alcançado e medida da avaliação da própria expressão. Vereza (2002) denuncia que o usuário de uma língua sempre está limitado àquilo que pode dizer. Essa limitação, porém, é encoberta pela familiaridade que temos com nossas línguas maternas e percebida uma vez que estamos face ao uso de uma L2. Esse movimento põe em xeque a relação entre a língua e a identidade do sujeito. A expressão em L2 constitui-se como um discurso que se constrói à revelia do falante/escritor, produzindo sentidos novos e inesperados que separam a expressão do falante/escritor da imagem que ele produziu sobre si (VEREZA, 2002). O SA, apresentado por Lopes (2008) como principal referência na análise dos dados, é definido pela autora da seguinte forma:

A teoria se desenvolve em torno das seguintes três categorias-chave: (1) atitude, ligada aos sentimentos, opiniões e juízos de valor do falante/escritor; (2) gradação, que engloba recursos de intensificação e precisificação dos significados; e (3) engajamento, categoria que reúne marcadores do diálogo do falante/escritor com seu próprio texto e seus interlocutores (vozes de referência e grau de comprometimento com essas vozes). Vale observar que, os significados atitudinais geralmente se realizam linguisticamente pelos

adjetivos e a gradação pelos advérbios. O engajamento se realiza por uma série variada de recursos sinalizadores das fontes das proposições e do alinhamento ou não do falante/escritor a essas fontes, tais como: marcas do discurso reportado (projeção: “ele disse que”); a negação, a concessão e as conjunções adversativas (contestadores de expectativas compartilhadas); locuções de modalização (“pode”, “deve”, “provavelmente”, “é possível que”), entre outros. (LOPES, 2008, p. 6)

As categorias citadas foram definidas como o quadro de unidades analíticas da pesquisa, ou seja, a forma de análise dos dados retirados de seu *corpus*. Finalmente, para verificar a hipótese de indeterminação mais marcada das realizações de avaliatividade em discursos produzidos em L2, foram acessados textos de natureza interpretativa produzidos mediante questionários referentes a contos trazidos em língua inglesa. Os sujeitos da pesquisa (estudantes de inglês avançado matriculados nos cursos de graduação ou especialização em Letras português/inglês da Universidade Federal Fluminense) responderam, em duplas, a questionários em língua inglesa e posteriormente em língua portuguesa, tendo as respostas sido gravadas e transcritas. Como resultados, de modo breve, podemos comentar que a autora identificou indícios que apontam para a função identitária do discurso como desencadeadora de indeterminação no discurso em L2. Como base para esse resultado, a autora se utiliza dos conceitos de *key* e *stance*:

Essa discussão está fundamentada nos conceitos de *key* e *stance* (MARTIN, WHITE, 2005), planos abstratos de descrição dos recursos da Valoração correspondentes a padrões de manifestação, contextualmente motivados, destes recursos. No domínio dessa pesquisa, o primeiro conceito está associado a determinados regimes enunciativos característicos do plano discursivo da prosa metaliterária (BALOCCO, 2003). O segundo, por sua vez, pode ser entendido como sendo as estruturas discursivas efetivamente expressas nos textos dos participantes de pesquisa. (LOPES, 2008, p. 9)

A autora utiliza esses conceitos para estabelecer um contraste entre os movimentos discursivos esperados dentro de um determinado contexto (*key*) e aqueles que são efetivamente realizados pelos falantes/escritores no momento em que estão inseridos de fato em tais contextos (*stance*). A indeterminação, segundo a autora, está indicada no distanciamento que ocorre, especialmente em L2, entre esses dois movimentos, distanciamento esse identificado através da variação entre a precisão lexical que ocorre entre línguas, já que

[o] apoio do falante de língua estrangeira em formas mais indiretas de realização dos valores atitudinais pode ‘mascarar’ um eventual vazio lexical no campo dos significados avaliativos, que, na descrição de Martin e White (2005), estão associados à expressão da subjetividade do falante/escritor nos textos. (LOPES, 2008, p. 82)

O trabalho de Lopes (2008) abre espaço para que se adentre mais profundamente na análise via Sistema de Avaliatividade do ponto de vista dos termos do sistema TIPOS DE ATITUDE – mais especificamente o termo ‘afeto’ –, para observar não apenas os componentes discursivos indicativos de uma indeterminação, mas as formas como a expressão efetiva dos falantes/escritores criam uma nova determinação de sua identidade para seus interlocutores. Além disso, o diálogo com as propostas acerca do fator emocional trazidas pela Psicologia nos possibilitará sugerir relações entre as formas como as emoções se constituem a partir da língua (Skinner, 2003), como podemos categorizar essas formas via SA e como elas variam entre línguas.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 TIPO DE PESQUISA

A investigação que relato teve, como já dito, a proposta de relacionar conhecimentos sobre o bilinguismo a um dado aparato teórico-metodológico, o SA, com ênfase no termo ‘atitude’ do sistema TIPOS DE AVALIATIVIDADE da rede de sistemas de avaliatividade, e dentro da subrede de ‘atitude’, com foco delimitado no termo ‘afeto’. Trata-se de uma abordagem quantitativa, de levantamento das categorias identificadas após a análise do *corpus*, e qualitativa, tendo em vista que investiga as tipologias avaliativas dentro de um *corpus* a partir de um aporte teórico, que não pode ser acessada apenas através do que os números apontam. Temos objetivos exploratórios, pois, da relação entre teorias, procuraremos estabelecer aspectos de controle determinativo do fenômeno de variação identificado via SA nas produções presentes no *corpus*. O procedimento utilizado foi experimental, já que foi selecionada a variável da língua sobre o objeto da emoção e sua expressão na forma escrita. Segue, abaixo, um sequenciamento dos procedimentos que foram utilizados no acesso e análise dos dados.

#### 3.2 PARTICIPANTES

Um grupo de 11 participantes fez parte da pesquisa. Foi requisito para a pesquisa que esses sujeitos atendessem aos seguintes requisitos:

- Ter domínio das habilidades de leitura e escrita em língua portuguesa como L1, conseguindo ler, compreender e refletir sobre um texto escrito nessa língua, bem como formular um breve texto escrito em português de forma coesa e coerente;
- Ter domínio das habilidades de leitura e escrita em língua inglesa como L2, conseguindo ler, compreender e refletir sobre um texto escrito nessa língua, bem como formular um breve texto escrito em inglês de forma coesa e coerente.

De acordo com o *Common European Framework (CEF)*, que define as competências de aprendizes de L2 e os estágios nos quais elas estão desenvolvidas, os

requisitos descritos acima são preenchidos por estudantes de nível B1<sup>20</sup>, como descrito a seguir, que concerne à habilidade de leitura neste nível:

[C]apaz de compreender textos em que predomine uma linguagem corrente do dia-a-dia ou relacionada com o trabalho. Sou capaz de compreender descrições de acontecimentos, sentimentos e desejos, em cartas pessoais. (QUADRO EUROPEU COMUM DE REFERÊNCIA PARA LÍNGUAS, 2001, p. 53)

E à habilidade de escrita:

[C]apaz de escrever um texto articulado de forma simples sobre assuntos conhecidos ou de interesse pessoal. Sou capaz de escrever cartas pessoais para descrever experiências e impressões. (QUADRO EUROPEU COMUM DE REFERÊNCIA PARA LÍNGUAS, 2001, p. 55)

Como forma de acessar mais facilmente participantes com maiores chances de atender aos requisitos aqui estabelecidos e facilitar a logística de coleta de dados, a pesquisa foi realizada com um grupo de professores de inglês concursados. Essa escolha se justifica pela garantia, viabilizada pelas provas realizadas para sua contratação na instituição (escrita-teórica, oral-didática, ambas em inglês, e títulos), de que possuem proficiência em inglês como L2, de modo que atendem ao segundo requisito fixado. Quanto ao primeiro, considero como pressuposto terem as habilidades de leitura e escrita em português como L1 necessárias porque são todos brasileiros natos com escolaridade mínima no nível do ensino superior completo, como informado por eles no instrumento de pesquisa.

### 3.3 CORPUS

O *corpus* desta pesquisa se constitui por dois *subcorpora*, formado pelas produções dos participantes:

***Subcorpus 1***– Textos escritos em português nos quais os participantes expressaram como tomaram a decisão posta pelo ‘Dilema do Bonde’ (traduzido por mim a partir de Thomson (1985)), apresentado como primeira tarefa no instrumento de

---

<sup>20</sup>O nível B é subdividido em B1 e B2, ambos constituindo o nível de proficiência intermediário. Abaixo dele há o nível A, subdividido em A1 e A2, que dizem respeito ao nível de proficiência principiante. Acima do nível B está o nível C, subdividido em C1 e C2, relativo ao nível de proficiência avançado.

pesquisa. A escolha por esse texto se dá pelo fato de ser o mesmo problema apresentado no estudo de Costa *et al.* (2014).

**Subcorpus 2** – Textos escritos em língua inglesa nos quais os participantes expressaram como optaram por uma das decisões postas pelo texto ‘*Concentration Camp*’, adaptado do site [listverse.com/2007/10/21/top-10-moral-dilemmas](http://listverse.com/2007/10/21/top-10-moral-dilemmas) e apresentado em inglês como segunda tarefa no instrumento de pesquisa. A necessidade de um texto diferente (em vez de uma versão em inglês do texto da primeira tarefa) ocorre para evitar que a decisão assinalada na primeira tarefa influencie na segunda. O texto ‘*Concentration Camp*’ foi encontrado através de pesquisa sobre dilemas morais na ferramenta de busca ‘*Google*’. Trata de uma situação hipotética de um campo de concentração em que o leitor deve decidir entre puxar uma cadeira que causará o enforcamento de um filho que está sendo punido por tentar escapar, ou assistir ao enforcamento de seu filho e outro preso. As adaptações feitas nesse texto foram a substituição do filho por um indivíduo genérico e o aumento da quantidade de outros presos enforcados no caso da decisão alternativa. Essas adaptações deixam a situação proposta mais semelhante à apresentada na primeira tarefa.

### 3.4 INSTRUMENTO

O instrumento de coleta de dados utilizado nesta pesquisa<sup>21</sup> consta de:

- a) Um tópico de dados demográficos (parte 1), no qual os participantes deixaram as informações necessárias para a confirmação de adequação aos requisitos de nacionalidade, escolaridade e profissão, relacionadas, por sua vez, à confirmação de adequação ao requisito de nível de proficiência em língua portuguesa. Neste tópico, também são solicitadas outras informações, como a identificação de quem está participando, sua idade e gênero.
- b) Um tópico de dados profissionais (parte 2), no qual constaram as informações necessárias para confirmação de adequação ao requisito de nível de proficiência em língua inglesa, baseado na aprovação como professor.

---

<sup>21</sup> APÊNDICE A.

- c) Um questionário (parte 3), formado pela versão traduzida do texto ‘Dilema do Bonde’ e questões em português (tarefa 1) e o texto adaptado em inglês ‘*Concentration Camp*’ e questões em inglês (tarefa 2).

Acompanhando o instrumento de coleta, foi necessário o uso de canetas esferográficas e duas cópias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido<sup>22</sup> (estas não fazem parte do instrumento, apenas o acompanham), em que os participantes da pesquisa autorizaram o uso dos dados nesta investigação. Este instrumento foi submetido à Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual do Ceará e aprovado no parecer número 1.691.447.

### 3.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Como forma de conseguir acesso aos professores, entrei em contato com a coordenação pedagógica da instituição em que os participantes lecionam. A coordenação foi informada a respeito da pesquisa e seu procedimento, bem como o tempo necessário para a sua coleta de dados (vinte minutos, duração justificada a seguir). Foi solicitado o contato prévio desta com os professores a fim de lhes explicar acerca dos procedimentos da pesquisa e avisá-los que seus e-mails foram disponibilizados para o primeiro contato do pesquisador.

Um e-mail foi enviado para cada professor da instituição, no qual constou uma carta-convite solicitando sua participação voluntária. Após o recebimento das respostas e em horário e local combinados com cada professor que manifestou interesse – o que também foi feito via e-mail –, fui ao seu encontro e realizei a aplicação do instrumento de pesquisa seguindo o seguinte procedimento:

1. Cada participante foi acomodado em uma sala em que estavam disponíveis cadeira e apoio para escrita<sup>23</sup>.
2. O pesquisador entregou o instrumento de coleta de dados e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi assinado antes do início do preenchimento do instrumento, acompanhados, quando necessário, de

---

<sup>22</sup>APÊNDICE B.

<sup>23</sup>Em meu primeiro contato com o coordenador da instituição, fui informado que a reunião de todos os professores num mesmo local e horário para um procedimento facilitado de coleta de dados seria inviável, pois não há reuniões usuais com o corpo docente e há dificuldade em conciliar os horários dos profissionais.

canetas esferográficas, solicitando que o participante aguardasse instruções antes de iniciar os preenchimentos.

3. Foi explicada a necessidade da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, informando a temática da pesquisa e as garantias e direitos resguardados pelo termo.
4. O participante recebeu instruções para o preenchimento do instrumento de acordo com sua divisão em partes.
5. O participante foi informado que, a partir do início do preenchimento da parte 3 do instrumento de coleta de dados, o tempo limite seria de dez minutos para a escrita de cada texto pedido pelo instrumento. Neste momento, os participantes foram deixados sozinhos (sem a presença do pesquisador ou de qualquer outra pessoa). A demarcação desse tempo se deu no intuito de evitar a produção de textos nos quais um processo de reflexão muito demorado acerca do tema abordado acabasse por sobrepor-se ao efeito produzido pela variação entre línguas. Esse tempo também evita que os participantes comecem a recorrer em demasia à L1 em suas ponderações sobre o dilema apresentado no texto em inglês.
6. Após o período de 20 minutos (dez minutos para cada texto), iniciado ao fim da parte 2 do instrumento, este foi recolhido por mim, que agradeceu a participação e entregou uma cópia, assinada por mim, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
7. Os textos apresentados no instrumento foram digitados pelo pesquisador e anexados à redação final desta dissertação<sup>24</sup>.

### 3.6 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

A partir do *corpus* formado pelos textos escritos pelos participantes da pesquisa, dois tipos de análise foram feitas como forma de responder às perguntas feitas nesta investigação. A primeira análise observou a variação quantitativa de conteúdo emocional entre línguas e entre posicionamentos morais, verificando a diferença

---

<sup>24</sup> Anexo B.

quantitativa via teste estatístico; a segunda análise, de natureza qualitativa, observou as variações entre tipos de emoções realizadas entre línguas e entre posicionamentos.

Como forma de verificar estatisticamente se há correlação entre variações no conteúdo emocional identificado nos textos em diferentes línguas e diferentes posicionamentos, foi utilizado aqui o teste de hipóteses *t-student* para variáveis independentes. A aplicação desse teste ocorre através das seguintes etapas:

1. Formular as hipóteses
2. Definir qual o nível de significância será utilizado (alfa)
3. Verificar qual o teste adequado e calcular a estatística de teste
4. Decidir pela aceitação ou rejeição da hipótese de nulidade com base no *p-value*.
5. Conclusão experimental (BITTENCOURT, 2007, p. 44)

As duas hipóteses aqui formuladas para uma verificação que responda às perguntas de pesquisa foram: Há variação significativa no conteúdo emocional de textos escritos em diferentes línguas e há variação no conteúdo emocional de textos que descrevem tomadas de diferentes posicionamentos morais.

Para a aplicação do teste, cada hipótese é confrontada com sua negativa, chamada hipótese nula ( $H_0$ ), hipótese que rejeita aquela sendo verificada (chamada  $H_1$ ). A definição do nível de significância (alfa) vai indicar se o resultado do cálculo representa uma diferença significativa ou não. No caso desta investigação, o alfa escolhido foi o padrão para este tipo de teste: 5%.

Antes da aplicação do teste estatístico, os valores absolutos de realizações de ‘atitude’ – ‘afeto’ em cada texto foram somados em grupos de acordo com a língua, posteriormente, foi calculado o Índice de Frequência Simples (quantidade absoluta de realizações dividida pelo número de palavras do texto multiplicada por 1000) dos textos também agrupados de acordo com a língua, de modo a verificar se entre os grupos os resultados poderiam ser afetados pelos diferentes tamanhos (quantidade de palavras) entre textos. Foi calculada a proporção entre a soma dos valores absolutos nos grupos (soma dos valores em L2 dividida pela soma de valores em L1) e comparada a proporção entre a soma de IFSs nos grupos (soma dos IFSs em L2 dividida pela soma dos IFSs em L1), essa comparação teve o intuito de verificar se a diferença entre os valores absolutos de L1 e L2 e de IFSs de L1 e L2 indicava influência do tamanho dos

textos. Estabeleci que tal influência seria relevante caso houvesse inversão nas proporções, ou seja, o grupo com maiores valores absolutos apresentasse menores IFSs.

Os textos foram agrupados de acordo com duas variáveis nominais, ‘língua’ e ‘posicionamento moral’. Na variável ‘língua’, foram distribuídas as quantidades absolutas de ‘atitude’ – ‘afeto’ em L1 (grupo 1) e L2 (grupo 2) (duas opções na mesma variável) e na variável ‘posicionamento moral’, as quantidades foram distribuídas em posicionamentos utilitários (grupo 3) e posicionamentos de defesa de bens individuais (grupo 4) (duas opções na mesma variável). Desse modo, os textos foram agrupados por língua, por posicionamento e posteriormente por língua + posicionamento utilitário, com isso tem-se mais dois grupos, posicionamentos utilitários em L1 (grupo 5) e posicionamentos utilitários em L2 (grupo 6).

Para o cálculo necessário para o teste, utilizei o *software* de testes estatísticos *IBM – SPSS 22*, um popular *software* utilizado para testes estatísticos em ciências sociais. No *software*, foram inseridas as quantidades de realizações de ‘atitude’-‘afeto’ de cada texto separadamente em dois grupos, um de relação entre línguas e quantidades de realizações por texto e outro de relação entre posicionamentos e quantidades de realizações por texto. Para a verificação da primeira hipótese, 11 textos em língua portuguesa, cada um com sua respectiva quantidade absoluta de realizações e 11 textos em língua inglesa, também acompanhado da quantidade de suas realizações. Através do ‘comando analisar – comparar médias – Teste-T de amostras independentes’, o *software* executa o cálculo do teste e apresenta (dentre outros resultados) o *p-value* a ser comparado com o alfa estabelecido, de modo que, caso o *p-value* seja maior que 5%, aceita-se a hipótese nula (neste caso, a não variação significativa) e caso o *p-value* seja menor que 5%, rejeita-se a hipótese nula (variação significativa na quantidade de realizações de ‘atitude’-‘afeto’). O mesmo procedimento foi feito para a segunda hipótese, em que as quantidades de realizações de ‘atitude’-‘afeto’ dos textos, independentemente da língua, que indicam posicionamento utilitário e dos textos que indicam posicionamento de defesa de bens individuais foram comparadas via uso do *software*.

A conclusão experimental, portanto, dependeu da verificação da relação entre o *p-value* informado pelo *software* do teste estatístico e o alfa estabelecido inicialmente. Essa relação indica se há variação estatisticamente significativa entre as médias quantitativas de ambos os grupos para que se possa projetar se há ou não

correlação entre as variáveis nominais e quantificáveis sendo testadas. No caso deste estudo, o teste serve para indicar se há variação significativa entre as médias de realizações de ‘atitude’-‘afeto’ de textos em inglês e em português: a rejeição da H<sub>0</sub> seria afirmar que sim, tal variação existe, de modo indicativo de que existe uma correlação entre língua e quantidade de conteúdo emocional. Sobre os posicionamentos, por sua vez, o teste indica se há variação significativa entre as médias de realizações de ‘atitude’-‘afeto’ entre textos que descrevem a tomada de um posicionamento utilitário e um posicionamento de defesa de bens individuais: rejeitar a H<sub>0</sub> seria indicar que tal variação é significativa, o que indica possível correlação entre a variável ‘posicionamentos morais’ e a variável ‘quantidade de realizações de ‘atitude’-‘afeto’”.

A análise quantitativa se deu através dos seguintes procedimentos, em que cada texto foi categorizado isoladamente:

1. Contagem do número de realizações de ‘atitude’-‘afeto’ identificadas nos textos em português.
2. Contagem do número de realizações de ‘atitude’-‘afeto’ identificadas nos textos em inglês.
3. Contagem do número de realizações de ‘atitude’-‘afeto’ identificadas nos textos em que o posicionamento utilitário foi assinalado.
4. Contagem do número de realizações de ‘atitude’-‘afeto’ identificadas nos textos em que o posicionamento de defesa de bens individuais foi assinalado.
5. Verificação, via teste estatístico (*t-student* para variáveis independentes), se há variação quantitativa significativa entre as realizações de ‘atitude’-‘afeto’ identificadas entre textos em português e inglês.
6. Verificação, via teste estatístico (*t-student* de variáveis independentes), se há variação quantitativa significativa entre as realizações de ‘atitude’-‘afeto’ identificadas entre textos que assinalam posicionamentos utilitários e posicionamentos de defesa de bens individuais.

A análise qualitativa (classificação tipológica), por sua vez, consistiu na identificação de quais categorias estão presentes nos textos analisados. Essas categorias são os termos presentes nos sistemas TIPOS DE REALIZAÇÃO DE ATITUDE, TIPOS DE AFETO e POLARIDADE dentro da rede de sistemas de avaliatividade. Pode-se

dizer, com base na descrição elaborada na Seção 2.1, que a análise aqui identificou realizações avaliativas de ‘atitude’-‘afeto’ em léxico avaliativo, estruturas avaliativas e trechos de texto avaliativos.

Para estruturar as classificações tipológicas dentro do escopo do SA, recorri ao estabelecimento de conceitos que enquadraram os TIPOS DE AFETO identificados no *corpus*. A partir disso, os significados realizados através do léxico, estruturas ou trechos, quando identificados como realizações de ‘atitude’-‘afeto’, foram categorizados como ‘felicidade’, ‘segurança’ ou ‘satisfação’ de acordo com o quadro abaixo, construído a partir de uma adaptação de Lopes (2008):

**Quadro 1 - conceitos das categorias de ‘atitude’-‘afeto’**

Categorias de ‘atitude’-‘afeto’	Conceitos
Felicidade	Felicidade/tristeza Irritação
Segurança	Conforto/desconforto Certeza/incerteza
Satisfação	Sucesso/frustração

Fonte: elaborado pelo autor

Partindo da identificação de tais conceitos, as ocorrências de ‘atitude’-‘afeto’ foram alocadas nas categorias citadas, escolhidas a partir de Martin e White (2005) e adaptadas de acordo com os significados observados no *corpus* desta pesquisa.

Para a classificação da POLARIDADE, recorri à interpretação, partindo da posição de analista, de como as emoções apresentadas no discurso são interpretadas culturalmente dentro do âmbito social no qual estão, analista e participantes, inseridos. Deste modo, foram classificadas como negativas aquelas avaliações que indicam emoções culturalmente construídas como desagradáveis (tristeza, desconforto, frustração), e positivas aquelas que são valorizadas e tidas como recompensadoras (felicidade, conforto, orgulho).

Os textos foram categorizados por grupo para que as categorias e suas frequências pudessem apontar para que tipos de avaliações emocionais caracterizavam cada grupo em si e em comparação com outros.

Para a primeira verificação, entre línguas, o grupo de textos em português

foi categorizado de acordo com as três variações aqui escolhidas, verificando em cada ocorrência de ‘atitude’-‘afeto’ se esta era inscrita ou evocada (TIPOS DE REALIZAÇÃO DE ATITUDE), relacionada à ‘segurança’, ‘felicidade’ ou ‘satisfação’ (TIPOS DE AFETO) e se tais ocorrências eram de natureza positiva ou negativa (POLARIDADE). Esse tipo de análise foi feita posteriormente com o grupo de textos em inglês seguido do grupo de textos sobre posicionamentos utilitários e o grupo de textos sobre posicionamentos de defesa de bens individuais e, por fim, grupo de textos em português sobre posicionamentos utilitários e grupo de textos em inglês sobre posicionamentos utilitários.

A separação dos textos em grupos permitiu a identificação de aspectos avaliativos de acordo com as variáveis escolhidas (língua, posicionamento, língua e posicionamento utilitário concomitantemente). As categorias identificadas nos grupos, que indicam as formas de avaliar emocionalmente, foram comparadas com outros grupos, de modo a apontar as variações qualitativas existentes entre textos em L1 e L2, posicionamentos utilitários e posicionamentos de defesa de bens individuais e textos em L1 e L2 sobre posicionamentos utilitários. Essa comparação foi feita via identificação de presença ou ausência de categorias entre grupos, bem como frequência de ocorrência de tais categorias.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

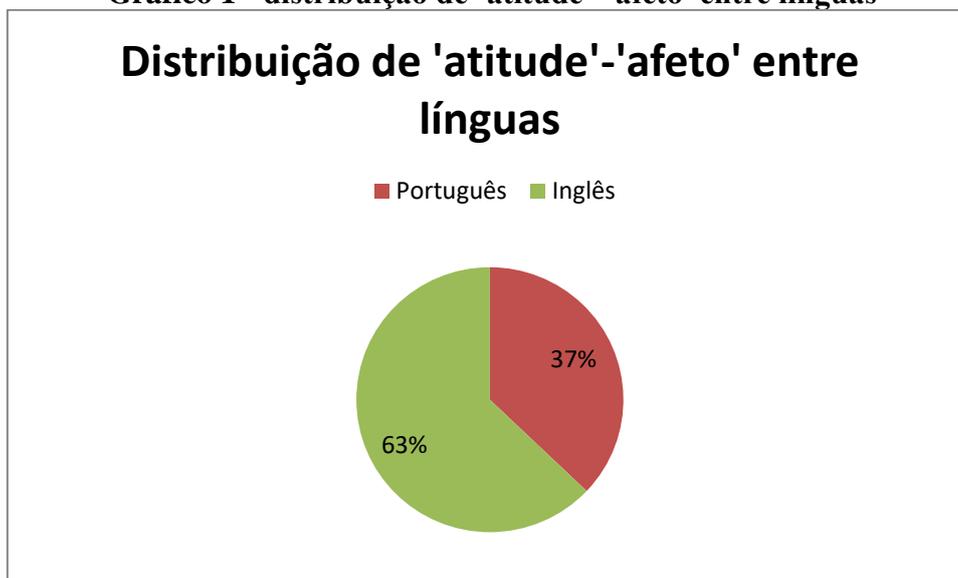
### 4.1 RESULTADOS DA ANÁLISE QUANTITATIVA DAS REALIZAÇÕES DE ‘ATITUDE’-‘AFETO’

#### 4.1.1 Variações quantitativas entre línguas

Para responder à primeira parte das perguntas desta pesquisa, se há variação quantitativa no ‘afeto’ realizado em textos em L1 e L2, grupos 1 e 2 (pergunta 1), e se esse ‘afeto’ também varia quantitativamente entre textos que descrevem tomadas de diferentes posicionamentos morais, grupos 3 e 4 (pergunta 2), foi necessário o uso de verificações estatísticas para embasar os resultados aqui relatados.

Sobre a variação na quantidade entre línguas, a contagem das ocorrências de realizações de ‘atitude’-‘afeto’ apresentou-se da forma representada pelo Gráfico 1, em que as distribuições estão representadas por porcentagens, ou seja, 23 ocorrências nos 11 textos em L1 e 39 ocorrências nos 11 textos em L2:

Gráfico 1 - distribuição de ‘atitude’-‘afeto’ entre línguas



Fonte: Elaborado pelo autor.

Pode-se observar, portanto, que existem, no *corpus* investigado, em comparação simples, mais realizações de ‘atitude’ - ‘afeto’ em inglês que em português, sendo a quantidade de textos igual. Para verificar a influência do tamanho dos textos nessa comparação, recorri ao cálculo do índice de frequência simples (IFS). A soma dos IFSs de cada texto por língua resultou nos seguintes resultados:

**Tabela 1: Somas dos IFSs de cada texto divididas por língua**

Realizações em português (11 textos)	281,5
Realizações em inglês (11 textos)	512,7

Fonte: elaborada pelo autor

A comparação dos IFSs por língua mantém a identificação de maior número de ocorrências de realizações de ‘atitude’-‘afeto’ no grupo de textos em inglês, demonstrando que não há influência significativa do número de palavras sobre o resultado quantitativo. Desse modo, não se faz necessário o uso dos Índices nas análises entre línguas ou entre posicionamentos, uma vez que não há influência dos tamanhos de textos.

Finalmente, o teste *T-student*, aplicado via *software SPSS statistics* e utilizado para verificar a hipótese de que há uma tendência a maior número de realizações de ‘atitude’-‘afeto’ em textos escritos em L1, apresenta, nas Tabelas 1 e 2, o resultado de saída apresentado pelo *software*:

**Tabela 2: Resultado do teste-T student para variação de ‘atitude’-‘afeto’ entre línguas****Teste-T****Estadísticas de grupo**

Línguas	N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média
Atitude textos em português	11	2,09	1,640	,495
textos em inglês	11	3,55	1,809	,545

**Teste de amostras independentes**

	Teste de Levene para igualdade de variâncias	teste-t para Igualdade de Médias								
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Atitude Variâncias iguais assumidas	,137	,715	-1,975	20	,062	-1,455	,736	-2,990	,081	
Variâncias iguais não assumidas			-1,975	19,811	,062	-1,455	,736	-2,991	,082	

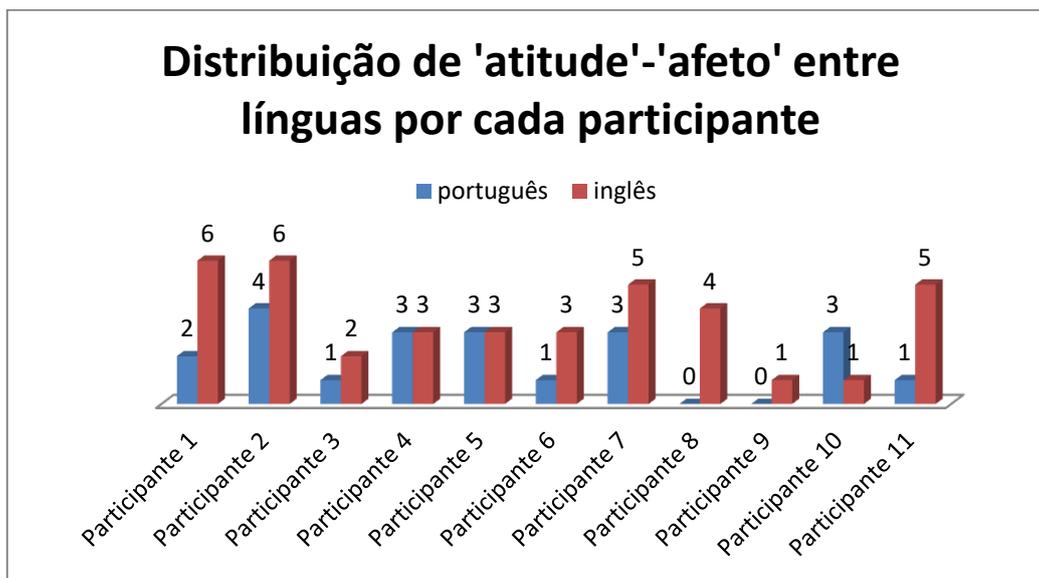
Fonte: elaborada pelo autor

A sigla ‘sig.’ apresenta o *p-value* que deve ser comparado com o alfa 0,05 para que se tenha indicação se a variação de ocorrências de realizações é

estatisticamente relevante a fim de que se possa afirmar que a quantidade identificada em um grupo é significativamente maior que a de outro. No caso do resultado obtido, a H0 foi confirmada, dado que o 'sig.' apresentou o *p-value* 0,715, maior que o valor alfa estabelecido, que é de 0,05. Ou seja, estatisticamente, no *corpus* investigado, não há variação significativa no conteúdo emocional dos textos entre línguas, indicando não haver correlação estatística entre a variável língua e a variável quantidade de realizações.

Ainda assim, é interessante perceber nesta fase deste estudo que, embora não haja correlação estatisticamente justificada entre a quantidade de ocorrências de realizações de 'atitude'-'afeto' e a língua em que os textos foram produzidos, quando analisamos o contraste entre as produções entre línguas separadas por participante, existiu, no *corpus*, uma tendência a produzir textos mais emotivamente avaliativos quando em L2, como está representado no Gráfico 2:

**Gráfico 2 - Distribuição de 'atitude'-'afeto' entre línguas por cada participante**



Fonte: elaborado pelo autor

Dos 11 participantes desta pesquisa, apenas o participante 10 elaborou um texto com mais avaliações emotivas em L1, enquanto oito produziram textos com mais ocorrências de 'atitude'-'afeto' em L2 e dois tiveram quantidades iguais nas duas línguas. Isso indica que, além da língua, outros fatores inerentes ao experimento executado podem ter levado os participantes a posicionarem-se de modo mais emocionalmente avaliativo nas produções em L2.

#### 4.1.2 Variação quantitativa entre posicionamentos

Para a segunda pergunta, apresento os seguintes resultados de carácter quantitativo:

**Tabela 3 - Distribuição de ocorrências de ‘atitude’-‘afeto’ entre posicionamentos utilitários e línguas**

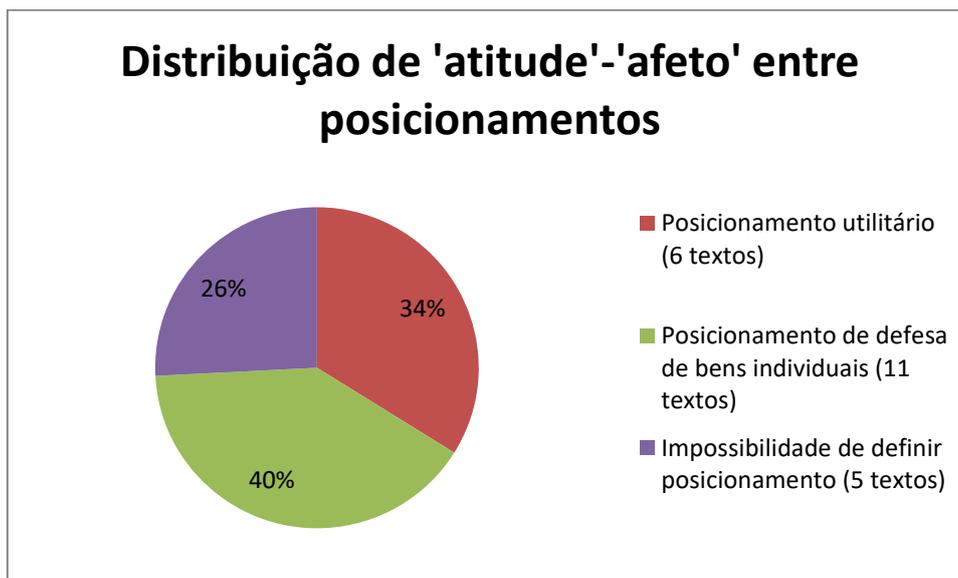
Quantidade de textos que dissertam sobre posicionamento utilitário em português	3
Quantidade de textos que dissertam sobre posicionamento utilitário em inglês	3
Quantidade de textos que dissertam sobre posicionamento de defesa de bens individuais em português	5
Quantidade de textos que dissertam sobre posicionamento de defesa de bens individuais em inglês	6
Quantidade de textos que dissertam sobre impossibilidade de decisão em português	2
Quantidade de textos que dissertam sobre impossibilidade de decisão em inglês <sup>25</sup>	3

Fonte: elaborada pelo autor

A partir dessas distribuições, o percentual de ocorrências de realizações em cada grupo apresentou-se de acordo com o Gráfico 3 que mostra, em forma percentual, como as ocorrências de ‘atitude’-‘afeto’ se distribuíram entre posicionamentos, indicando que a maioria destas ficou em textos que descrevem a escolha de posicionamentos de defesa de bens individuais (grupo 4), tipo de posicionamento que foi escolhido pela maioria dos participantes que escolheram um posicionamento (11 participantes). Os textos sobre posicionamentos utilitários, por sua vez, ainda que em menor número, apresentaram uma quantidade próxima da quantidade presente no outro grupo, indicando uma forte presença de emotividade nestes textos individualmente:

<sup>25</sup>Os textos que dissertam sobre impossibilidade de decisão foram contados e expostos aqui, mas não foram inseridos no cálculo estatístico do grupo sobre posicionamentos.

**Gráfico 3 - distribuição de 'atitude'-'afeto' entre posicionamentos**



Fonte: elaborado pelo autor

Em análise conjunta entre línguas e posicionamentos, a quantidade de posicionamentos utilitários se mostrou quantitativamente igual entre as duas línguas, enquanto as quantidades de posicionamentos de defesa de bens individuais diferenciaram-se apenas em um texto a mais em língua inglesa, assim como as situações em que houve escolha pela impossibilidade de decisão por um posicionamento também teve apenas um texto a mais na L2.

Quanto à variação quantitativa entre as ocorrências de realizações de 'atitude'-'afeto' no tocante à variável de posicionamento moral nos termos desta investigação, o teste-T pode indicar o grau de relevância da variação, visto que a quantidade significativamente maior de textos que dissertam sobre um posicionamento de defesa de bens individuais leva a um número de ocorrências de realizações maior, quando somados todos os textos (soma dos valores do grupo 3 em comparativo com o grupo 4). O teste aqui utilizado, porém, ao trabalhar com as médias de ocorrências de realizações em cada grupo, evita que essa diferença afete a verificação.

**Tabela 4: resultado do teste –T para variação de ‘atitude’-‘afeto’ entre posicionamentos.**

**Teste-T**

Posicionamentos	N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média
Atitude Posicionamento utilitário	6	3,50	2,429	,992
Posicionamento de defesa de bens individuais	11	2,36	1,690	,509

	Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
	Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades )	Diferença média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
								Inferior	Superior
Atitude Variâncias iguais assumidas	1,836	,196	1,138	15	,273	1,136	,998	-,992	3,264
Variâncias iguais não assumidas			1,019	7,718	,339	1,136	1,115	-1,451	3,724

Fonte: elaborada pelo autor

Como se pode ver, de acordo com a saída do cálculo efetuado pelo *software SPSS statistics*, no grupo de 6 textos que dissertam sobre posicionamento utilitário, temos uma média de 3,50 ocorrências de realizações de ‘atitude’-‘afeto’, enquanto, no grupo de textos que dissertam sobre posicionamentos de defesa de bens individuais, essa média é de 2,36. Ainda que exista essa diferença nas médias de ambos os grupos, novamente o *p-value*, 0,196, representado na coluna ‘sig.’ é maior que o alfa 0,05, indicando novamente a H0, ou seja, não há variação significativa no número de realizações de ‘atitude’-‘afeto’ para diferentes posicionamentos morais, de modo que não se pode afirmar estatisticamente que existe correlação entre as duas variáveis.

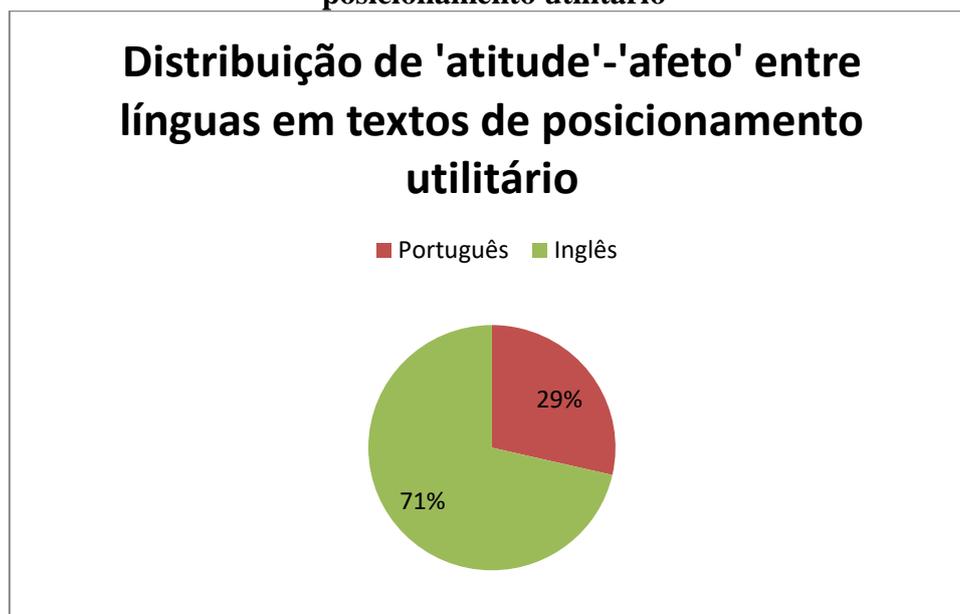
Tais resultados indicam que, embora haja diferenças quantitativas nas realizações de ‘atitude’ – ‘afeto’ identificadas no *corpus*, essas variações não são estatisticamente significativas para que se possa atribuir às variáveis de língua e posicionamentos morais uma correlação com as quantidades de ocorrências de realizações emocionais. Com base nisso, para o *corpus* investigado neste estudo, pode-se dizer que a língua não teve correlação com a quantidade de ocorrências de

realizações, visto que a variação entre tais quantidades não se mostrou significativa. O mesmo também pode ser dito acerca da correlação entre posicionamentos morais e quantidade de ocorrências de realizações, já que as variações quantitativas também não se apresentaram como significativas entre um posicionamento e outro. Tais resultados apontam para outras variáveis do experimento agindo de forma mais influente sobre os posicionamentos e formas de expressão das emoções. Tais variáveis são abordadas na seção de discussão dos resultados.

#### 4.1.3 Variação quantitativa entre línguas em posicionamentos utilitários

Interessante notar que, embora a quantidade de textos que dissertam sobre posicionamentos utilitários seja igual nas duas línguas, a predominância de ocorrências de marcas emotivamente avaliativas em L2 reflete-se na forma como os participantes realizaram seus textos, como mostra o Gráfico 4. Embora a quantidade de textos seja igual entre línguas (três textos em L1 sobre posicionamentos utilitários e três textos em L2 sobre posicionamentos utilitários), a maior parte das ocorrências de ‘atitude’ – ‘afeto’ ficou concentrada nos textos em L2:

**Gráfico 4: Distribuição de ‘atitude’-‘afeto’ entre línguas em textos de posicionamento utilitário**



Fonte: elaborado pelo autor

O teste T não foi aplicado a essa seção, pois já se sabe que não há correlação

entre quantidades de realizações de ‘atitude’-‘afeto’ e línguas, ainda que seja alta a diferença quantitativa entre as ocorrências identificadas nestes grupos (5 e 6). Para estes grupos, a verificação da variação tipológica ajuda a perceber melhor os diferentes aspectos entre línguas para este mesmo posicionamento.

## 4.2. RESULTADOS DA ANÁLISE QUALITATIVA DAS REALIZAÇÕES DE ‘ATITUDE’-‘AFETO’

### 4.2.1 Variações qualitativas entre línguas

Para responder a segunda parte da primeira pergunta feita nesta investigação, quanto à variação qualitativa de ocorrências de realizações de ‘atitude’-‘afeto’ entre línguas, recorro ao SA e suas categorias como estrutura teórica para identificar variações no *corpus* construído e analisá-las dentro deste escopo. Destaco que a ausência de correlação estatística quanto à pergunta 1 revela que quantitativamente não se pode afirmar que exista influência da língua sobre o número de ocorrências de ‘atitude’ – ‘afeto’, mas é na análise tipológica que se torna possível observar como, em cada língua, aspectos da representação da emotividade se manifestam.

A partir do Quadro 2 apresento todas as realizações de avaliações de ‘atitude’-‘afeto’ produzidas nos textos em português:

**Quadro 2 - Realizações de ‘atitude’-‘afeto’ em textos em L1.**

Excerto do texto	Categorias de ‘atitude’-‘afeto’
se não desmaiar por ceifar a vida de alguém	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
torcerei para que o que se encontra à direita sofra apenas alguns ferimentos	‘satisfação’, ‘positiva’, ‘evocada’
<b>Infelizmente</b> , em tal caso, a lei me protegeria	‘felicidade’, ‘negativa’, ‘inscrita’
ficaria um caco psicologicamente.	‘felicidade’, ‘negativa’, ‘evocada’
Minha barriga já está doendo	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
Não me sinto <b>confortável</b>	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrita’
não teria o sangue frio	‘satisfação’, ‘negativa’, ‘evocada’
É uma escolha difícil de ser feita	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
Apesar de ser uma decisão bem difícil	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
eu agiria por instinto	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
Provavelmente, eu agiria por instinto e, <b>honestamente</b> ‘falando’, não sei prever qual seria a ação tomada por meu instinto.	‘segurança’, ‘positiva’, ‘inscrita’
do jeito que eu sou coração mole	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’

Matar nunca é moralmente permissível	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
Matar uma pessoa ao invés de cinco é uma opção racional, não moral	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
me sentiria moralmente tão <b>arrasada</b> por matar um quanto por matar cinco	‘felicidade’, ‘negativa’, ‘inscrita’
<b>fatalmente</b> , tomasse a decisão de desviar o bonde para a direita a fim de fazer o menor número de vítimas	‘satisfação’, ‘negativa’, ‘inscrita’
não posso dizer que seria moralmente permissível	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
não me sentiria <b>culpada</b> pelo resultado do fato	‘segurança’, ‘positiva’, ‘inscrita’
acredito que <b>sofreria</b> com o ocorrido	‘felicidade’, ‘negativa’, ‘inscrita’
talvez, seja instintivo que eu opte	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
Esta é uma decisão muito difícil	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
não conseguiria tomar essa decisão	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
Seria mais fácil para mim	‘segurança’, ‘positiva’, ‘evocada’

Fonte: elaborado pelo autor

Início chamando atenção para os diferentes TIPOS DE REALIZAÇÃO DE ATITUDE: os itens destacados em negrito representam as inscrições de avaliações de ‘atitude’-‘afeto’ dentro dos textos, o que ocorre em sete das 23 realizações identificadas nas produções escritas em português. Essas realizações inscritas apresentam três categorias diferentes de TIPOS DE AFETO, três realizações de ‘atitude’-‘afeto’-‘segurança’, três realizações de ‘atitude’-‘afeto’-‘felicidade’ e uma realização de ‘atitude’-‘afeto’-‘satisfação’. Ainda nas realizações inscritas estão presentes dois tipos de POLARIDADE, cinco realizações negativas e duas positivas, sendo estas duas últimas relativas ao TIPO DE ATITUDE ‘segurança’, enquanto que, das realizações negativas, 2 são de ‘segurança’, uma é de ‘satisfação’ e 2 são de ‘felicidade’.

Das 23 realizações identificadas no *corpus* em português, 16 são realizações evocadas, aquelas nas quais as avaliações estão implícitas no conteúdo ideacional-experiencial das proposições. Nessas realizações, como nas inscrições identificadas, estão presentes os TIPOS DE AFETO ‘felicidade’ (uma ocorrência), ‘segurança’(13 ocorrências) e satisfação (duas ocorrências). Sobre a POLARIDADE das avaliações nas realizações evocadas, aquela relativa à ‘felicidade’ apresentou-se como negativa enquanto duas polaridades positivas foram identificadas, uma de ‘satisfação’ e outra de ‘segurança’.

O Quadro 3 apresenta os resultados da análise dos textos em inglês via SA, em que identifiquei as seguintes categorias:

**Quadro 3 - Realizações de ‘atitude’-‘afeto’ em textos em L2**

Excerto do texto	Categorias de ‘atitude’-‘afeto’
For Christ’s sake – what kind of question is this?	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
I really do not know what we are able to become in such a situation	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
maybe I would pull the chair	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
I do not know if I would live with the picture of pulling someone’s chair!	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
<b>Appalling</b> situations to check my Portuguese and English, sir!	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrita’
Appalling situations to check my Portuguese and English, sir!	‘felicidade’, ‘negativa’, ‘evocada’
I’d try to save other inmate	‘satisfação’, ‘negativa’, ‘evocada’
it wouldn’t be something easy to do	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
In order to have some peace of mind	‘segurança’, ‘positiva’, ‘evocada’
I don’t know if I’d sleep at night	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
I could feel a bit <b>better</b>	‘segurança’, ‘positiva’, ‘inscrita’
I’d feel deeply <b>guilty</b>	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrita’
I don’t think I could stand	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
Probably I would feel <b>guilty</b>	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrita’
<b>I’d comfort myself</b> by thinking	‘segurança’, ‘positiva’, ‘inscrita’
I believe I would be loyal to my principles	‘segurança’, ‘positiva’, ‘evocada’
to see all lives as SACRED	‘segurança’, ‘positiva’, ‘evocada’
I would not have to live the rest of my ‘life’ with the <b>guilt</b>	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrita’
I am under pressure	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
I may do it	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
It’s hard to pinpoint what morality is about.	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
it’s hard to say something about the issue	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
even harder to decide over it	‘satisfação’, ‘negativa’, ‘evocada’
maybe I would do what the guard was asking me	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
It would be very difficult to do this	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
I would possibly feel <b>guilty</b>	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrita’
I don’t consider myself in the position of deciding	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
I think I <b>wouldn’t blame</b> myself later	‘segurança’, ‘positiva’, ‘inscrita’
I <b>wouldn’t want</b> to be responsible for that	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrito’
I wouldn’t want to <b>be responsible</b> for that	‘segurança’, ‘positiva’, ‘inscrita’
I would certainly be saying that his killing action is not justifiable	‘segurança’, ‘positiva’, ‘evocada’
I <b>don’t want</b> to kill the inmate	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrita’
I can’t make a choice	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
I <b>don’t feel comfortable</b> with killing	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrita’

I am seriously against killing someone	‘segurança’, ‘positiva’, ‘evocada’
I can’t decide to help a guard kill someone	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
I still can’t decide	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
I wouldn’t be able to make a decision	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
I’d spend the rest of my life wondering “what if?”	‘satisfação’, ‘negativa’, ‘evocada’

Fonte: elaborado pelo autor

No caso das realizações identificadas em inglês quanto aos TIPOS DE REALIZAÇÕES DE ATITUDE, também estão presentes tanto inscrições como evocações. As inscrições estão novamente marcadas em negrito dentro dos excertos, sendo 12 das 39 realizações identificadas como inscritas. Dentro dessas inscrições, podemos identificar a ocorrência de apenas um TIPO DE AFETO: ‘atitude’-‘afeto’-‘segurança’. Finalmente, dentre as inscrições, as variações de POLARIDADE distribuíram-se em oito ocorrências avaliativas negativas e quatro positivas.

As avaliações de ‘atitude’-‘afeto’ implícitas no conteúdo ideacional-experiencial das proposições, evocadas, ocorreram em 27 das ocorrências identificadas. Os TIPOS DE AFETO identificados abrangeram as três categorias, tendo uma ocorrência de ‘atitude’-‘afeto’-‘felicidade’, 23 de ‘atitude’-‘afeto’-‘segurança’ e três de ‘atitude’-‘afeto’-‘satisfação’. A POLARIDADE dessas ocorrências ficou distribuída em cinco ocorrências positivas, todas elas do tipo ‘segurança’, e 22 ocorrências negativas distribuídas entre os três tipos.

A partir desses resultados, identifiquei algumas semelhanças e diferenças nas categorias entre línguas. No tocante aos TIPOS DE REALIZAÇÃO DE ATITUDE, as realizações inscritas apresentaram-se como menos da metade das ocorrências em ambas as línguas, indicando que os participantes tenderam a evitar avaliações emocionais explícitas ao explicarem o porquê de seus posicionamentos, isso ocorrendo em ambas as línguas. Tais realizações inscritas em L1 apresentam as três categorias de TIPOS DE AFETO, enquanto, dentre os textos produzidos em L2, há apenas ocorrências do tipo ‘segurança’ entre as avaliações inscritas, o que aponta para uma maior variabilidade de avaliações emotivas explícitas em L1 que em L2. As inscrições em L1 também apresentaram uma maior distribuição entre TIPOS DE AFETO de POLARIDADE negativa, já em L2, houve maior ocorrência de avaliações de POLARIDADE positiva que em L1, representando que em L2 foram mais presentes nos textos estratégias argumentativas que direcionam o foco para as compensações emocionalmente positivas

do posicionamento assinalado, ou seja, em L2, os autores escolheram realizar emoções de caráter positivo em relação à situação narrada.

Quanto às avaliações de ‘atitude’-‘afeto’ evocadas, as variações de categorias entre línguas indicam uma variação semelhante ao observado nas realizações inscritas. Nas duas línguas, os três TIPOS DE AFETO estão presentes, novamente construindo textos em que as avaliações de caráter emocional realizam majoritariamente o desconforto trazido pela situação ou o conforto trazido pelos argumentos usados para justificar os posicionamentos assinalados através do tipo ‘segurança’. A diferença novamente surge na POLARIDADE que, enquanto em L1 ocorre de forma positiva poucas vezes, tem esta forma (a POLARIDADE positiva) bastante presente em L2, o que acaba por produzir textos que além de realizarem a insegurança em relação ao dilema, também expressam a segurança trazida pelo resultado do posicionamento escolhido, esse tipo estratégia só se apresenta em uma ocorrência em português, numa avaliação emocional positiva quanto à consecução de um objetivo (‘satisfação’) através do posicionamento assinalado.

#### 4.2.2 Variações qualitativas entre posicionamentos

Quanto à segunda pergunta desta investigação, os dados quantitativos já apontaram que quantitativamente não se pode identificar dentro do *corpus* aqui constituído que há correlação entre língua, emoções e posicionamentos morais que possa indicar a influência de uma dessas variáveis sobre as outras. No entanto, é na análise qualitativa que podemos observar, com maior detalhe, a forma como essas emoções variam entre posicionamentos de modo geral e posicionamentos assinalados em uma língua específica.

O Quadro 4 apresenta como se distribuem as realizações de ‘atitude’-‘afeto’ em textos que dissertam sobre posicionamentos utilitários, independentemente da língua:

**Quadro 4 - Realizações de ‘atitude’-‘afeto’ em textos que descrevem escolha por posicionamento utilitário**

Excerto do texto	Categorias de ‘atitude’-‘afeto’
se não desmaiar por ceifar a vida de alguém	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
torcerei para que o que se encontra à direita sofra apenas alguns ferimentos	‘satisfação’, ‘positiva’, ‘evocada’
<b>Infelizmente</b> , em tal caso, a lei me	‘felicidade’, ‘negativa’, ‘inscrita’

protegeria	
ficaria um caco psicologicamente.	‘felicidade’, ‘negativa’, ‘evocada’
Minha barriga já está doendo	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
Não me sinto <b>confortável</b>	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrita’
For Christ’s sake – what kind of question is this?	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
I really do not know what we are able to become in such a situation	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
maybe I would pull the chair	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
I do not know if I would live with the picture of pulling someone’s chair!	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
<b>Appalling</b> situations to check my Portuguese and English, sir!	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrita’
Appalling situations to check my Portuguese and English, sir!	‘felicidade’, ‘negativa’, ‘evocada’
I’d try to save other inmate	‘satisfação’, ‘negativa’, ‘evocada’
it wouldn’t be something easy to do	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
In order to have some peace of mind	‘segurança’, ‘positiva’, ‘evocada’
I don’t know if I’d sleep at night	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
I could feel a bit <b>better</b>	‘segurança’, ‘positiva’, ‘inscrita’
I’d feel deeply <b>guilty</b>	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrita’
I don’t think I could stand	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
Probably I would feel <b>guilty</b>	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrita’
<b>I’d comfort myself</b> by thinking	‘segurança’, ‘positiva’, ‘inscrita’

Fonte: elaborado pelo autor.

Novamente, parto da variação entre TIPOS DE REALIZAÇÃO DE AFETO, analisando primeiro as realizações inscritas quanto ao TIPO DE AFETO e sua POLARIDADE. No caso dos excertos representativos de ‘atitude’-‘afeto’ presentes nos textos que dissertam sobre posicionamentos utilitários, as inscrições, indicadas pelos itens em negrito, aparecem em sete das 21 ocorrências. Quanto aos TIPOS DE AFETO presentes nesses excertos, dois tipos foram identificados, novamente com predominância de ocorrências de ‘atitude’-‘afeto’-‘segurança’, que se apresentou em seis vezes, enquanto o tipo ‘atitude’-‘afeto’-‘felicidade’ ocorreu uma vez. A POLARIDADE variou somente nas realizações inscritas de ‘atitude’-‘afeto’-‘segurança’, apresentando 2 realizações de POLARIDADE positiva, enquanto o tipo ‘felicidade’ apresentou polaridade negativa.

As realizações de conteúdo emocional evocadas nos textos se apresentam em 14 das 21 ocorrências, também apresentando as três categorias de TIPOS DE AFETO, sendo dez relacionadas a avaliações do tipo ‘segurança’, duas do tipo

‘felicidade’ e duas do tipo ‘satisfação’. Ocorreram duas realizações de POLARIDADE positiva, uma no tipo ‘segurança’ e outra no tipo ‘satisfação’.

Para viabilização da comparação dos resultados entre posicionamentos, seguem, no Quadro 5, os excertos de realização de ‘atitude’-‘afeto’ em textos que dissertam sobre posicionamentos de defesa de bens individuais e suas respectivas categorizações dentro do SA:

**Quadro 5 - realizações de ‘atitude’-‘afeto’ em textos que descrevem a escolha por posicionamento de defesa de bens individuais.**

Excerto do texto	Categorias de ‘atitude’-‘afeto’
I believe I would be loyal to my principles to see all lives as SACRED	‘segurança’, ‘positiva’, ‘evocada’
I would not have to live the rest of my ‘life’ with the <b>guilt</b>	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrita’
I am under pressure	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
I may do it	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
It’s hard to pinpoint what morality is about.	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
it’s hard to say something about the issue even harder to decide over it	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
maybe I would do what the guard was asking me	‘satisfação’, ‘negativa’, ‘evocada’
It would be very difficult to do this	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
I would possibly feel <b>guilty</b>	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrita’
I don’t consider myself in the position of deciding	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
I think I <b>wouldn’t blame</b> myself later	‘segurança’, ‘positiva’, ‘inscrita’
I <b>wouldn’t want</b> to be responsible for that	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrita’
I wouldn’t want to <b>be responsible</b> for that	‘segurança’, ‘positiva’, ‘inscrita’
I would certainly be saying that his killing action is not justifiable	‘segurança’, ‘positiva’, ‘evocada’
não teria o sangue frio	‘satisfação’, ‘negativa’, ‘evocada’
É uma escolha difícil de ser feita	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
apesar de ser uma decisão bem difícil	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
eu agiria por instinto	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
<b>honestamente</b> ‘falando’	‘segurança’, ‘positiva’, ‘inscrita’
do jeito que eu sou coração mole	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
Matar nunca é moralmente permissível	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
Matar uma pessoa ao invés de cinco é uma opção racional, não moral	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
me sentiria moralmente tão <b>arrasada</b> por matar um quanto por matar cinco	‘felicidade’, ‘negativa’, ‘inscrita’

Fonte: elaborado pelos autores.

Nesse caso, as inscrições são realizadas em 7 das 25 ocorrências identificadas nos textos sobre posicionamentos de defesa de bens individuais. Nestas, o TIPO DE AFETO ‘satisfação’ não foi identificado em nenhuma proposição, enquanto o tipo ‘segurança’ ocorre 6 vezes e o tipo ‘felicidade’ ocorre 1 vez. A POLARIDADE varia no tipo segurança, apresentando 3 ocorrências de POLARIDADE positiva e 2 negativas, a categoria ‘felicidade’ ocorre apenas em POLARIDADE negativa.

Nos casos das realizações evocadas, os TIPOS DE AFETO identificados mostraram 16 ocorrências do tipo ‘segurança’, duas do tipo ‘satisfação’ e não apresentaram nenhuma ocorrência do tipo ‘felicidade’. A POLARIDADE apresentou apenas três ocorrências positivas, para o tipo ‘segurança’, sendo todas as outras avaliações de aspecto negativo, para ‘segurança’ e ‘satisfação’.

Em comparativo, as categorias de emoção realizadas nos textos de diferentes posicionamentos morais apresentam algumas diferenças. Entre as realizações inscritas, identifico que, enquanto as realizações presentes em inscrições em textos que descrevem tomadas de posicionamentos utilitários apresentam os três TIPOS DE AFETO – ‘felicidade’, ‘segurança’ e ‘satisfação’ –, nas realizações inscritas identificadas em textos sobre posicionamentos de defesa de bens individuais, o tipo ‘satisfação’ não se faz presente. Há, ainda, no tocante à POLARIDADE, uma distinção nas avaliações inscritas entre posicionamentos, já que os textos de posicionamento de defesa de bens individuais apresentaram maior presença de realizações do tipo ‘segurança’ de POLARIDADE positiva do que negativa, enquanto textos relacionados a posicionamentos utilitários se demonstraram mais avaliativamente negativos quanto a emoções relacionadas à segurança.

Na comparação entre as categorias em realizações evocadas, novamente textos que dissertam sobre um posicionamento de defesa de bens individuais apresentam uma menor variabilidade de TIPOS DE AFETO, não contendo a categoria ‘felicidade’ em nenhuma das realizações de carácter emocional identificadas, enquanto textos sobre posicionamentos utilitários abrangem os três TIPOS DE AFETO propostos no âmbito do SA.

#### **4.2.3 Variações qualitativas entre línguas em descrições de posicionamentos utilitários**

Finalmente, de modo a contemplar a pergunta três dessa pesquisa, utilizo as categorias do SA para levantar os resultados de variação de realizações de ‘atitude’-‘afeto’ entre textos que elaboram sobre posicionamentos utilitários em diferentes línguas (grupo 5 e 6), verificando como as categorias encontradas nestes variam denunciando especificidades da expressão emocional de desse tipo de posicionamento em cada língua.

O Quadro 6 apresenta as realizações de ‘atitude’-‘afeto’ em textos sobre posicionamentos utilitários escritos em L1:

**Quadro 6 - realizações de ‘atitude’-‘afeto’ em textos que descrevem a escolha de posicionamento utilitário em L1**

Excerto do texto	Categorias de ‘atitude’-‘afeto’
se não desmaiar por ceifar a vida de alguém	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
torcerei para que o que se encontra à direita sofra apenas alguns ferimentos	‘satisfação’, ‘positiva’, ‘evocada’
<b>Infelizmente</b> , em tal caso, a lei me protegeria	‘felicidade’, ‘negativa’, ‘inscrita’
ficaria um caco psicologicamente.	‘felicidade’, ‘negativa’, ‘evocada’
Minha barriga já está doendo	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
Não me sinto <b>confortável</b>	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrita’

Fonte: elaborado pelo autor

Como se vê, o quadro reflete uma baixa carga emocional dos textos produzidos em L1 sobre posicionamentos utilitários. Das 6 ocorrências identificadas, duas são inscritas e quatro são evocadas. As realizações inscritas apresentam avaliações de POLARIDADE negativa dos tipos ‘segurança’ e ‘felicidade’, não se fazendo presente o tipo ‘satisfação’. No tocante a POLARIDADE identificada nas ocorrências evocadas, foi identificada apenas uma ocorrência positiva, ligada a única ocorrência evocada do tipo ‘satisfação’. As outras ocorrências apresentaram POLARIDADE negativa, sendo duas do tipo ‘segurança’ e uma do tipo ‘felicidade’.

No Quadro 7, as realizações de ‘atitude’-‘afeto’ realizadas em textos sobre posicionamentos utilitários escritos em L2:

**Quadro 7 - realizações de ‘atitude’-‘afeto’ em textos de descrevem escolha de posicionamento utilitário em L2.**

Excerto do texto	Categorias de ‘atitude’-‘afeto’
For Christ’s sake – what kind of question is this?	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
I really do not know what we are able to	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’

become in such a situation	
maybe I would pull the chair	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
I do not know if I would live with the picture of pulling someone’s chair!	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
<b>Appalling</b> situations to check my Portuguese and English, sir!	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrita’
Appalling situations to check my Portuguese and English, sir!	‘felicidade’, ‘negativa’, ‘evocada’
I’d try to save other inmate	‘satisfação’, ‘negativa’, ‘evocada’
it wouldn’t be something easy to do	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
In order to have some peace of mind	‘segurança’, ‘positiva’, ‘evocada’
I don’t know if I’d sleep at night	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
I could feel a bit <b>better</b>	‘segurança’, ‘positiva’, ‘inscrita’
I’d feel deeply <b>guilty</b>	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrita’
I don’t think I could stand	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’
Probably I would feel <b>guilty</b>	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrita’
<b>I’d comfort</b> myself by thinking	‘segurança’, ‘positiva’, ‘inscrita’

Fonte: elaborado pelo autor

No caso desses textos, foram identificadas mais realizações de ‘atitude’-‘afeto’ que nos textos em L1 sobre o mesmo posicionamento. As realizações inscritas foram menos presentes que as evocadas. As cinco inscrições mostraram TIPO DE AFETO ‘segurança’, tendo sido duas vezes com POLARIDADE positiva. As realizações evocadas por sua vez, tiveram sete ocorrências de POLARIDADE negativa e uma positiva no tipo ‘segurança’, uma ocorrência de POLARIDADE negativa do tipo ‘felicidade’ e uma ocorrência de POLARIDADE também negativa do tipo ‘satisfação’.

Contrastando os dois Quadros, podemos perceber que a grande parte das ocorrências de avaliações de ‘atitude’ – ‘afeto’ estão concentradas nos textos em L2, no entanto, ainda que em menor número, as ocorrências presentes nos textos em L1 variam mais tipologicamente, apresentando dois TIPOS DE AFETO realizados em apenas duas realizações explícitas enquanto as ocorrências em L2 têm o mesmo tipo em todos os casos.

#### 4.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os aspectos escolhidos para a discussão dos resultados apresentados nas seções anteriores foram selecionados no sentido de aprofundar a descrição dos textos que compõem o *corpus*, refinando as análises no intuito de desvelar possíveis relações destes com o contexto no qual foram produzidos, ajudando a responder às perguntas desta pesquisa, reproduzidas aqui por conveniência:

- 1) Existe variação quantitativa e tipológica quanto às manifestações de posicionamentos avaliativos de ‘atitude’-‘afeto’ em brasileiros bilíngues de acordo com a língua em que se expressam, se em L1 ou L2?
- 2) Existe variação quantitativa e tipológica quanto às manifestações de posicionamentos avaliativos de ‘atitude’-‘afeto’ em brasileiros bilíngues de acordo com o posicionamento que assinalam, se utilitário ou de defesa de bens individuais?
- 3) Como variam quantitativa e tipologicamente as manifestações de posicionamentos avaliativos por ‘atitude’-‘afeto’ em L1 e L2 em textos sobre posicionamentos utilitários?

A partir delas, estruturo a discussão com base nos seis aspectos presentes nas três perguntas, com o objetivo de contextualizar, dentro das possibilidades da fundamentação teórica apresentada no Capítulo 2, as nuances dos resultados descritos nas Seções 4.1 e 4.2. Sobre a variação quantitativa entre línguas (pergunta 1), para refletir sobre até que ponto tal variação é representativa, discuto o alcance do teste estatístico realizado e sua relação com as características da amostra; discuto também a relação entre o questionário de pesquisa e a predominância de ocorrências de ‘atitude’-‘afeto’ em textos em inglês de cada participante em separado; além destas questões, discuto os pontos de relação e divergência entre os resultados quantitativos encontrados aqui e os resultados de Costa *et al.* (2014).

Sobre a variação tipológica entre línguas (segundo aspecto da pergunta 1), descrevo, refinando a análise do contexto das ocorrências de ‘atitude’ – ‘afeto’ nas produções e do contexto do experimento, até que ponto tal variação se faz presente de modo representativo, no sentido de efetivamente contribuir para que se possa dizer como as diferentes categorias identificadas nos grupos de textos representaram formas diversas de descrever a tomada de um posicionamento moral quando em línguas diferentes. Para estabelecer tal representatividade, discuto as diferentes identidades discursivas produzidas pelas diferentes formas avaliativas.

Sobre a pergunta 2, a análise estatística sobre posicionamentos reflete a variação entre línguas, ou seja, acaba por ser influenciada pelas características das variações entre L1 e L2 de que não houve em cada participante uma diferença significativa de realizações de ‘atitude’-‘afeto’ para que, em grupo, essa diferença se apresente como estatisticamente relevante, pelas razões que são apresentadas adiante

(características do teste aplicado, tamanho reduzido da amostra, variação individual dentro de um mesmo grupo e homogeneidade desta variação entre grupos). Quanto à segunda parte da pergunta, discuto pontos de semelhança e divergência tipológica entre as categorias identificadas nos textos de diferentes posicionamentos e que papel as avaliações de natureza emotiva tiveram nesse resultado.

Especificamente sobre a relação entre posicionamentos utilitários, emoções e língua, tema da pergunta 3, reproduzo os dois movimentos realizados na pergunta 1 (discussão dos resultados quantitativos e discussão dos resultados tipológicos), direcionando a análise apenas para os textos em que um posicionamento utilitário foi assinalado, objetivando descrever como as ocorrências de ‘atitude’-‘afeto’ se deram entre línguas dentro deste posicionamento em específico, de modo a compreender as diferenças que ocorreram entre as formas discursivas de descrever o processo de tomada de um mesmo tipo de posicionamento em línguas diferentes.

Por último na discussão dos resultados, recorro à fundamentação teórica aqui disponível sobre a construção verbal das emoções a partir da Psicologia do Comportamento e o que a verbalização de emoções representa em meio a outros comportamentos, no caso, a tomada de um posicionamento.

### **4.3.1 Sobre a variação quantitativa entre línguas**

#### 4.3.1.1 Variação estatística

Como apresentado nos resultados (Seção 4.1), as quantidades de ocorrências de ‘atitude’-‘afeto’ em cada texto foram agrupadas em dois grupos, textos em língua portuguesa que dissertam sobre um posicionamento assinalado a partir de um dilema apresentado em português e textos em língua inglesa que dissertam sobre um posicionamento assinalado a partir de um dilema apresentado em inglês. As quantidades, agrupadas pela variável língua, foram submetidas ao teste *T-student* no intuito de obter uma base estatística sobre a diferença entre as quantidades em cada grupo, possibilitando a inferência sobre uma possível correlação entre a variável nominal ‘língua’ e a variável ‘quantidade de realizações de ‘atitude’-‘afeto’’. A saída de tal teste, como mostro nos resultados, indica que não houve variação significativa entre as quantidades realizadas por cada participante para que se possa dizer que escrever em determinada língua leva a uma quantidade significativamente maior ou menor de realizações de ‘atitude’-‘afeto’.

Duas possíveis causas (a amostra reduzida e as limitações do próprio teste) e duas possíveis implicações (a percepção da relevância da subjetividade de cada participante e a existência de homogeneidade de variação entre grupos) podem ser elaboradas a partir deste resultado. Dada a característica do teste *T-student* para variáveis independentes de calcular variações a partir de uma média entre grupos, uma amostra reduzida como a acessada nesta investigação sofre uma forte interferência de variações individuais. Isso quer dizer que, embora as quantidades de realizações de ‘atitude’-‘afeto’ sejam maiores numa soma simples e na observação da diferença entre os textos de cada participante por língua, os textos em que essa quantidade aparece em número menor alteram de modo significativo a média de cada grupo. Como as quantidades individuais (em cada texto) de cada grupo variam de modo semelhante, ficando entre zero e seis ocorrências de ‘atitude’-‘afeto’ por texto, isso é refletido em médias próximas e um desvio padrão também parecido.

Esse resultado também nos permite perceber duas implicações interessantes sobre a relação entre língua e conteúdo emocional dentro do *corpus*. A primeira é que não é a língua em si, mas o uso que cada participante fez de seus recursos em um dado contexto propiciado pelo experimento que exerceu controle sobre a quantidade de realizações de ‘atitude’-‘afeto’; a variação nesse uso levou a uma baixa diferença entre as médias entre as quantidades de realizações em L1 e L2. A segunda implicação é a percepção de homogeneidade de variação entre grupos. A proximidade entre as médias entre grupos nos permite identificar que, ao mesmo tempo em que existiu variação entre a quantidade de avaliações de carácter emocional dentro de cada grupo, existiu semelhança nessa variação entre grupos, já que, de acordo com o resultado, aqueles que fizeram uso dos recursos da L1 para produzir discursos de carga emotiva maior ou menor aproximam-se quantitativamente daqueles que o fizeram em L2, ou seja, os textos mais/menos emotivos em L1 não estão significativamente distantes dos textos mais/menos emotivos em L2.

Em conclusão, o resultado da análise quantitativa a partir do teste estatístico nesta investigação serviu para um detalhamento de análise da amostra acessada no estudo, a qual, devido ao seu tamanho reduzido, demanda que uma possível reprodução desta pesquisa que intente ter um direcionamento mais enfático no objetivo de projetar seus resultados quantitativos para toda a população construa uma amostra maior para que o teste estatístico possa ser interpretado em todo seu alcance. Quanto às implicações

para a amostra, considero que o resultado observado ajudou a pensar a não possibilidade de consideração da língua desligada de outras variáveis, como um posicionamento moral individual prévio já constituído em cada língua. E, por fim, o resultado também indica que existiu uma homogeneidade entre línguas quanto ao aspecto de textos mais ou menos emotivos, o que indica que no *corpus* analisado a variação quantitativa de ocorrências de ‘atitude’-‘afeto’ aconteceu com mais ênfase na relação contexto-sujeito que na relação língua-emotividade.

#### 4.3.1.2. Contraste individual de emotividade entre línguas

Ainda que a análise quantitativa de base estatística revele a não possibilidade de inferir que a língua esteja correlacionada com a quantidade de realizações de ‘atitude’-‘afeto’, é nítida a ocorrência de uma predominância quantitativa dessas realizações nos textos produzidos pelos participantes em L2, quando comparados à quantidade de realizações presentes nos textos produzidos em L1 pelo mesmo participante (como mostra o Gráfico 2). Isso indica que os participantes produziram textos mais carregados de avaliações de caráter emotivo em L2 que em L1.

O experimento realizado foi desenhado para que houvesse o mínimo de interferência de outros fatores que não a língua na produção escrita dos participantes. Um exemplo desse controle foi a escolha de dilemas diferentes de modo a evitar a interferência da tradução, já que ao dissertar sobre o ‘Dilema do bonde’ em português faria com que os participantes apenas traduzissem suas considerações para o inglês, gerando textos de igual conteúdo emotivo. Desse modo, no questionário em inglês foi utilizado o dilema ‘*Concentration Camp*’, que também requer do participante um posicionamento que varia entre utilitário, na decisão de puxar a cadeira e ser responsável pela morte de um detento, e de defesa de bens individuais, representado na ação de não puxar a cadeira e deixar que o guarda seja responsável pela morte de outros detentos.

Apenas um participante dos 11 que compõem a amostra produziu um texto mais carregado emotivamente sobre seu posicionamento em relação ao ‘Dilema do bonde’ que sobre seu texto relacionado ao posicionamento sobre o dilema de ‘*Concentration Camp*’, enquanto todos os outros escreveram textos com quantidade de ocorrências de ‘atitude’-‘afeto’ igual entre textos ou maior em L2.

A escolha de diferentes textos acabou por acarretar a produção de uma

variável além da língua, que é a relação entre a subjetividade dos participantes e os diferentes aspectos de cada narrativa que produz o dilema. Os resultados da variação quantitativa de ‘atitude’-‘afeto’ individuais entre L1 e L2 não refletem apenas a variação entre línguas, mas também a diferença na emotividade despertada pelas diferentes situações, demonstrando que, com exceção de três participantes, aqueles com quantidades iguais e aquele com uma quantidade menor de avaliações de caráter emocional, todos os outros foram mais mobilizados emotivamente pela situação narrada no dilema ‘*Concentration Camp*’ que pela situação apresentada no ‘Dilema do bonde’.

A partir de Skinner (2003), a realização discursiva de emoções está relacionada à familiaridade construída com contextos em que o falar emocional tenha tido sua adequação reforçada. Para esta seção, isso implica a necessidade de pensar nos resultados do ponto de vista de em que medida os participantes estão familiarizados com os aspectos das narrativas apresentadas. Como não houve nesse experimento uma entrevista detalhada acerca da história de vida de cada participante, é preciso recorrer ao contexto cultural no qual estão inseridos para que se possa acessar em que medida os participantes estão familiarizados com as situações a eles apresentadas, mais especificamente, em que medida os participantes foram expostos a discursos acerca dos contextos retratados.

A descrição do contexto cultural dos participantes requer uma breve descrição daquilo que apresentam em comum. São todos professores, com nível de escolaridade igual ou acima do nível superior (variam entre graduados, mestres e doutores) de faixa etária entre 25 e 65 anos, brasileiros, atualmente morando na cidade de Fortaleza. Essa descrição já indica a inserção dos participantes num contexto cultural em que tiveram contato com narrativas acerca de campos de concentração (o tema é estudado em aulas de história, retratado pelo cinema, descrito em variados livros e referenciado com certa frequência em interações cotidianas como alusão a ‘confinamento’). Além disso, o tema não é somente presente em nossa cultura, mas também as fontes de aprendizado acerca de como posicionar-se emotivamente em contextos em que ele se faz presente são vastas. A narrativa exposta pelo ‘Dilema do bonde’, por sua vez, parece ter sido compreendida de modo genérico, tendo em suas avaliações um foco diminuído nos aspectos inerentes ao contexto narrado e maior nos resultados do posicionamento assinalado, denunciando um distanciamento emotivo dos participantes em relação à situação e uma aproximação com a questão moral de matar

um ou deixar cinco morrerem. Tais aspectos se mostram mais nítidos na análise tipológica dos textos.

#### 4.3.1.3. Convergências e divergências com Costa *et al.*(2014) e Lopes (2008)

Os resultados quantitativos indicam que, dentro do *corpus*, existiu um maior número de realizações de ‘atitude’-‘afeto’ em língua inglesa que em língua portuguesa, o que indica disparidade com a afirmação de que o conteúdo emocional eliciado em L2 é menor que o conteúdo de uma L1, hipótese levantada em Costa *et al.* (2014) como justificativa para os dados estatísticos que demonstram uma predominância de decisões utilitárias tomadas em L2:

Em geral, uma língua estrangeira elicia reações emocionais menos intensas em relação à língua nativa [15 – 18]. Por exemplo, respostas de condutividade da pele bem como a força percebida de frases emocionais são reduzidas quando apresentadas em uma língua estrangeira comparada com uma língua nativa [19]. Adicionalmente, vieses heurísticos que são impulsionados por fatores emocionais como aversão a perda, são reduzidos quando pessoas tomam decisões em língua estrangeira [20, 21]. Tal emocionalidade reduzida, defendemos, promove um processo mais racional e controlado que leva a uma decisão utilitária. (COSTA *et al.*, 2014, p. 2)<sup>26</sup>

Ou seja, segundo defendem os autores, tanto a exposição a conteúdo emocional quanto a produção deste tipo de conteúdo são reduzidos quando em L2; porém, os autores se referem a reflexos emocionais fisiológicos (como a condutividade da pele) ou não verbais (como aversão a perda). Friso, no entanto, que os resultados que apresento dizem respeito aos significados interpessoais realizados via língua, aqueles que constroem uma identidade discursiva entre os participantes da interação. Desse modo, de acordo com os resultados que obtive, não se pode estender de imediato a emoção experienciada pelas pessoas – que, segundo a pesquisa com a qual dialogo, varia entre línguas –, à emoção realizada por estas mesmas pessoas via uso de recursos linguísticos, dadas as variáveis interpostas entre a experiência interna individual e a escolha dos recursos da língua que sejam adequados ao contexto de interação no qual essa experiência é verbalizada.

---

<sup>26</sup>Texto fonte: In general, a foreign language elicits less intense emotional reactions relative to a native language [15–18]. For example, skin conductance responses as well as the perceived force of emotional phrases are reduced when presented in a foreign language compared to a native language [19]. Additionally, heuristic biases that are driven by emotional factors, such as loss aversion, are reduced when people make decisions in a foreign language [20,21]. Such reduced emotionality, we argue, promotes a more reasoned, controlled process that leads to a utilitarian choice.

Além dessas divergências, é interessante pontuar também outras, que dizem respeito a variações entre os experimentos realizados. Como não era interesse da pesquisa que cito observar o discurso efetivamente produzido pelos participantes de seu experimento, mas verificar como estes se posicionavam de acordo com a língua falada no contexto em que estavam inseridos, não houve análise de suas justificativas para seus posicionamentos nem comparação entre posicionamentos escolhidos em L1 e L2 por um mesmo falante. Isso representa que os resultados da investigação de Costa *et al.* (2014) apresentam baixa influência de processos de tradução e nível elevado de relação entre as emoções imediatamente eliciadas e o posicionamento escolhido, tanto porque não houve diálogo com outra língua senão a do instrumento de pesquisa (os participantes que responderam em L2 estavam morando em países em que se fala tal língua) quanto porque não houve uma reflexão elaborada via escrita, que poderia fazer com que houvesse uma menor interferência do componente emocional.

Este estudo tem seus resultados advindos de um experimento realizado dentro do país em que se utiliza a L1 dos participantes cotidianamente; além disso, foi solicitado que os participantes elaborassem textos escritos descrevendo o processo que os levou a determinado posicionamento. Estes aspectos trazem para o experimento uma maior presença do processo de tradução, dada a inserção dos falantes em um cotidiano de uso da L1, dificilmente distanciado pela apresentação de um curto texto em L2 e a necessidade de justificar o posicionamento assinalado, que faz com que os participantes reflitam sobre seus posicionamentos, afastando a influência de uma escolha feita de imediato. Chamo a atenção para o aspecto do contexto prioritariamente de L1, pois, como apresentei nos resultados, a maioria dos participantes assinalaram posicionamentos de defesa de bens individuais, que segundo Costa *et al.* (2014), estão mais ligados à inserção em um contexto de L1. Identifico nesse resultado a influência do processo de tradução, que geram em posicionamentos em L2 uma semelhança com posicionamentos em L1. Sobre o segundo aspecto, o dos textos solicitados, considero que a percepção dessa diferença entre os experimentos pode fazer perceber a real ação da língua sobre o posicionamento, não como reflexo (variável de controle não percebida pelo indivíduo), mas como instrumento que ajuda a adequar a emoção ao posicionamento tomado dentro de um contexto.

Mais aproximados dos resultados encontrados nesta investigação, os resultados de Lopes (2008) demonstram que a existência da variação entre línguas está

na identidade construída pelos participantes através do que expressam via língua. Em seus resultados, a autora identifica formas diversas entre inglês e português de expressar sentimentos, julgamentos e apreciações; essas variações ocorrem nas formas linguísticas através das quais os participantes de sua pesquisa expressam-se sobre aspectos de um texto literário.

Sua análise é de que, a partir de variações qualitativas, torna-se possível identificar um distanciamento entre as formas realizadas em L1 e L2. A partir disso, Lopes (2008) chama atenção para a existência do que chama de indeterminação identitária em L2, dada uma frustração na tentativa de reproduzir a mesma subjetividade já construída em L1. É importante que se leve em consideração aqui que existem diferenças entre as variações identificadas em seus resultados e nos desta investigação (discutidos na subseção seguinte). Tais diferenças são possivelmente motivadas pela variação na proficiência dos participantes de ambas as pesquisas. Lopes (2008) tem como participantes estudantes graduandos em cursos de Letras/Inglês ou cursos de inglês, enquanto os participantes desta investigação são professores experientes de língua inglesa. Tal diferença apresenta-se como significativa na discussão sobre a construção de uma identidade indeterminada pela tentativa frustrada de reprodução dos significados expressos em L1 através de uma L2 ou se este fenômeno ocorre apenas porque os participantes de Lopes (2008) ainda não têm domínio suficiente da L2 para construir uma nova identidade discursiva através dela. Para além disso, Lopes (2008) analisa transcrições de textos falados, enquanto, para esta investigação, o *corpus* se constitui de textos escritos.

#### **4.3.2 Sobre a variação tipológica entre línguas**

Nesta seção, discuto os resultados tipológicos, ou seja, as categorias identificadas nos textos a partir da fundamentação do SA, relacionando-os ao contexto do experimento, em especial com aspectos das narrativas sobre as quais um posicionamento é solicitado e como isso se diferenciou entre línguas. Para estruturar essa discussão, levo em consideração a relação participante/pesquisador e participante/narrativa, de modo construir uma melhor compreensão dos resultados descritos anteriormente.

Chamo atenção para a relação entre participante e pesquisador por acreditar que essa relação tem influência sobre as escolhas que os participantes fazem na

produção de seus discursos, inclusive no aspecto emocional realizado, tendo em vista que, dependendo do tipo de relacionamento entre aquele que produz os textos e aqueles aos quais os textos são possivelmente endereçados, o escritor pode optar por realizar ou não determinadas emoções, bem como estruturar a forma como tais emoções são compartilhadas via língua. É necessário, portanto, que seja descrita a relação social entre os participantes e o pesquisador em quesitos que possam vir a alterar as escolhas feitas para a construção do texto. Considero aqui dois quesitos:

- a) A diferença na hierarquia social, que, no contexto de aplicação do experimento, foi definida por mim de acordo com 1) o quanto o experimento dependeu de cada uma das partes para ser realizado, ou seja, o quanto o pesquisador depende dos participantes e o quanto os participantes dependem do pesquisador 2) o nível de controle sobre a situação (conhecimento dos procedimentos do experimento em si) e 3) grau de escolaridade, que acredito exercer influência sobre o léxico utilizado pelos participantes.
- b) O nível de intimidade existente entre participantes e o pesquisador, medido pelo tempo de contato entre as partes, e familiaridade com posicionamentos morais acerca dos temas retratados por ocasião do experimento, esta familiaridade, advinda do fato de que pesquisador e participantes compartilham do mesmo meio cultural e área de estudo, pode influenciar no léxico utilizado, explicitude da avaliatividade e conforto na defesa do posicionamento selecionado.

A partir dessas definições, posso afirmar que, quanto à diferença na hierarquia social, as características utilizadas para a medição acabaram por balancear-se. Em todos os casos, o pesquisador é dependente dos participantes para que o objetivo do experimento seja alcançado; porém, o pesquisador detém o domínio dos procedimentos de aplicação do questionário e o nível de escolaridade variou, visto que alguns participantes são graduados (hierarquia abaixo do pesquisador) outros mestres ou mestrandos (hierarquia equivalente ao pesquisador) e outros doutores (hierarquia acima do pesquisador). Desse modo, posso afirmar que o contexto se define por uma baixa diferença na hierarquia social entre participantes e pesquisador.

No que diz respeito ao nível de intimidade existente entre participantes e pesquisador, quanto ao tempo de contato entre as partes, afirmo que o primeiro contato foi feito por advento desta pesquisa, de modo que a duração do contato se iniciou e se findou com a aplicação do instrumento. Já no tocante à familiaridade com posicionamentos morais acerca dos temas retratados, esta se definiu por suposições, feitas pelos participantes, de que as possibilidades de posicionamento do pesquisador seriam semelhantes àquelas compartilhados pelo contexto cultural no qual as partes se inserem, somados a algumas semelhanças específicas, como a área de trabalho e de estudo em comum, que contribuem para uso de formas de realização de significados pertencentes às comunidades verbais de tais áreas.

A partir destas definições, pode-se observar nos textos a escolha de formas de expressão aproximadas do uso da variante padrão da língua, utilizada em contextos formais. Atribuo isso ao contexto acadêmico de aplicação do questionário, porém com ocorrências de realizações que se aproximam de interações informais, como o uso de interjeições e expressões idiomáticas, atribuído à suposição de que o pesquisador, como leitor, compartilha do uso deste tipo de linguagem.

Na relação entre os participantes e a narrativa, podemos analisar de modo mais aprofundado o significado da variação tipológica entre línguas dentro do contexto. Para isso, observo a relação entre os tipos observados nos resultados – TIPO DE AFETO, TIPO DE REALIZAÇÃO DE AFETO e POLARIDADE –, e os itens avaliados dentro dos textos. Assim como nos resultados, inicio essa descrição a partir das realizações inscritas de ‘atitude’-‘afeto’ em L1:

**Quadro 8 - Itens avaliados pelas realizações inscritas em L1**

<b>Realizações inscritas de ‘atitude’-‘afeto’ em português</b>	<b>Itens avaliados</b>
‘segurança’, ‘negativa’	A si mesmo(a).
‘segurança’, ‘positiva’	A própria proposição; o resultado do posicionamento assinalado sobre si;
‘felicidade’, ‘negativa’	Resultado de um posicionamento possível; o resultado do posicionamento assinalado; o resultado do posicionamento assinalado sobre si.
‘felicidade’, ‘positiva’	<b>Não houve ocorrências</b>
‘satisfação’, ‘negativa’	O resultado do posicionamento assinalado

'satisfação', 'positiva'	<b>Não houve ocorrências</b>
--------------------------	------------------------------

Fonte: elaborado pelo autor

A partir dessa análise, é possível identificar que, em L1, as escolhas feitas demonstram interesse em explicitar avaliações de caráter emocional acerca de aspectos direcionados aos próprios participantes inseridos na situação. Estão explícitos sentimentos de insegurança quanto a estar na situação, infelicidade quanto aos resultados do posicionamento escolhido e de outros posicionamentos possíveis, tanto sobre o ambiente quanto sobre si e insatisfação quanto ao resultado da decisão tomada.

Tais inscrições indicam que, em português, esses são os itens que os participantes, dado o contexto de interação, se sentem mais livres para avaliar explicitamente de modo emotivo. Interessante notar que tais itens são aqueles que se referem, de algum modo, aos próprios autores dos textos, indicando maior facilidade em explicitar avaliações que não entrem em conflito com as avaliações de possíveis leitores por serem avaliações sobre as emoções dos próprios participantes, distanciadas de itens que possam ser avaliados também por outras pessoas. Novamente, chamo atenção para a relação participante/pesquisador, que ajuda a compreender a razão da presença dessa característica nos textos. Como descrito antes, aspectos de hierarquia social e intimidade influenciaram as produções regulando o distanciamento entre o leitor (pesquisador) e os autores (participantes). A existência de um balanceamento na hierarquia social resulta na escolha de um léxico emotivamente avaliativo aproximado da variante padrão típica da escrita (com pouco uso de gírias e interjeições); porém, o nível de intimidade regulado pelo conhecimento das possibilidades de posicionamentos morais compartilhados contribui para inscrições de avaliações cuja probabilidade de aprovação são altas, além de uso de linguagem conotativa para a realização de avaliações implícitas.

De modo a viabilizar a discussão comparativa da variação tipológica explícita entre línguas com base na sua relação com aspectos contextuais, sigo com a apresentação dos itens avaliados explicitamente em L2.

#### **Quadro 9 - Itens avaliados pela realizações inscritas em L2**

<b>Realizações inscritas de 'atitude'-'afeto' em inglês</b>	<b>Itens avaliados</b>
---	------------------------

‘segurança’, ‘negativa’	As situações; resultado de um possível posicionamento sobre si; o próprio posicionamento; a si mesmo(a).
‘segurança’, ‘positiva’	O resultado do posicionamento; o resultado do posicionamento sobre si; a própria ação.
‘felicidade’, ‘negativa’	<b>Não houve ocorrências</b>
‘felicidade’, ‘positiva’	<b>Não houve ocorrências</b>
‘satisfação’, ‘positiva’	<b>Não houve ocorrências</b>
‘satisfação’, ‘negativa’	<b>Não houve ocorrências</b>

Fonte: elaborado pelo autor

Como já apresentado anteriormente nos resultados, as formas explícitas de avaliação realizadas em L2 se apresentaram reduzidas a avaliações do tipo ‘segurança’, o que indica que os participantes, em L2, optaram por explicitar menos formas de realizar a representação verbal de suas avaliações emotivas. Tal variação é sintomática de uma imprecisão lexical existente em L2 que faz com que os autores se utilizem de formas menos diretas de construir suas avaliações, como defende Lopes (2008), como também o é de uma emocionalidade reduzida, devido à exposição do texto em L2, como defendem Costa *et al.* (2014). Sobre esta segunda consideração, pode-se debater que o número geral de ocorrências emocionais em L2 foi maior que em L1, mas lembro que, como já comentado, a narrativa apresentada no dilema em L2 desperta uma emocionalidade maior que a narrativa em L1, de modo que a baixa carga emocional defendida por Costa *et al.* (2014) pode estar sendo aqui indicada pela baixa variedade tipológica em L2. De todo modo, outra investigação precisaria ser desenvolvida para verificar qual das duas considerações dá melhor explicação ao fenômeno. Além disso, o estabelecimento de uma relação causal, dada a impossibilidade de controle sobre todas as variáveis inerentes ao fenômeno, torna-se inconsistente, sendo possível apenas o mapeamento da relação entre variáveis que se apresentam por ocasião deste experimento.

No tocante ao relacionamento com a narrativa, é possível perceber que,

assim como em L1, as avaliações explícitas são feitas sobre âmbitos do contexto do experimento que não são passíveis de conflito com avaliações de outros (por exemplo, o pesquisador), tendo em vista que são avaliações sobre as próprias emoções a partir do contexto. Isso se apresenta em avaliações de insegurança sobre os resultados que os posicionamentos escolhidos terão sobre si (o(a) autor(a)) e avaliações sobre os próprios autores em face da situação, além de avaliações de segurança também sobre os resultados dos posicionamentos sobre si (novamente, o(a) autor(a)) e avaliações sobre as próprias ações, havendo apenas um item avaliado que não é diretamente sobre a emoção do autor, avaliando apenas o resultado do posicionamento.

Explico que separo aquelas avaliações que são feitas sobre o autor em relação ao resultado de algo, como *'I'd feel deeply guilty'*, daquelas que são feitas sobre o próprio resultado, como *'I wouldn't want to be responsible'*<sup>27</sup>, considerando o Processo relacional 'feel' + Participante (Atributo) 'guilty' como um resultado sobre o autor de um posicionamento que decorreu na morte de um personagem da narrativa, e o Processo relacional 'be' + Participante (Atributo) 'responsible' como o próprio resultado, independente da emoção do autor.

Podemos compreender que, na relação entre os participantes e a narrativa, os significados realizados explicitamente tanto demonstram a tentativa de posicionar-se emotivamente sem necessariamente avaliar aspectos contextuais que gerem debate. Isso é representativo de uma tentativa de construção argumentativa que seja compreendida, pelo leitor, como baseada em impressões particulares, afastando a leitura de que existe, no posicionamento e na descrição do processo que o originou, uma presunção acerca dos conceitos de certo ou errado, criando a ideia de uma moral individual na qual determinada escolha é justificada. Esse movimento se apresenta tanto em L1 quanto em L2. Além disso, a baixa variabilidade de TIPOS DE AFETO realizados explicitamente em L2 não está refletida também numa variabilidade reduzida de itens avaliados, tendo em vista que, nas duas línguas, os itens avaliados foram muito semelhantes, embora tal avaliação tenha sido feita de formas distintas. Esse fenômeno pode ser lido como indicativo tanto de uma variação nos tipos de emoções instigadas pelas narrativas quanto também de uma variação na capacidade de realização explícita de tipos de emoção diferentes (aqui sob a categoria TIPOS DE AFETO) através do uso de recursos de diferentes línguas.

---

<sup>27</sup> Excertos no apêndice C.

Em ambas as línguas, existiu uma predileção pela realização de avaliações feitas de forma implícita, aqui compreendida como construída por significados ideacionais-experienciais realizados via gramática de transitividade, ou seja, a combinação de Processos, Participantes e Circunstâncias em orações constituintes de complexos oracionais que acabam por evocar avaliações de caráter emocional sem necessariamente fazer uso de léxico emotivamente avaliativo. De modo a refinar as categorias de análise e viabilizar uma discussão mais embasada, analiso, nesse tipo de realização, além da tipologia de afeto, a variabilidade entre tipos de Processos entre línguas, de modo a indicar de que forma os significados representacionais foram construídos, de modo a melhor compreender as diferentes construções entre línguas desse tipo de avaliação.

Abaixo, o Quadro 10 mostra os itens avaliados em realizações evocadas de ‘atitude’-‘afeto’ em L1:

**Quadro 10 - itens avaliados pelas realizações evocadas em L1**

<b>Realizações evocadas de ‘atitude’-‘afeto’ em português</b>	<b>Itens avaliados</b>	<b>Processos</b>
‘segurança’, ‘negativa’	O resultado do posicionamento assinalado sobre si; o resultado da situação sobre si; a natureza da escolha; a situação proposta; o valor da própria ação; a própria personalidade.	Comportamental; material; verbal; relacional.
‘segurança’, ‘positiva’	Uma situação alternativa à proposta.	Relacional.
‘felicidade’, ‘negativa’	O resultado do posicionamento assinalado sobre si.	Material.
‘felicidade’, ‘positiva’	<b>Não houve ocorrência</b>	
‘satisfação’, ‘positiva’	A possibilidade de evitar a morte da personagem.	Comportamental.
‘satisfação’, ‘negativa’	A própria capacidade de lidar com a decisão.	Material

Fonte: elaborado pelo autor

Como apontaram os resultados, as realizações evocadas de ‘atitude’-‘afeto’

se fizeram mais presentes em ambas as línguas que as realizações inscritas, essas realizações evocadas também avaliaram uma variedade maior de itens contextuais, de modo que a análise destas permite uma melhor compreensão dos significados criados pelos autores dos textos. Podemos ver aqui que emoções ligadas à insegurança e infelicidade, assim como as realizações inscritas, estão majoritariamente na avaliação de itens relacionados aos próprios participantes, como o resultado emocional de posicionamentos possíveis e assinalados sobre estes (os participantes), o desconforto causado pela situação sobre si, o valor da própria decisão e a própria personalidade. Também foram avaliados sob a perspectiva de insegurança aspectos da narrativa, como a natureza da escolha proposta. Finalmente, sobre as avaliações de insatisfação, foi implicitamente avaliada a própria capacidade de lidar com o resultado da decisão tomada, identificada através da realização de frustração.

Quanto às avaliações de polaridade positiva, essas tiveram como itens avaliados a segurança trazida caso houvesse uma situação alternativa à situação proposta nos textos e a satisfação advinda da consecução do objetivo de executar a ação resultante de um dos posicionamentos sem causar a morte do personagem da narrativa.

Essas avaliações evocadas em L1 ocorrem lexicogramaticalmente realizadas com a participação de uma variedade de Processos. Chamo atenção para a presença de processos relacionais, que indica uso de uma estratégia argumentativa de construir uma combinação entre Portadores (itens avaliados) e Atributos não lexicalmente emotivos, de modo a criar um significado ideacional-experiencial em que a avaliação emotiva fique implicitamente contida. Sobre os outros Processos identificados nas realizações evocadas, justifico a ausência de Processos mentais por estes (nas ocorrências identificadas em L1) terem sido compreendidos em suas ocorrências como léxico diretamente emotivo (como no uso do verbo ‘sofrer’); no entanto, friso que isso só ocorre quando o Processo mental carrega significado emotivo em si. Os Processos comportamentais, embora não representem em si um léxico diretamente emocional, acabam por atribuir aos Comportantes também um aspecto de Experienciadores. Desse modo, evocando emotividade. O Processo verbal citado vem dentro de um grupo verbal modulado ‘não posso dizer’, que evoca insegurança e, finalmente, os Processos materiais evocam conteúdo emotivo pelos pós-modificadores utilizados, como em ‘agiria por instinto’, em que, ‘por instinto’ modifica o Processo criando o significado de ‘irracionalmente’, ou seja, sem controle da razão, advérbio que em nossa cultura está

semanticamente próximo do advérbio ‘emocionalmente’.

Através desses tipos de realizações, podemos perceber que, em português, diversos aspectos da narrativa causaram insegurança, infelicidade e insatisfação nos participantes, que avaliaram tais aspectos a partir de emoções de caráter negativo, recorrendo ao movimento argumentativo de propor situações alternativas que avaliariam de modo mais emocionalmente positivo. O uso de recursos figurativos de muitas realizações evocadas (através da modificação de Processos) indica que, em L1, os participantes dispõem de riqueza desse tipo de recursos na representação de emoções e que o uso destas é socialmente aceito em contextos de interação com indivíduos hierarquicamente equivalentes e que compartilhem da mesma comunidade verbal.

Observemos o quadro abaixo para a discussão da relação entre o contexto e os resultados nas realizações evocadas em L2:

**Quadro 11 - itens avaliados pelas realizações evocadas em L2**

<b>Realizações evocadas de ‘atitude’-‘afeto’ em inglês</b>	<b>Itens avaliados</b>	<b>Processos</b>
‘segurança’, ‘negativa’	A natureza da escolha; a própria ação; o resultado do posicionamento; o resultado do posicionamento sobre si; a situação de pesquisa; a si mesmo(a).	Material; comportamental; relacional; mental.
‘segurança’, ‘positiva’	O próprio posicionamento; o resultado do posicionamento; a própria ação.	Relacional; verbal; material;
‘felicidade’, ‘negativa’	O pesquisador.	Material.
‘felicidade’, ‘positiva’	<b>Não há ocorrências</b>	
‘satisfação’, ‘negativa’	A própria ação; a natureza da escolha.	Comportamental; relacional;
‘satisfação’, ‘positiva’	<b>Não há ocorrências</b>	

Fonte: elaborado pelo autor

Comparativamente, podemos observar que, de modo geral, os itens

avaliados e os Processos que participam da realização dos significados evocados se assemelham entre línguas. Porém, existem variações que indicam formas diversas de relacionamento entre participantes e contexto quando em línguas diferentes.

As avaliações evocadas de caráter negativo concentraram-se em itens contextuais geradores de insegurança e infelicidade. Tais itens foram novamente aqueles sobre os quais os participantes identificam emoções de desconforto em face de uma situação em que nenhuma das alternativas é culturalmente tida como correta. Em L2, além do desconforto com a natureza da situação e os resultados advindos dos posicionamentos disponibilizados pelo questionário, os autores avaliaram emotivamente itens contextuais fora da narrativa, evocando emoções de irritação com o pesquisador e com a situação de pesquisa em si. Também em L2, uma ocorrência de Processo mental foi identificada na realização evocada de insegurança, indicando uma familiaridade com o uso deste recurso no desenvolvimento de um discurso avaliativo implícito.

Assim como na análise quantitativa, a análise tipológica da polaridade em realizações evocadas também apresentou uma variação argumentativa nos textos escritos em L2. As avaliações positivas, mais presentes nessa língua, foram utilizadas para avaliar emoções relativas à ‘segurança’ nos resultados dos posicionamentos assinalados pelos participantes, enquanto em L1 essa segurança só se fez presente na avaliação de situações alternativas criadas pelos próprios autores, nas quais nenhum dos resultados negativos do dilema existiria.

Assim como nas realizações inscritas, a variabilidade de TIPOS DE AFETO em L2 foi menor que em L1, apesar de as realizações de ‘atitude’-‘afeto’ em L2 serem quantitativamente superiores. Trazendo novamente o aspecto mais emotivo da narrativa apresentada em L2, esta variação é indicativa de que existiu uma tentativa de realização mais emotiva em L2, dado que a narrativa dava um contexto sobre o qual os participantes estão familiarizados discursivamente e culturalmente autorizados a reproduzir um discurso de caráter emocional, isso é mostrado pelo número de realizações de ‘atitude’-‘afeto’ em L2. No entanto, a implicitude de tais realizações e a presença de menos tipos de emoções realizadas no discurso em L2 aponta para um distanciamento da possibilidade de produção de um discurso emotivo preciso (que seria representado por mais realizações inscritas e maior variedade de TIPOS DE AFETO), distanciamento este compensado quantitativamente.

A análise das variações tipológicas citadas nesta seção não permite elaborar

acerca da relação entre língua e posicionamentos; no entanto, permite dizer que o discurso produzido em línguas diferentes acaba por representar a realização de identidades discursivas diversas entre línguas. Isso pode ser percebido no uso de diferentes estratégias argumentativas, via avaliação de itens contextuais nem sempre equivalentes e criação de significados a partir de diferentes processos lexicogramaticais, e diferentes tipos de emoção na descrição de posicionamentos. Desse modo, podemos afirmar que, embora não se possa atribuir, com base nesta investigação, diferentes posicionamentos a diferentes línguas, pode-se dizer que os sujeitos que discutem estes posicionamentos se constroem discursivamente de maneira diversa.

#### **4.3.3 Sobre a variação tipológica entre posicionamentos**

Como dito na abertura da Seção 4.3, a discussão dos resultados quanto à variação entre posicionamentos tem foco aqui na investigação das variações tipológicas entre discursos que descrevem diferentes posicionamentos, de modo independente da língua. Porém, algumas considerações acerca do aspecto quantitativo desse agrupamento precisam estar presentes.

Assim como nos agrupamentos entre línguas, estatisticamente não se identificou correlação entre diferentes posicionamentos e quantidade de realizações de ‘atitude’-‘afeto’, dada a média próxima dessas quantidades entre grupos, por razões que refletem as razões citadas na Subseção 4.3.1.1. Relembro, no entanto, que existe uma diferença significativa entre o número de textos presente em cada grupo: seis textos no grupo de posicionamentos utilitários e 11 textos no grupo de posicionamentos de bens individuais, sendo que, no primeiro grupo, três textos são em L1 e três em L2, enquanto no segundo grupo cinco são em L1 e seis são em L2. Isso significa que, dentro da amostra analisada, existiu uma predileção pelo posicionamento de bens individuais, balanceada entre línguas, cuja discussão reflete aquela feita sobre a interferência do processo de tradução e a defesa de Costa *et al.* (2014) acerca da tendência a posicionamentos de defesa de bens individuais em L1 (Subseção 4.3.1.1.). Finalmente, ressalto como dado quantitativo significativo o fato de que, apesar de o grupo sobre posicionamentos de defesa de bens individuais ter maioria quantitativa de textos (quase o dobro do outro grupo), a quantidade de realizações de ‘atitude’-‘afeto’ não reflete essa proporção, dado que, em descrições desse grupo, existem 25 ocorrências e no grupo sobre posicionamentos utilitários existem 21, uma diferença menor que a esperada. A

discussão nesta subseção é acerca de como se deu a variação no conteúdo emocional do ponto de vista das diferentes categorias e formas de suas realizações, uma vez que o contraste quantitativo não ofereceu dados suficientes para análise.

Como vemos nos resultados, as realizações inscritas novamente aparecem em menor número que as evocadas em ambos os posicionamentos, por ter sido essa a estratégia adotada pelos participantes nas descrições sobre como tomaram suas decisões. Entre posicionamentos, a diferença de itens avaliados se mostra bastante significativa. Em textos do grupo de posicionamentos utilitários, avaliações sobre os resultados das ações de cada participante ocorreram prioritariamente; além disso, há avaliações emotivas em que é explicitado o desconforto e a infelicidade diante das possibilidades desses resultados. Os textos do grupo de posicionamentos de bens individuais, por sua vez, direcionaram suas avaliações explícitas ao desconforto gerado pela natureza da situação, em que nenhum resultado parece ser satisfatório. A ausência de ‘afeto’ do tipo ‘satisfação’ em ambos os grupos indica que não houve interesse em explicitar um posicionamento baseado na consecução de objetivos, tendo em vista que, dada a natureza da situação, estabelecer um objetivo poderia parecer uma estratégia construída a partir de uma falta de sensibilidade, aspecto culturalmente tido como negativo.

Nas realizações evocadas, as diferenças entre os itens avaliados permanecem a mesma das realizações inscritas, com textos que descrevem como os autores chegaram a posicionamentos utilitários avaliando mais os possíveis resultados dos posicionamentos e textos que descrevem como os autores chegaram a posicionamentos de defesa de bens individuais mantendo o foco de avaliação sobre a natureza da situação. A presença de Processos relacionais em textos de posicionamentos de bens individuais aparecem com maior frequência, indicando a necessidade de definir a situação como desconfortável, enquanto descrições sobre posicionamentos utilitários apresentam maior variedade de Processos, indicando possíveis emoções experienciadas em decorrência de possíveis resultados. Outra variação significativa é a escassez de avaliações evocadas de caráter positivo em textos de posicionamentos de defesa de bens individuais (apenas uma) que, relacionadas aos tipos de itens avaliativos em que houve foco nesses textos, aponta para nível maior de insegurança e uma dificuldade em positivar qualquer aspecto dos possíveis resultados.

A carga emotiva dos textos que descrevem as formas sob as quais

posicionamentos utilitários foram escolhidos, bastante presente apesar da pouca quantidade de textos, pode ser indicativa de um maior engajamento emocional por parte daqueles que defendem este tipo de posicionamento. O uso discursivo deste tipo de avaliação como estratégia argumentativa contribui para construir uma identidade consciente dos resultados negativos do posicionamento assinalado, mas comprometida com a defesa que se entende como ‘bem maior’, aspecto que caracteriza o posicionamento utilitário.

#### **4.3.4 Variações entre línguas em posicionamentos utilitários**

Partindo da discussão feita sobre as variações quantitativas e tipológicas entre línguas e entre posicionamentos, discuto agora a variação destes aspectos entre línguas dentro do grupo de textos que descrevem escolhas de posicionamentos utilitários, de modo a possibilitar a identificação de que aspectos estão relacionados entre este tipo de posicionamento e as variáveis dentro do modo como cada língua foi utilizada dentro do *corpus* disponível.

Quantitativamente, o grupo de textos em L1 apresentou um baixo nível de carga emocional, com apenas seis realizações de ‘atitude’-‘afeto’, em contraste com 15 realizações presentes nos textos em L2. Ainda assim, com o refinamento da análise, se faz possível perceber que essas ocorrências são tipologicamente ricas, o que significa dizer que abrangem uma variedade significativa de TIPOS DE AFETO, POLARIDADE, processos e itens avaliados. Em apenas seis ocorrências, estão presentes nas ocorrências em L1, avaliações que significam desconforto quanto aos resultados do posicionamento assinalado, através de processos comportamentais, relacionais e mentais, com uso de atributo emotivo explícito e linguagem figurativa representativa de tal desconforto; avaliações representativas de esperança em sucesso na consecução do objetivo de evitar a morte de um personagem da narrativa, através de processo comportamental em significado ideacional-experiencial que evoca emotividade através do sentido de ‘esperar por bons resultados’; e avaliações em que a emoção de tristeza é realizada implicitamente e explicitamente avaliando os resultados do posicionamento e o contexto do experimento. Além de demonstrarem-se menos emocionalmente carregados, os textos em L1 foram explícitos na realização de avaliações emocionalmente negativas, o que se demonstrou recorrente nos textos

escritos em L1 de modo geral. Textos em L2, por sua vez, ao dissertar sobre posicionamentos utilitários, tiveram momentos de foco em avaliações emocionais de POLARIDADE positiva acerca de algum aspecto levantado, construindo uma identidade mais voltada à compensação trazida pela tomada de uma decisão em L2 que em L1, em que o discurso se baseia nas emoções de insegurança sobre o questionamento discutido.

A riqueza tipológica identificada em L1 pode ser compreendida tanto pelo domínio que os participantes têm dos recursos disponíveis para verbalizar suas emoções dentro do sistema dessa língua, elaborando variadas estratégias descritivas e argumentativas, quanto pelo conforto gerado por estarem inseridos em ambiente de uso cotidiano da L1, dado que o experimento foi realizado em seu país de origem.

As ocorrências observadas em L2 novamente indicam que, ainda que quantitativamente mais presentes, essas ocorrências variam menos tipologicamente, indicando que as estratégias descritivas e argumentativas utilizadas para descrever a escolha por posicionamentos utilitários. Ainda que apresentem os três TIPOS DE AFETO, os tipos ‘felicidade’ e ‘satisfação’ aparecem apenas uma vez cada um, mesmo dentro de uma quantidade maior de ocorrências, refletindo nos textos sobre posicionamentos utilitários o que já se observou sobre textos produzidos em L2 de modo geral. Faz-se possível perceber que os resultados tipologicamente variados para em posicionamentos utilitários quando somadas as duas línguas, discutido anteriormente, deve ser atribuído à variedade presente nos textos em L1, com exceção de algumas variáveis encontradas somente em L2, como a presença do pesquisador como item avaliado e o uso da combinação entre interjeição e demanda como produção de significado emotivo evocado em L2.

#### **4.3.5 Discussão dos resultados a partir da Psicologia Comportamental**

Uma compreensão mais abrangente de aspectos dos resultados observados pode ser viabilizada pelo diálogo entre a Linguística e outros conhecimentos que possam ser operacionalizados no fenômeno observado. A Psicologia Comportamental oferece formas de investigar as relações entre as ações dos organismos e as variáveis dos ambientes em que estão inseridos. No caso deste estudo, a relação entre as ações de posicionar-se moralmente sobre um dilema e verbalizar emoções sobre estes posicionamentos em ambientes em que a língua varia pode ser mais amplamente

compreendida na observação de fatores do experimento e utilização de conceitos da área.

Estabeleço como foco para esta discussão os seguintes aspectos identificados nos resultados, a partir da análise do contexto social em que os comportamentos se desenvolveram: as diferenças entre os contextos em que os textos foram produzidos e o conceito de emoção, as variações quantitativas e qualitativas individuais dentro dos grupos, a relação entre textos e posicionamentos e os contextos sociais de desenvolvimento das línguas utilizadas.

A partir do entendimento de emoções como os nomes dados a predisposições a determinados comportamentos com base na probabilidade de uma atitude ocorrer em determinada circunstância, torna-se indispensável que se observe a circunstância em que as emoções foram verbalizadas. Como já discutido, as duas variáveis de relevância entre as situações criadas pelo experimento são a língua e as situações propostas pelas narrativas no questionário. Entendo que, no contexto experimental, tais narrativas são produtos do comportamento verbal do pesquisador e, como descreve Skinner, atua como estímulo eliciador de emoções em outros indivíduos que dominem a mesma língua, no caso, os participantes da pesquisa. Interessante notar como o comportamento verbal dispensa a necessidade da presença imediata dos estímulos eliciadores escritos, sendo suficiente a representação verbal de tais estímulos. A situação narrada, juntamente com todo o contexto experimental e as relações estabelecidas entre pesquisador e participantes, elicia respostas fisiológicas específicas em cada pessoa. Tais sensações fazem parte do contexto da ação verbal de indicação de um ou outro tipo de posicionamento dentro do que é disponível pelo instrumento de pesquisa. Os participantes, ao descreverem como escolheram determinado posicionamento, realizam uma segunda ação verbal: cada participante verbaliza, em maior ou menor medida, as emoções eliciadas pelo contexto do experimento.

Alguns aspectos da descrição acima podem ser analisados com maior profundidade a partir dos pressupostos da Psicologia Comportamental anteriormente apresentados. Em primeiro lugar, a língua em que o estímulo eliciador é apresentado varia no experimento, tendo essa variação um maior ou menor potencial de eliciação emocional, não passível de observação direta neste experimento por tratar-se de um evento privado. Lembro, no entanto, que segundo estudos citados por Costa *et al.*(2014), existem indicativos fisiológicos que apontam para um menor nível reativo em

contextos de L2. Os textos escritos pelos participantes, no entanto, representam um comportamento verbal através do qual podemos acessar, pelo menos parcialmente, os eventos privados que experienciam. Como os resultados indicaram, entre línguas, ainda que as quantidades não tenham possibilitado identificar se uma língua elicia maior grau de emotividade que outra, a variação tipológica demonstra que os comportamentos entre línguas ocorrem de maneira diversa.

Sobre essa diversidade, o arcabouço teórico aqui utilizado descreve como a verbalização de emoções se desenvolve a partir da comunidade verbal. No caso desta investigação, temos que o desenvolvimento da L1, especificamente as formas de verbalizar emoções, ocorre de modo diverso do mesmo desenvolvimento em L2, o que se reflete em repertórios diversos de representação verbal das emoções eliciadas pelo contexto das narrativas. Isso implica dizer que, como as emoções são desenvolvidas socialmente, existem condições ambientais reforçadoras variáveis para cada indivíduo em sua história de desenvolvimento de formas de representar suas experiências privadas, essa história difere entre as duas línguas. Skinner (2003) descreve que a comunidade verbal desenvolve diferentes sistemas linguísticos em um mesmo indivíduo de acordo com os contextos sociais em que este é inserido ao longo de sua vida, isso dentro de uma mesma língua. Em línguas diferentes, essa variação se apresenta ainda mais enfaticamente, tendo em vista as diferentes sociedades em que tais línguas foram desenvolvidas, sendo muitos os fatores que influenciam o repertório do autor quando este desenvolve uma língua como L2, construindo um histórico de desenvolvimento dessa língua cujo resultado é um repertório diferente do repertório da L1 do autor e também do repertório de quem desenvolve tal L2 como L1.

Sob o aspecto individual do histórico de reforçamento, friso que, de acordo com Skinner (2003), existe uma impossibilidade de alcançar verbalmente a experiência privada de cada indivíduo, de modo que o desconforto relatado pelos participantes deste experimento, seja em que língua for, pode diferir substancialmente entre participantes, bem como a forma de relato deste desconforto também varia de acordo com a história de aprendizagem individual de cada um, que faz com que, não só tenham experiências privadas diferentes diante da mesma situação, como também as verbalizem através de formas diferentes, o que é representado no fato de que, dentro dos mesmos grupos existem variações na quantidade individual de emoções relatadas suficientes para influenciar sobre a média de cada grupo.

Além da variável língua, as diferentes situações apresentadas nos textos são afetadas pela história de reforçamento dos participantes. Como já discutido, os participantes estão inseridos em um contexto cultural no qual lhes foi oferecido um maior repertório emocional para executarem ações desta natureza na situação apresentada em L2 que na situação apresentada em L1, indicando que, enquanto as emoções verbalizadas para a situação em L1 são feitas a partir de correlações entre a emoção sentida para uma situação semelhante e estendida para o dilema narrado, as verbalizações em L2 são produto de emoções já previamente dedicadas a aspectos da situação narrada, não necessariamente que os participantes tenham tido contato direto com campos de concentração, mas têm referências culturais acerca de que emoções são usualmente dedicadas a este tema específico.

Outro interessante aspecto descrito na fundamentação teórica e relevante para a discussão dos resultados é a relação de reforçamento exercida através do comportamento verbal de descrever a escolha de um posicionamento para o comportamento de escolhê-lo. Isto é representativo do fato de que o comportamento verbal, como teoriza Skinner (2003), reforça as ações de outros indivíduos bem como a própria ação daquele que a desempenha. Desse modo, a estratégia retórica identificada em alguns dos textos de avaliar emotivamente os aspectos positivos da escolha assinalada pode ser representativa do comportamento verbal servindo como reforço para a ação do próprio indivíduo. No entanto, não apenas as descrições com foco em aspectos positivos fazem parte do processo de reforçamento da ação de escolha de um posicionamento. Vários aspectos das descrições atuam como consequências dessa ação de escolha, sejam eles positivos ou negativos, produzidos via comportamento verbal do próprio participante que a assinalou.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados discutidos neste estudo, finalizo com algumas considerações no sentido de chamar atenção para os aspectos mais representativos dos resultados e suas implicações para a identidade discursiva da pessoa bilíngue. Para além disso, friso as limitações desta pesquisa e possíveis alterações experimentais que possam vir a desvelar outras relações entre língua e subjetividade. Por fim, enfatizo as contribuições que as áreas da Linguística Aplicada e da Psicologia podem oferecer uma a outra, considerando como isso ocorreu nesta investigação.

A variação tipológica entre participantes e entre os grupos nos quais foram separados esteve presente aqui como indicação dos fenômenos manifestos em duas vias: uma em sua representatividade de que variáveis serviram de contexto para a produção de um discurso elaborado a partir da escolha de uma forma dentre as tantas oferecidas por uma língua, e outra apontando para os resultados produzidos pela escolha deste discurso quanto à identidade construída pelo seu autor. A primeira via, onde identifico o porquê do discurso ser realizado da forma como foi realizado, indica a importância da compreensão de três aspectos fundamentais presentes na interação verbal e sobre a qual exercem controle, dialogando entre si: o contexto cultural que rege a relação moral entre aquele que constrói o discurso e o tópico sobre o qual se posiciona, o contexto em que a própria interação ocorre, que influencia as formas como tal posicionamento moral é exposto, de acordo com as relações entre os participantes e a relação entre aquele que se expressa e a língua que utiliza, que tem ação sobre a efetiva realização da forma de posicionamento moral intencionado.

A LSF apresentou-se como particularmente bem sucedida como modo de possibilitar a análise desses três aspectos. A análise de cada um deles pode ser enriquecida por outras áreas de conhecimento como a Psicologia, que fornece modos de compreender as relações específicas das pessoas com situações imediatas em que são colocadas e ajudar a compreensão das variáveis culturais. Os resultados aqui discutidos representam uma forma de interação entre esses três aspectos: as narrativas apresentadas mobilizam posicionamentos morais dos indivíduos a partir da cultura na qual aprenderam as possíveis formas de comportar-se em face dos assuntos retratados, como é possível perceber na emotividade presente em textos sobre campos de concentração. Tal posicionamento, na necessidade de ser verbalizado, foi influenciado pelo contexto experimental e pela relação entre os participantes do experimento e o pesquisador, que

fez com que os participantes produzissem textos localizados em um contínuo entre o que temos como costume para a linguagem formal escrita e interações cotidianas não íntimas. As línguas, por sua vez, como representativas de práticas sociais, foram utilizadas de modo diverso, ainda que com intencionalidade semelhante, como é possível observar nos diferentes alvos de avaliação, Processos e tipos de realização (inscrições e evocações). Tais características puderam ser percebidas no discurso e representam a via de compreensão de como estes discursos são controlados em sua produção.

A segunda via aponta para os resultados destes discursos da forma como se apresentam, sob a figura de diferentes identidades discursivas, ou seja, diferentes entendimentos que são construídos pelos sujeitos a partir da forma como estes se expressam. Um exemplo disso está na identificação de discursos mais emotivos, porém menos precisos, em produções escritas em L2, bem como discursos mais pragmáticos e voltados aos resultados, também em L2. Sobre este aspecto, cabe aqui o questionamento sobre a visão de indeterminação identitária descrita aqui a partir de Lopes (2008).

Dado que o que podemos perceber são identidades que se constroem de maneiras diversas devido às formas sociais de uso das diferentes línguas, a identidade percebida em L2 é indeterminada apenas se levarmos em consideração a impossibilidade de realizar nessa L2 uma forma discursiva oriunda da L1. No entanto, o que se percebe nos textos é que uma mesma função é desempenhada de modo diverso nas diferentes línguas porque estas foram as construções sociais desenvolvidas dentro de cada sistema; deste modo, é possível questionar se uma emoção é realizada em L2 porque esta é uma forma possível e adequada de realização no uso deste sistema ou se esta é uma forma advinda de uma falta de repertório para reproduzir a forma de realização desta emoção como se faria em L1. Ou seja, existe uma indeterminação ou uma nova determinação? Segundo Skinner (2003), a impossibilidade de alcançar a experiência privada com precisão é inerente a qualquer língua, dado que o processo de aprendizagem das emoções ocorre com base em comportamentos observáveis publicamente e suas relações com características ambientais. Lopes (2008) afirma que a impossibilidade de descrever com exatidão a própria experiência é percebida mais nitidamente quando em face do uso da L2. Não procurarei responder a tal questionamento, mas julgo como uma consideração necessária pela presença das duas fundamentações neste trabalho.

Importante considerar, para trabalhos futuros, as limitações do experimento realizado, já comentadas na discussão dos resultados, como o tamanho da amostra, a execução do experimento em contexto de uso cotidiano de uso de uma das línguas especificamente e a diferente carga emotiva culturalmente construída entre as narrativas. Tais aspectos tiveram suas influências comentadas no capítulo anterior e são percebidas desde já como lacunas, apesar de que, percebidas, foram levadas em consideração na discussão dos resultados. Além disso, produziram resultados úteis para esta investigação, em especial a carga emotiva da narrativa em L2, que ajudou em uma melhor observação das formas de realizar emoções nesta língua.

Por fim, chamo atenção para as possibilidades que existem na interface entre a Linguística Aplicada e a Psicologia, em especial a LSF e a Psicologia do Comportamento. Ao longo deste trabalho, para além do aspecto fundamentalmente linguístico, como as análises textuais, as variáveis relativas à situação do experimento foram analisadas com base em relações que partem de pressupostos da teoria skinneriana de modo a expandir a capacidade de análise da LSF nesse âmbito. Além disso, para a própria Psicologia, os modelos de análise aprofundados trazidos pela LSF podem ajudar a desenvolver análises mais ricas das verbalizações construídas pelos sujeitos estudados ao comportarem-se verbalmente, em conjunto com os modelos já utilizados.

A compreensão aqui construída acerca da relação entre emoções, discurso e moralidade aponta para uma diversidade de variáveis influentes sobre nossas ações cotidianas não refletidas. Nosso modo de expressão, nossos posicionamentos e crenças são construídos, influenciados e perpassados por uma série de aspectos dos contextos que nos cercam. O entendimento desses aspectos como fenômenos que agem sobre nós tanto quanto nós agimos sobre eles é de fundamental importância para qualquer ciência que se proponha a um conhecimento funcional sobre o ser humano.

## REFERÊNCIAS

- Concentrarion Camp.** Disponível em: <<http://listverse.com/2007/10/21/top-10-moral-dilemmas/>> Acesso em: 20 DEFEV. 2016.
- BEDNAREK, M. **Emotion Across Corpora.** Hampshire: Palgrave Macmillan, 2008.
- BITTENCOURT, H. R. **Estatística aplicada à Psicologia.** Rio Grande do Sul: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2007.
- BULLIO, P. C. A socialização e a criança bilíngue. **ALFA**, São Paulo, v. 54 n. 2, p. 459-474, 2010.
- COSTA, A; FOUCART, A; HAYAKAWA, S; APARICI, M; APESTEGUIA, J *et al.*. (2014) *Your Morals Depend on Language.* PLoS ONE 9(4): e94842. doi:10.1371/journal.
- GESUELI, Zilda Maria. **Lingua(gem) e identidade: a surdez em questão.** Educ. Soc., Campinas , v. 27, n. 94, p. 277-292, Apr. 2006 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302006000100013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302006000100013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 09 de maio. 2016.
- HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to Functional Grammar.** Londres: Edward Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M.A.K; MATTHIESSEN, Christian M.I.M. **Introduction to Functional Grammar.** Obingdon, Oxon: Routledge. 2004.
- LOPES, V. M. **Subjetividade e discurso: um estudo da valoração na produção discursiva em língua estrangeira.** 2008. 181 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2008.
- MARCELINO, M. **Bilinguismo no Brasil: significado e expectativas.** Revista *Intercâmbio*, volume XIX: 1-22 2009. São Paulo: LAEL/PUC-SP.
- MARTIN, J.R.; WHITE, P.R.R. *The Language of Evaluation: Appraisal in English.* Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.
- MOITA LOPES, L. P. **A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada?** In. SIGNORINI, I; CAVALCANTI, M. (org). *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade.* São Paulo: Mercado das Letras, 1998.
- PRAXEDES FILHO, P. H. L.; MAGALHÃES, C. M. Audiodescrições de pinturas são neutras? Descrição de um pequeno *corpus* via sistema de avaliatividade. In. PONTES, Valdeci de Oliveira; CUNHA, Rosell Barros; CARVALHO, Ednúsia Pinto de; TAVARES, Maria da Glória Guará (org). **Tradução e suas interfaces: Múltiplas Perspectivas.** 1. Ed, Curitiba, PR: CRV, 2015, p. 99 – 130.
- PRAXEDES FILHO, P. H. L.;  
**A corpora-based study of the development of efl brazilian learners' interlanguage**

**from simplification to complexification in the light of systemic-functional grammar.** 2007. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2007.

QUADRO EUROPEU COMUM DE REFERÊNCIA PARA LÍNGUAS. Lisboa: ASA, 2001.

RAJAGOPALAN, K.A. **A Linguística Aplicada e a necessidade de uma nova abordagem.** São Paulo: Parábola, 2013. p. 77 – 80.

SERRANI-INFANTE, S. Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas. **DELTA**, São Paulo, v. 13, n. 1, p.63-81, Feb. 1997. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501997000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501997000100004&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 5 maio. 2016.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano.** 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sobre o behaviorismo.** São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1974.

THOMSON. J. J. The trolley problem. *The Yale Journal.* Vol. 94. No. 6. 1985.

TOURINHO, E. Z., TEIXEIRA, E. R., & MACIEL, J. M. (2000). **Fronteiras entre análise do comportamento e fisiologia: Skinner e a temática dos eventos privados.** *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(3), 425-434.

VEREZA, S. C. Quem fala por mim?: Identidade na produção discursiva em língua estrangeira. In: LOPES, L. P. e BASTOS, L. C. **recortes multi e interdisciplinares.** São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

VIAN JR, O. O Sistema de Avaliatividade e a Linguagem da avaliação In. VIAN JR, Orlando; SOUSA, Anderson Alves; ALMEIDA, Fabíola Sartin (org). **A avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no sistema de avaliatividade.** São Carlos, SP: Pedro & João, 2010.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE PESQUISA

<b>INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS</b>	
<b>PARTE 1. DADOS DEMOGRÁFICOS</b>	
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
_____	
<b>IDADE:</b>	<b>GÊNERO:</b>
<b>ESCOLARIDADE:</b> ( ) Ensino fundamental ( ) Ensino médio ( ) Ensino superior incompleto ( ) Ensino superior completo	<b>PROFISSÃO:</b>
<b>NACIONALIDADE:</b>	<b>NATURAL DE:</b>
<b>PARTE 2. DADOS PROFISSIONAIS</b>	
<b>ÁREA DE FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL:</b>	
<b>INSTITUIÇÃO EM QUE TRABALHA:</b>	
<b>MODO DE INGRESSO NA INSTITUIÇÃO:</b>	





## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: A influência da língua no conteúdo emocional da expressão de brasileiros falantes/escritores de inglês como L2: uma abordagem baseada no Sistema de Avaliatividade.

Esta pesquisa tem como objetivos: investigar variações no conteúdo emocional da expressão de brasileiros falantes de inglês como língua estrangeira, verificando:

1. Se o conteúdo emocional da expressão varia entre línguas.
2. Se esta variação está correlacionada ao tipo de decisão tomada por estes falantes quando expostos a dilemas morais em diferentes línguas.

Ao autorizar a participação neste estudo você irá preencher o questionário que acompanha este termo seguindo adequadamente suas instruções. Você tem liberdade de se recusar a participar e ainda de se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone ou e-mail do pesquisador e, se necessário, por meio do telefone ou e-mail do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará. Tais vias de contato constam na cópia deste termo, que você receberá.

A coleta de dados será feita através das informações contidas no questionário que acompanha este termo.

Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme resolução n. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e foram planejados para minimizar os riscos e desconfortos gerados. No caso desta pesquisa, **tais riscos estão relacionados a possíveis reações emocionais diversas, que serão minimizadas pela possibilidade de sua desistência em qualquer momento do procedimento.**

Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Sua identidade será referida com um código, e não com o nome. Apenas os membros da pesquisa terão conhecimento dos dados, assegurando assim sua privacidade.

Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo contribua com informações importantes para Linguística Aplicada, área que desenvolve conhecimentos importantes para as ciências humanas e ensino de línguas. Os resultados serão divulgados em publicações dentro da literatura desta área.

Você não terá nenhum tipo de despesa ao autorizar sua participação nesta pesquisa, bem como nada será pago pela participação.

Você tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo sem penalidades.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para permitir sua participação nesta pesquisa. Portanto, preencha os itens que seguem:

#### CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_ após a leitura e compreensão destas informações, entendo que minha participação é voluntária, e que posso sair a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum. Confiro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UECE que funciona na Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza-CE, telefone (85)3101-9890, **email cep@uece.br**

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Fortaleza, \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Telefone para contato: \_\_\_\_\_

Nome do Voluntário: \_\_\_\_\_

Assinatura do voluntário: \_\_\_\_\_

Assinatura do Pesquisador: \_\_\_\_\_

---

Contatos: IGOR AUGUSTO – (85) 986631306

[Igoraugusto.pro@gmail.com](mailto:Igoraugusto.pro@gmail.com)

Comitê de Ética (UECE) – Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza-CE  
CEP: 60.714.903 - Fone/Fax: (85) 3101-9600 – **E-mail: cep@uece.br**

## APÊNDICE C – EXCERTOS DE OCORRÊNCIAS DE ‘ATITUDE’-‘AFETO’

Excerto do texto	Categorias de ‘atitude’-‘afeto’
se não desmaiar por ceifar a vida de alguém	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’ avalia a si como desconfortável via conteúdo ideacional-experiencial (processo material ‘desmaiar’) em relação à ação de matar (metáfora ‘ceifar a vida’)
torcerei para que o que se encontra à direita sofra apenas alguns ferimentos	‘satisfação’, ‘positiva’, ‘evocada’ Avalia a possibilidade de evitar a morte do personagem da narrativa como sucesso, via conteúdo ideacional-experiencial processo mental.
<b>Infelizmente</b> , em tal caso, a lei me protegeria	‘felicidade’, ‘negativa’, ‘inscrita’ Avalia o resultado da ação de matar como triste, via modalizador inscrito.
ficaria um caco psicologicamente.	‘felicidade’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia a si como triste pelo resultado da ação, via conteúdo ideacional-experiencial metafórico.
Minha barriga já está doendo	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia a si como desconfortável frente à situação proposta, via conteúdo ideacional-experiencial, processo material.
Não me sinto <b>confortável</b>	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrita’ Avalia a si como desconfortável frente à situação proposta, via atributo inscrito.
não teria o sangue frio	‘satisfação’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia como frustração, via conteúdo metafórico, a incapacidade de atingir um objetivo proposto.
É uma escolha difícil de ser feita	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia a situação como desconfortável, o atributo ‘difícil’ não representa, ao meu ver, a não consecução do objetivo de escolher, mas o desconforto frente à natureza da escolha.
Apesar de ser uma decisão bem difícil	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia como desconfortável, via atributo, a natureza da escolha. Mesmo caso do excerto anterior.
eu agiria por instinto	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia a própria ação como incerta representando o adjunto ‘por instinto’ como uma ação não pensada, distante da racionalidade culturalmente valorizada por sociedades ocidentais (BEDNAREK, 2008).

Provavelmente, eu agiria por instinto e, <b>honestamente</b> ‘falando’, não sei prever qual seria a ação tomada por meu instinto.	‘segurança’, ‘positiva’, ‘inscrita’ Avalia a própria proposição (o processo verbal ‘falando’) como em adequação com sua experiência ideologicamente localizada, representando através do advérbio inscrito o conteúdo emocional de segurança quanto ao que diz.
do jeito que eu sou coração mole	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia a si próprio, metaforicamente (conteúdo ideacional-experiencial), como emocional, que em sociedades ocidentais representa oposição à racionalidade legitimada e segura. Por isso, a emotividade contida no excerto é categorizada como negativa (culturalmente) e do tipo segurança (irracionalidade, incerteza)
Matar nunca é moralmente permissível	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia a natureza da proposta como desconfortável, através do conteúdo ideacional-experiencial (processo relacional).
Matar uma pessoa ao invés de cinco é uma opção racional, não moral	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia a situação como desconfortável por estar entre os polos de moralidade e racionalidade, representando insegurança em relação à própria decisão.
me sentiria moralmente tão <b>arrasada</b> por matar um quanto por matar cinco	‘felicidade’, ‘negativa’, ‘inscrita’ Avalia a o resultado sobre si, via atributo inscrito.
<b>fatalmente</b> , tomasse a decisão de desviar o bonde para a direita a fim de fazer o menor número de vítimas	‘satisfação’, ‘negativa’, ‘inscrita’ Avalia o resultado da decisão através do modalizador ‘fatalmente’ como frustração em tomar uma decisão diferente da descrita no texto produzido.
não posso dizer que seria moralmente permissível	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia a situação proposta como incerta através do conteúdo ideacional-experiencial (processo material)
não me sentiria <b>culpada</b> pelo resultado do fato	‘segurança’, ‘positiva’, ‘inscrita’ Avalia o resultado da ação escolhida sobre si como conforto, através da negação do atributo inscrito ‘culpada’.
acredito que <b>sofreria</b> com o ocorrido	‘felicidade’, ‘negativa’, ‘inscrita’ Avalia o resultado da ação escolhida sobre si como triste, via processo mental emotivo inscrito.
talvez, seja instintivo que eu opte	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia como incerto o próprio

	posicionamento, através do modalizador ‘talvez’ e pelo caráter instintivo (não racional, incerto) do posicionamento tomado.
Esta é uma decisão muito difícil	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia a natureza da escolha como desconfortável através do atributo que representa a insegurança frente ao tipo de escolha.
não conseguiria tomar essa decisão	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia a si como desconfortável frente à situação proposta, o processo que realiza o significado ideacional-experiencial (conseguir) não representa a não consecução do objetivo de tomar uma decisão certa, mas o desconforto em lidar com a situação de dilema.
Seria mais fácil para mim	‘segurança’, ‘positiva’, ‘evocada’ Avalia a situação hipotética criada pelo próprio escritor como confortável via modificação do participante pelo atributo ‘fácil’.
Excerto do texto	Categorias de ‘atitude’-‘afeto’
For Christ’s sake – what kind of question is this?	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia a situação proposta como desconfortável através do significado ideacional-experiencial realizado pela união da interjeição com o questionamento acerca do caráter peculiar da situação.
I really do not know what we are able to become in such a situation	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia a própria ação (estendida a outros possíveis participantes) como incerta, através do significado ideacional-experiencial (processo mental ‘não saber’).
maybe I would pull the chair	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia como incerto o posicionamento tomado através do significado experiencial evocado pelo modalizador ‘maybe’
I do not know if I would live with the picture of pulling someone’s chair!	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia o resultado do próprio posicionamento como incerto e desconfortável através do significado ideacional-experiencial evocado pelo processo mental (não saber) e da metáfora da incômoda imagem de matar alguém puxando a cadeira que leva ao seu

	enforcamento.
<b>Appalling</b> situations to check my Portuguese and English, sir!	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrita’ Avalia as situações propostas como desconfortáveis através da inscrição do atributo emotivo ‘appaling’
Appalling situations to check my Portuguese and English, sir!	‘felicidade’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia o pesquisador como alvo de irritação por propor as situações presentes no questionário.
I’d try to save other inmate	‘satisfação’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia a própria ação como frustração através do significado ideacional-experiencial realizado pelo processo ‘try’ que representa diminui a efetividade da consecução do objetivo representado pelo processo ‘save’.
it wouldn’t be something easy to do	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia a situação como desconfortável através do significado ideacional-experiencial realizado pelo atributo ‘easy’.
In order to have some peace of mind	‘segurança’, ‘positiva’, ‘evocada’ Avalia o resultado do posicionamento assinalado através do significado ideacional-experiencial da expressão idiomática ‘peace of mind’
I don’t know if I’d sleep at night	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia o resultado de um posicionamento proposto sobre si através do significado ideacional-experiencial evocado pelo processo ‘não saber’ e pela metáfora ‘sleep at night’.
I could <b>feel a bit better</b>	‘segurança’, ‘positiva’, ‘inscrita’ Avalia o resultado de um possível posicionamento como confortável através do significado emocional inscrito ‘feel a bit better’
I’d feel deeply <b>guilty</b>	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrita’ Avalia o resultado de um possível posicionamento sobre si como desconfortável através da inscrição do atributo emotivo ‘guilty’
I don’t think I could stand being responsible for another person’s death	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia como incerto para si o resultado de ser responsabilizado pela morte de alguém através do significado ideacional-experiencial realizado pelo processo mental ‘don’t think’
Probably I would feel <b>guilty</b>	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrita’ Avalia o resultado de um possível

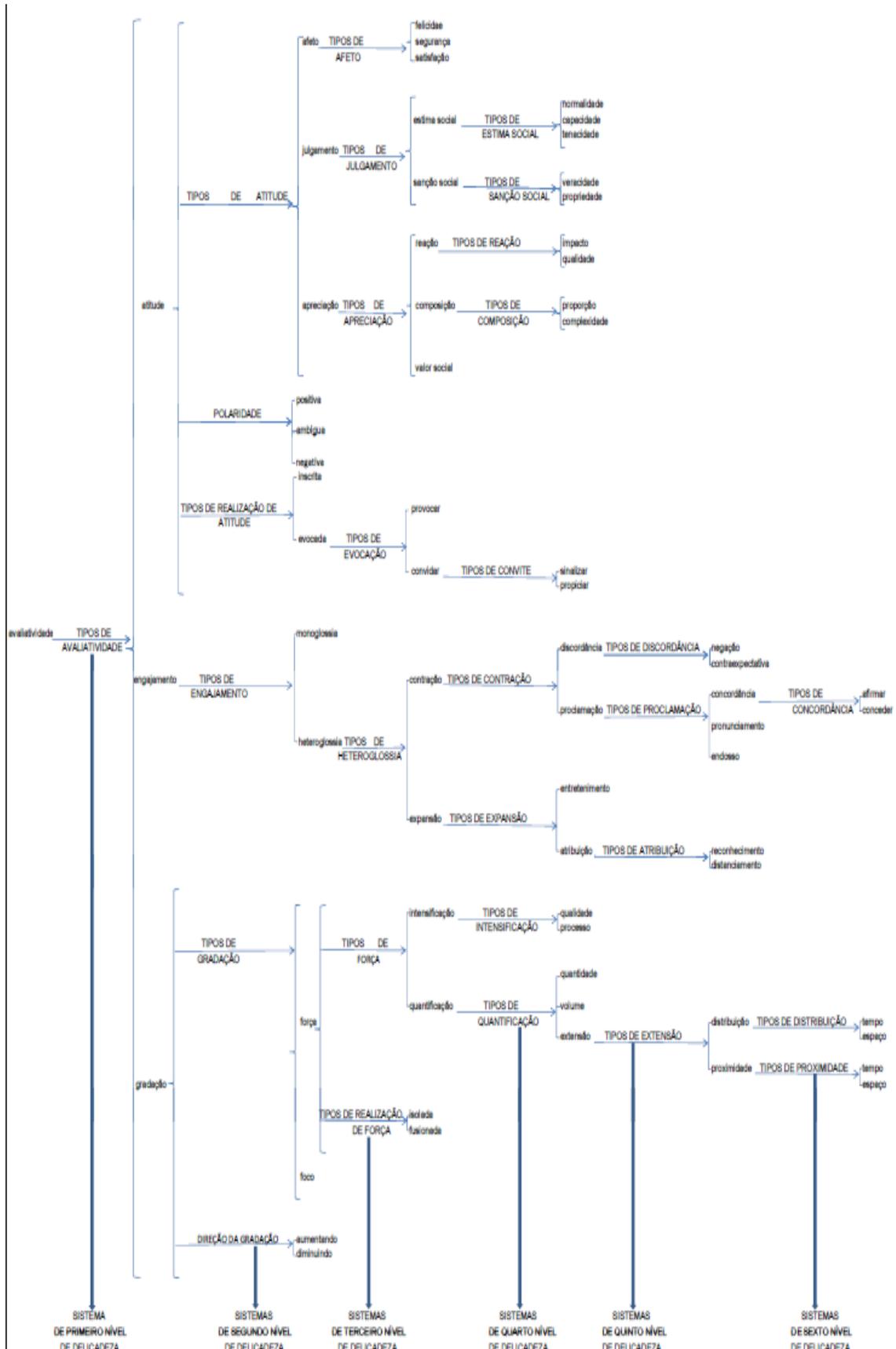
	posicionamento sobre si como desconfortável através da inscrição emotiva ‘guilty’.
I’d comfort myself by thinking	‘segurança’, ‘positiva’, ‘inscrita’ Avalia como confortável uma forma de pensar frente a um posicionamento assinalado, através do processo emotivo inscrito ‘comfort’.
I believe I would be loyal to my principles	‘segurança’, ‘positiva’, ‘evocada’ Avalia a própria ação como confortável pela adequação entre posicionamento possível e ideologia pessoal através do conteúdo ideacional-experiencial evocado pelo processo mental ‘believe’ e o grupo nominal ‘loyal to my principles’
My personal beliefs have led me to see all lives as SACRED.	‘segurança’, ‘positiva’, ‘evocada’ Avalia o próprio posicionamento como confortável, dada a concordância com uma ideologia de caráter religioso, emotivamente carregada. Esse significado é realizado através do atributo ‘sacred’
I would not have to live the rest of my ‘life’ with the <b>guilt</b>	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrita’ Avalia o resultado de um possível posicionamento como desconfortável através da forma nominalizada inscrita do sentimento de culpa: ‘guilt’
I am under pressure	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia a situação como desconfortável através do significado ideacional-experiencial evocado pela metáfora ‘under pressure’.
I may do it	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia a própria ação como incerta através do significado ideacional-experiencial evocado
It’s hard to pinpoint what morality is about.	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia a natureza da escolha como desconfortável devido à insegurança em relação à moralidade através do processo relacional que tem como atributo ‘hard’.
it’s hard to say something about the issue	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia a natureza da escolha como desconfortável, realizando insegurança através do significado ideacional-experiencial evocado pelo atributo ‘hard’ dentro do processo relacional.
even harder to decide over it	‘satisfação’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia a situação como frustração, dada a dificuldade diante do objetivo de decidir.

	O que diferencia essa realização das demais em que o atributo difícil/hard aparecem é que neste caso em especial o contexto diferencia o item avaliado em duas orações diferentes, fazendo com que a representação do mesmo atributo entre sob termos diferentes do Sistema de TIPOS DE AFETO.
maybe I would do what the guard was asking me	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia a tomada de posicionamento como incerta, através do significado evocado pelo modalizador ‘maybe’.
It would be very difficult to do this	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia a natureza da escolha como desconfortável, novamente a preocupação realizada pelo atributo ‘difficult’ não é com a consecução de um objetivo, mas com o desconforto despertado pela ação proposta.
I would possibly feel <b>guilty</b>	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrita’ Avalia o resultado de um possível posicionamento sobre si através do atributo emotivo inscrito ‘guilty’
I don’t consider myself in the position of deciding	‘segurança’, ‘negativa’, ‘evocada’ Avalia como desconfortável natureza da escolha através do significado ideacional-experiencial realizado pelo processo mental ‘consider’ que tem como participante o próprio escritor, que se apresenta como inseguro diante do dilema.
I think I <b>wouldn’t blame myself</b> later	‘segurança’, ‘positiva’, ‘inscrita’ Avalia o resultado do posicionamento sobre si como desconfortável através do processo mental emotivo inscrito ‘blame’.
I <b>wouldn’t want</b> to be responsible for that	‘segurança’, ‘negativa’, ‘inscrito’ Avalia a própria ação como desconfortável através da negação do processo mental ‘want’.
I wouldn’t want to <b>be responsible</b> for that	‘segurança’, ‘positiva’, ‘inscrita’ Avalia o resultado da ação como confortável ao negar a responsabilidade sobre possíveis repercussões negativas do posicionamento através do processo relacional que tem como atributo ‘responsible’.
I would certainly be saying that his killing action is not justifiable	‘segurança’, ‘positiva’, ‘evocada’ Avalia a própria ação como segura através do significado ideacional-experiencial realizado pelo modalizador ‘would’

	certainly'
I <b>don't want</b> to kill the inmate	'segurança', 'negativo', 'inscrito' Avalia a si como desconfortável com relação a situação através da inscrição do processo emotivo 'don't want'
I can't make a choice	'segurança', 'negativa', 'evocada' Avalia a si como desconfortável em relação às escolhas propostas pelo questionário através do significado ideacional-experiencial realizado pelo processo material 'can't make' que nesse caso não indica a não consecução de um objetivo, mas o desconforto sobre a situação.
I <b>don't feel comfortable</b> with killing	'segurança', 'negativa', 'inscrita' Avalia a si como desconfortável em relação à situação proposta através do processo mental emotivo 'feel' modificado pelo atributo emotivo 'comfortable'
I am seriously against killing someone	'segurança', 'positiva', 'evocada' Avalia o próprio posicionamento com segurança através da combinação dos significados ideacionais-experienciais realizados através do modificador 'seriously' e do posicionamento 'against'
I can't decide to help a guard kill someone	'segurança', 'negativa', 'evocada' Avalia a si como desconfortável em relação à situação proposta através do significado ideacional-experiencial realizado pelo processo mental 'can't decide'
I still can't decide	'segurança', 'negativa', 'evocada' Mesmo caso da ocorrência anterior
I wouldn't be able to make a decision	'segurança', 'negativa', 'evocada' O significado ideacional-experiencial realizado pelo processo modulado 'wouldn't be able' é semelhante a 'can't decide', porém com insegurança intensificada.
I'd spend the rest of my life wondering "what if?"	'satisfação', 'negativa', 'evocada' Avalia o resultado da própria ação como frustração em relação à tomada de uma decisão correta através do significado ideacional-experiencial realizado pela combinação da expressão 'spend the rest of my life' e da demanda 'what if'.

ANEXOS

ANEXO A – REDE DE SISTEMAS DE AVALIATIVIDADE ATÉ O SEXTO NÍVEL DE DELICADEZA



ANEXO B – TEXTOS DO *CORPUS* DIGITADOS

Penso que agir moralmente consiste em optar pelas ações que, previsivelmente, proporcionem maior bem-estar a todos os envolvidos. Agir moralmente não se restringe ao cumprimento do dever pelo dever, pois sabemos que as nossas ações têm consequências não só para o próprio agente como para os outros. Na situação descrita acima, acho que não teria o sangue frio necessário para tirar a vida de outras pessoas, mesmo que isso implicasse em prejuízo para a minha própria vida. Acho que o que conta são as consequências das ações, e que temos a obrigação moral de optar sempre pela ação que melhores consequências tenha para todos os envolvidos, ou que evite a maior quantidade de sofrimento possível.

É uma escolha difícil de ser feita, como é uma situação hipotética, acredito no que está escrito acima, embora, na prática, muitas vezes sejamos capazes de coisas que jamais pensaríamos fazer.

-

Antes de mais nada bondes não são conduzidos por motoristas, mas condutores. Seus caminhos são através de ruas dentro de uma cidade, não por vales. Deveria haver um aviso alertando sobre os homens nos trilhos, já que é uma curva (meu cunhado morreu aos 28 anos em uma queda do sexto andar porque o elevador em manutenção não foi travado). Se há um desvio, então salvarei a vida dos cinco e se não desmaiar por ceifar a vida de alguém, torcerei para que o que se encontra à direita sofra apenas alguns ferimentos – penso que o lado positivo prevalecerá. Infelizmente, em tal caso, a lei me protegeria pois como condutor(a) teria sido treinada para emergências e portanto teria que pensar na maioria: os passageiros juntamente com os cinco trabalhadores. Por minhas convicções religiosas ficaria um caco psicologicamente. Minha barriga já está doendo só em ter que fazer a leitura do texto e de tal escolha!

-

Não creio que seja *moralmente permissível* tirar uma vida, já que no meu entendimento, uma vida não tem preço. Mas sacrificar 1 para salvar 5 talvez, apesar de ser uma decisão bem difícil, pode ser a decisão certa a fazer.

-

Provavelmente, eu agiria por instinto e, honestamente ‘falando’, não sei prever qual seria a ação tomada por meu instinto. O que, sim, prevejo é que não haveria tempo de raciocinar e pesar os pros e contras de efetuar ou não o desvio... Mas, do jeito que eu sou coração mole, e caso houvesse alguma fagulha tempo, creio que, ao invés de usar o tempo decidindo, eu iria usar o tempo para acionar tod@s os meus protetores e guias espirituais para ‘fazer algo’ de modo que os trabalhadores saíssem do trilho. Em se tratando de vidas humanas, todas são importantes; escolher quem deve ou não viver está acima de minha capacidade moral.

-

Embora não haja forma de evitar o acidente e, fatalmente, tomasse a decisão de desviar o bonde para a direita a fim de fazer o menor número de vítimas, não posso dizer que seria moralmente permissível, uma vez que não me sentiria culpada pelo resultado do fato. Ainda que, legalmente, não respondesse pelo ato, acredito que sofreria com o ocorrido tentando analisar outras alternativas que, na hora, não observei.

-

Se, entre matar um, ou a matar cinco pessoas, eu tiver que fazer uma escolha, acho que, talvez, seja instintivo que eu opte por escolher a opção que traga menos vítimas.

-

Esta é uma decisão muito difícil. Em qualquer um dos casos a decisão fará com que a vida de alguém seja ceifada. A opção mais lógica seria fazer o desvio já que, assim, apenas a vida de um trabalhador seria sacrificada ao invés de cinco, caso o caminho fosse seguido sem desvios. Contudo, seguir o caminho direto, mesmo ceifando os cinco trabalhadores, era justificado por ser a rota predeterminada. Eu, pessoalmente, não conseguiria tomar essa decisão. Seria mais fácil para mim se houvesse a opção de apenas eu ser sacrificada.

-

Considerando haver vidas em risco, tanto no caso dos cinco trabalhadores quanto no caso do outro trabalhador, não há como justificar quem deve ser atropelado ou não. Nesse caso, em ambas as opções de caminho a seguir seria cometido um acidente com ou sem intenção de ferir, que poderia trazer riscos e consequências a todos os envolvidos. Ou seja, não seria moralmente correto atropelar quem quer que estivesse no caminho.

-

Fiz a escolha baseada no primeiro pensamento que me ocorreu ao término do texto. Penso que em uma situação onde não terei muito tempo para decidir, o primeiro pensamento seria minha decisão. A ideia é que eu causaria o menor dos males. Ao invés, de atingir 5 pessoas (todas podendo vir a óbito), apenas uma pessoa seria vítima.

-

“Matar nunca é moralmente permissível”, baseada nessa premissa, escolhi a opção (não) para a pergunta feita. Matar uma pessoa ao invés de cinco é uma opção racional, não moral. Qualquer decisão tomada na situação acarretaria em dano humano. A lógica me faria escolher matar um ao invés de cinco, mas eu acredito que me sentiria moralmente tão arrasada por matar um quanto por matar cinco.

-

Não me sinto confortável em ter de matar uma pessoa, afinal é uma vida, mas para poupar cinco vidas faria o sacrifício de uma. Se não havia como parar o bonde e eu teria de fazer uma escolha, acredito que o mais razoável seria tirar somente uma vida ao invés de cinco.

-

My personal beliefs have led me to see all lives as SACRED. Thus, I do not find it acceptable to agree in taking part in any kind of action which denies the right of living to any other human being. Whether being under threat or not, I believe I would be loyal to my principles and would find a way of being killed by the sadistic guard for not following his orders. I Know this would not stop Mr Sadistic, but, at least, I would not have to live the rest of my ‘life’ with the guilt of having ‘killed’ the man who was about to be hanged and charged guilty for trying to escape from the concentration camp.

-

I am under pressure, If I don't do it more people may be killed, not only me. I may do it but because if I don't other people and I will be dead.

-

Anybody in a concentration camp is deprived of the sense of judgment. For Christ's sake – what kind of question is this? Of course the pressure leads people to insane attitudes such as, attempts to get rid of the place – the aim is to survive. In order to save people's lives people become murderers – that is what you are asking me to become, sir? Well, I really do not know what we are able to become in such a situation – yes, maybe I would pull the chair, become a murderer trying to save someone's life but I do not know if I would live with the picture of pulling someone's chair! The fact is not only related to what is moral or not. The point is what people do to survive in such situation. Appalling situations to check my Portuguese and English, sir!

-

It's hard to pinpoint what morality is about, but we often discuss morality with ease anyway. There are many related ideas concerning morality, such as what we ought to do, right and wrong, and justice; but these ideas often have a nonmoral counterpart. Again, it's hard do say something about the issue, even harder to decide over it. If I were exposed to a situation like this, maybe I would do what the guard was asking me in order to save many other lives, although I don't really think that this is “morally permissible”. It would be very difficult to do this, and I would possibly feel guilty for the rest of my life.

-

I chose yes because I'd try to save other inmate. Even though it wouldn't be something easy to do, if I pulled the chair I'd be killing just one person instead of a group of people. In order to have some peace of mind, I'd always remember where I was, a concentration camp, a place where you expect people to die. I don't know if I'd sleep at night, but I'd keep in mind that I had killed just one person and had saved other lives. Maybe thinking this way I could feel a bit better.

-

I don't think that killing the inmate is morally permissible even if I didn't kill him somebody else would be killed. I don't consider myself in the position of deciding who lives or dies. So, it's not permissible for me to pull the chair.

-

I think I wouldn't do what the guard wanted because I wouldn't be responsible for the other murders, the guard would, even though I was sure he would do it, I think I wouldn't blame myself later, because killing other was his choice, not mine.

-

It seems that the decision to kill the only responsibility of the guard. That is, he (the guard) is the one who has made the decision to hang the other man. Thus, he should do it as a result of his own decision. If I pulled the chair and killed the man, I'd make myself responsible for the killing too and I wouldn't want to be responsible for that. Besides that, if he wants to kill some other innocent, he will probably do it anyway. So, by saying 'no' to him I would certainly be saying that his killing action is not justifiable.

-

I am seriously against killing someone. I can't decide to help a guard kill someone. That puts me in the position of being responsible for the death of two people. And I still can't decide. Morally permissible? Moral for whom? Considering who I am, my Christian upbringing, I wouldn't be able to make a decision, I'd see the guard kill the two and I'd spend the rest of my life wondering "what if?".

-

Although I don't want to kill the inmate about to be hanged, I know that no killing him by my own hands might result in his death and many others'. However, I can't make a choice since I don't feel comfortable with killing a single person.

-

Although I think I'd feel deeply guilty after that, I don't think I could stand being responsible for another person's death (an innocent one). So, if I had no other choice, but to pull the chair from the one who tried to escape, yes, I would do that. Probably I would feel guilty, but I'd comfort myself by thinking I had saved someone's life.